

Volume XIII - 2015

TAMISES

13

Academia de Letras da Grande São Paulo

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL

TAMISES

**REVISTA DA
ACADEMIA DE LETRAS DA
GRANDE SÃO PAULO**

13

PRO BONO ET BELLO

2015

Copyright@2015 – da ALGRASP

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da Academia de Letras da Grande São Paulo e do Autor.

Os conceitos emitidos pelos articulistas e/ou manifestantes são de inteira responsabilidade de seus autores.

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
M.Guaraciaba Gissoni Fenício

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Capista
Richard Mattos

Impressão
Hawaii Gráfica e Editora Ltda.



Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(0xx) 11 4221-1643
academiadeletrasp@algrasp.com

Composto em sistema de editoração eletrônica.
Impresso no Brasil

Academia de Letras da Grande São Paulo

DIRETORIA

Presidente de Honra
Paulo Pinheiro

Presidente
Maria Zulema Cebrian

Vice-Presidente
José Roberto Espíndola Xavier

Secretário
Celso de Almeida Cini

Tesoureiro
Claudio Rogério Braco

Bibliotecária
Maria do Céu Formiga de Oliveira

Conselho Fiscal
João Bosco
José Bueno Lima
Domingo Glenir Santarneckchi

Academia de Letras da Grande São Paulo

QUADRO SOCIAL



Cadeira 01

Patrono: Gustavo Teixeira

Acadêmico: SEBASTIÃO G. FERREIRA GOMES



Cadeira 02

Patrono: Olavo Bilac

Acadêmico: FLÁVIO FERREIRA DE MELO



Cadeira 03

Patrono: Guilherme de Almeida

Acadêmico: MARIA ZULEMA CEBRIÁN



Cadeira 04

Patrono: Rui Barbosa

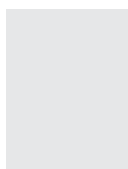
Acadêmico: AGNALDO L. SACRAMENTO



Cadeira 05

Patrono: Lima Barreto

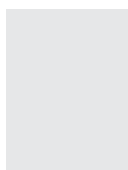
Acadêmico: MILTON BIGUCCI



Cadeira 06

Patrono: Machado de Assis

Acadêmico: VAGA



Cadeira 07

Patrono: Raul de Leoni

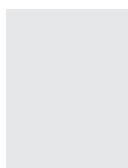
Acadêmico: VAGA



Cadeira 08

Patrono: Monteiro Lobato

Acadêmico: MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES



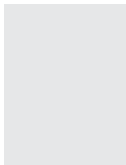
Cadeira 09

Patrono: Rinaldo Gissoni

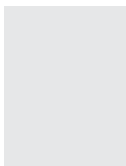
Acadêmico: VAGA



Cadeira 10
Patrono: José de Anchieta
Acadêmico: PADRE JORDÉLIO SILES LEDO



Cadeira 11
Patrono: Rocha Pombo
Acadêmico: VAGA



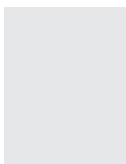
Cadeira 12
Patrono: Herculano Pires
Acadêmico: VAGA



Cadeira 13
Patrono: Alberto Torres
Acadêmico: MÁRIO DAL'MAS



Cadeira 14
Patrono: Álvares de Azevedo
Acadêmico: JOSÉ BUENO LIMA



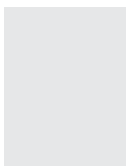
Cadeira 15
Patrono: Martins Fontes
Acadêmico: VAGA



Cadeira 16
Patrono: Euclides da Cunha
Acadêmico: CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS



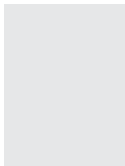
Cadeira 17
Patrono: José de Alencar
Acadêmico: JOSÉ CARLOS DONADÃO



Cadeira 18
Patrono: Judas Isgorogota
Acadêmico: VAGA



Cadeira 19
Patrono: D. Aquino Correa
Acadêmico: HUMBERTO DOMINGOS PASTORE



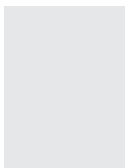
Cadeira 20
Patrono: Mário de Andrade
Acadêmico: VAGA



Cadeira 21
Patrono: José Lins do Rego
Acadêmico: HILDEBRANDO PAFUNDI



Cadeira 22
Patrono: Castro Alves
Acadêmico: JOSÉ JÚLIO FERNANDES



Cadeira 23
Patrono: Tristão de Athayde
Acadêmico: VAGA



Cadeira 24
Patrono: Alberto de Oliveira
Acadêmico: JOSÉ ROBERTO E. XAVIER



Cadeira 25
Patrono: Vinicius de Moraes
Acadêmico: SIMONE ALVES PEDERSEN



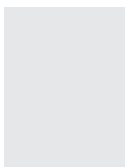
Cadeira 26
Patrono: Cecília Meireles
Acadêmico: EVA BUENO MARQUES



Cadeira 27
Patrono: Jorge Andrade
Acadêmico: LUIZ CARLOS BASTOS DE OLIVEIRA



Cadeira 28
Patrono: Catulo da Paixão Cearense
Acadêmico: JOÃO BOSCO DOS SANTOS



Cadeira 29
Patrono: Humberto de Campos
Acadêmico: VAGA



Cadeira 30
Patrono: Augusto dos Anjos
Acadêmico: GIOCONDA LABECCA



Cadeira 31
Patrono: Gonçalves Dias
Acadêmico: DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI



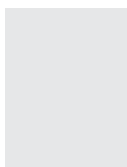
Cadeira 32
Patrono: Manuel Bandeira
Acadêmico: CLAUDIO ROGÉRIO BRACO



Cadeira 33
Patrono: Amadeu Amaral
Acadêmico: JOSÉ RAMOS VITORINO



Cadeira 34
Patrono: Carlos Drumond de Andrade
Acadêmico: DANIEL BELUCCI CONTRO



Cadeira 35
Patrono: Plínio Salgado
Acadêmico: VAGA



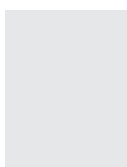
Cadeira 36
Patrono: Cora Coralina
Acadêmico: SILMARA R. CASADEI



Cadeira 37
Patrono: Afonso Schmidt
Acadêmico: CELSO DE ALMEIDA CINI



Cadeira 38
Patrono: Mário Quintana
Acadêmico: MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA



Cadeira 39
Patrono: Casemiro de Abreu
Acadêmico: VAGA

Cadeira 40
Patrono: Guimarães Rosa
Acadêmico: VAGA

Sócio Correspondente



ANTONIO ROBERTO DE CARVALHO



CARMEN LÚCIA HUSSEIN

SUMÁRIO

Pronunciamento	17
Profissão de Fé Acadêmica	19
Atividades Realizadas pela Academia de Letras	21
Intercâmbio – Revista Tamises nº 12	25

CONTOS & CRÔNICAS

Antonio Roberto de Carvalho

O Escultor e o Cristo	29
-----------------------------	----

Flávio Ferreira de Melo

A Galeria dos Gêmeos	32
A Gorda e Descomunal	32
Eu *mo Minh* G*t* Nin*	33
O escritor que não podia ler	34
Depois da Pausa – ou não os vejo aqui	34

José Carlos Donadão

A Árvore que falava (com os pássaros)	36
---	----

Hildebrando Pafundi

Presença de quem ama	39
Coração cheio de Amor	40

Mário Porfírio Rodrigues

Turismo para a Terceira Idade?	42
--------------------------------------	----

José Bueno Lima

Cindy	45
La Infancia de Jesús	46

Milton Bigucci

Quem paga a conta é o comprador do apartamento	48
Injeção de ânimo	49

João Bosco dos Santos

Nossas vidas com os cães	51
--------------------------------	----

Eva Bueno Marques

Saudosa lembrança – Grupo Escolar Coronel Manuel Pinto	54
--	----

Humberto Domingos Pastore

Não X Sim... Eis a questão!	58
-----------------------------------	----

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Os primeiros passos e a poética de Deus	60
---	----

Maria Zulema Cebrian

O Colecionador	64
----------------------	----

<i>Agnaldo L. Sacramento</i>	
A origem da Comunicação	67
<i>Domingo Glenir Santarnecchi</i>	
A evolução da Comunicação na Sociedade Moderna	70
<i>Clóvis Roberto dos Santos</i>	
A ética do profissional da Educação	72
Explicações piores que a ofensa	74
<i>Carmem Lúcia Hussein</i>	
Ensino de leitura criativa e redação de poesia para escolares	77
<i>Celso de Almeida Cini</i>	
Panorama Cultural – Prêmio Nobel de Literatura	81
<i>José Roberto Espíndola Xavier</i>	
Dr. Luiz Carlos Pereira de Almeida – Um cidadão Sul-São-Caetanense	92

POESIAS

<i>Rinaldo Gissoni</i>	
De Profundis	97
Meu Palco	97
O Tempo	98
Vozes das Coisas	98
<i>Gioconda Labecca</i>	
Oblata nº 1	99
Oblata nº 2	99
Oblata nº 3	100
Oblata nº 4	100
Oblata nº 5	101
Oblata nº 6	101
Oblata nº 7	102
Abandono	102
<i>José Ramos Vitorino</i>	
Tarde Demais	103
Último Portal	103
Endereço errado	104
Final da estrada	104
Tudo se foi	105
Último aviso	105
Mais uma vez	106
A Lei maior	106

<i>Humberto Domingos Pastore</i>	
Brincando com as palavras	107
<i>Sebastião Geraldo Ferreira Gomes</i>	
A Minha Amada	108
Leva-me	109
Barco da Ilusão	109
Felicidade é ser coração	110
Não destruam as flores	110
<i>Cláudio Rogério Braco</i>	
Trovas	111
Aikai	113
Bodas Espirituais	114
Prece a Nossa do Facebook e do Instagram	114
POSSES	
Discurso de posse da Presidente Maria Zulema Cebrian	117
<i>José Bueno Lima</i>	
Apresentação de Clóvis Roberto dos Santos	118
<i>Clóvis Roberto dos Santos</i>	
Pronunciamento de Posse	120
<i>João Bosco dos Santos</i>	
Apresentação de José Carlos Donadão	122
<i>José Carlos Donadão</i>	
Pronunciamento de Posse	126
CONCURSO DE CONTOS & CRÔNICAS - RINALDO GISSONI	
<i>Maria Zulema Cebrian</i>	
Discurso Premiação do Concurso Contos & Crônicas	133
<i>Celso de Almeida Cini</i>	
Pronunciamento do Acadêmico e Secretário	134
<i>Eva Bueno Marques</i>	
Pronunciamento da Acadêmica	135
<i>João Bosco dos Santos</i>	
Pronunciamento do Acadêmico	136

PREMIADOS

O ônibus da minha infância <i>Maria Aparecida dos Santos Vecchi</i>	137
Saudade é flor de pedra <i>Danilo da Silva Gonçalves</i>	139
De baratas e homens <i>Natália Corazza Padovani</i>	141
Carta aberta a um vizinho condômino <i>Andréia Palmeira</i>	142
Reciclagem <i>Natália Pilati Matta</i>	144
Escarlate <i>Camila de Almeida Costa</i>	146
A Herança <i>Silvana Peca Tomazelli</i>	149
Retratos <i>Helena Maria de O. Marçal</i>	151
Valor inestimável <i>Edivania Tavares da Silva</i>	153
Crônica de uma Multipara <i>Katia Fumie Hayashi M. Suzuki</i>	155

PRONUNCIAMENTO

Em meu primeiro ano como Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP, pude comprovar a enorme responsabilidade que este cargo contém em si, exigindo que se aja e se mova em busca do melhor modo de proceder. Não faço referência unicamente ao trabalho administrativo, mas, e acima de tudo, ao comprometimento literário e linguístico com nosso idioma e a qualidade dos trabalhos apresentados nesta edição da Revista Tamises 13.

Um trabalho árduo e profundo de análises e questionamentos amplamente discutidos e definidos entre os Confrades. Não basta apenas espontaneidade, estímulos ou vontade de realizar, é preciso antes de tudo, consciência e empenho para produzir trabalhos que acrescentem cunho literário e que os ponha em contato com a consciência do papel de Acadêmico.

Nossa Casa vive um momento de júbilo e regozijo, foi restabelecido o interesse de nossos Confrades, que têm acudido ao chamado desta instituição e vêm participando ativamente com grande exaltação criadora e inspiração entusiasta de todas as proposições apresentadas.

Ainda que, vivenciemos, atualmente, em nosso País momentos difíceis, não devemos esmorecer o trabalho acadêmico ou comprometer a literatura. Ao contrário, temos a nosso favor a ferramenta que pode transformar este caos em algo magnífico, esplendoroso. Somos artífices da vida e podemos criar o nosso oásis, o que não significa que ficaremos alheios aos problemas que torrencialmente, dia a dia, nos afetam; ao contrário, seremos a sementeira da esperança que brota da genialidade da escrita, com a qual pode-se irradiar o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que se deseja.

O objetivo desta edição segue os padrões de edificação e consolidação da preservação e da integridade literária na obra de cada autor, conservando, como decorrência, o melhor de nossa língua, de forma estruturada, permitindo ao leitor a absorção da importância desta

publicação. Nesta edição fui fiel à fluência original dos textos, ao mesmo tempo em que mantive a individualidade e a essência do espírito criativo de seus autores: nossos Confrades.

Trata, a Revista Tamises 13, de uma conversação escrita em torno de ideias e ideais, merecedoras de ponderação e reverência a todos que nos contemplaram como parte desta obra.

Agradeço a cada Acadêmico que honrou esta publicação com sua participação permitindo, uma vez mais, a possibilidade de editar a Tamises 13.

Aos autores e leitores os agradecimentos de

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo

PROFISSÃO DE FÉ ACADÊMICA

**POSSA A MINHA INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE
A SERVIÇO DO BEM E DO BELO**

**QUE O MEU TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**QUE EU POSSA, SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ, AMOR E CONFIANÇA**

**ASSIM ESTAREI RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS**

ATIVIDADES REALIZADAS EM 2015

JANEIRO:

Recesso - O Conselho Fiscal da Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP, reuniu-se no dia 19 de Janeiro de 2015, às 14h30, em sua sede localizada à Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 na cidade de São Caetano do Sul, para análise do Balanço Patrimonial e Demonstrativo Anual das Receitas e Despesas, bem como o Demonstrativo dos Gastos com Recursos Próprios e com a Subvenção recebida da Prefeitura de São Caetano do Sul, Estado de São Paulo para o ano de 2014.

FEVEREIRO

26 de Fevereiro, foi realizada a primeira reunião do exercício de 2015, para a apresentação da nova Diretoria para o Biênio 2015/2016.

MARÇO

19 de Março - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fez uso do auditório da Academia de Letras da Grande São Paulo para realização da Palestra *Expressionismo: Modernidade Visceral*.

26 de Março - Reunião de Diretoria da ALGRASP para definir atividades do ano.

ABRIL

Sete de Abril de 2015 - Sessão Solene da Academia de Letras da Grande São Paulo, Ato de Posse da Presidente Maria Zulema Cebrian e apresentação dos Resultados e Premiações do 1º ao 10º colocados no Concurso de Contos & Crônicas Rinaldo Gissoni – 2014.

23 de Abril - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou a Palestra *Vanguardas de Arte Russa: a Virada da Modernidade*.

27 de Abril - Reunião Mensal para tratar de Assuntos Gerais da Academia de Letras e Palestra proferida pela Presidente Maria Zulema Cebrian sobre o poeta e ator William Shakespeare, reconhecido como o

maior Dramaturgo de todos os tempos, sua imortal trajetória e dramaturgia universal.

MAIO:

Cinco de Maio - A Academia de Letras da Grande São Paulo, a Academia Popular de Letras e a Prefeitura Municipal de S. Caetano do Sul em parceria com a Fundação Pró-Memória abriram a exposição *Ouvindo estrelas* e lançamento do livro que dá nome à essa mostra. Foram apresentados painéis com reproduções de diversos poemas de autoria de Aguinaldo Bastos. Cada poema foi ilustrado pelo artista plástico Inos Corradin.

12 de Maio - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou a Palestra *Falando sobre Curadoria*.

21 de Maio - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fez uso do auditório da Academia de Letras da Grande São Paulo para realização da Palestra *Abstracionismos: de Kandinsky a Kutra*.

28 de Maio - Reunião da ALGRASP para tratar de assuntos gerais. Depois o Acadêmico João Bosco prestou homenagem póstuma ao escritor Antonio Melo. Encerrando a presidente Maria Zulema Cebrian encerrou a noite falando sobre William Shakespeare.

JUNHO

Oito de Junho - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou a palestra sobre a *"História de São Caetano do Sul"* com o renomado sociólogo Prof. José de Souza Martins.

18 de Junho - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou a *Palestra da Curadoria e das Exposições: dos Gabinetes de Curiosidades à Era das Bienais*.

25 de Junho - Reunião Mensal da ALGRASP para tratar de assuntos gerais e informações sobre o Planejamento das atividades da Casa. Depois pronunciamento do Professor e Acadêmico Clóvias B. Santos

sobre o trabalho em sua vida e lançamento do seu livro “*Eu, Professor*”.

JULHO

23 de Julho - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou a Palestra Exposição *A Crítica de Arte: mitologias e juízos*.

30 dias de Julho de 2015 – Reunião Mensal da ALGRASP para tratar de assuntos gerais. Em seguida Palestra proferida pelos Acadêmicos Domingo Glenir Santarnecchi e Humberto Domingos Pastore, comemorativa aos 138 anos da cidade de São Caetano do Sul, sede de nossa Academia, com o tema: “*Antes de São Caetano do Sul*”.

AGOSTO

11 de Agosto - Solenidade na Academia de Letras da Grande São Paulo comemorativa ao seu trigésimo quarto aniversário de fundação. O orador e Acadêmico Celso de Almeida Cini fez explanação desde sua fundação até os dias de hoje. Após a Presidente e Acadêmica Maria Zulema Cebrian declamou poemas dos ex-presidentes Rinaldo Gissoni, Gioconda Labecca e Leonardo Henke em homenagem a Rinaldo Gissoni. Em seguida Recital Poético das Acadêmicas Eva Bueno Marques, Maria do Céu Formiga de Oliveira, e do Acadêmico José Ramos Vitorino. A Presidente Maria Zulema Cebrian encerrou a solenidade.

Dias 15 e 22 de Agosto – A Biblioteca Paul Harris fez uso do espaço da Academia de Letras para apresentação da Oficina de Fotoliteratura.

20 de Agosto - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fez uso do auditório da Academia de Letras da Grande São Paulo para realização da Palestra *Mário de Andrade e a Crítica de Arte Moderna no Brasil*.

A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou sua Reunião Mensal no dia 27 de Agosto de 2015, tratando dos assuntos gerais e depois a Acadêmica e Presidente Maria Zulema Cebrian proferiu

Palestra cujo tema foi “*Como publicar um livro*” – do manuscrito à divulgação.

SETEMBRO

16 de Setembro – A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou Palestra sobre “*Fotografia – A Questão do Retrato fotográfico: Linguagem e acumulação como valor*, proferida pela Dra. Eli Roza do IEB - Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

17 de Setembro - A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, apresentou a Palestra do Ciclo História da Arte Italiana – *Antiguidade: Os primórdios etruscos; Roma (República, Império e Era Cristã)*.

24 de Setembro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou sua reunião mensal tratando de assuntos gerais e depois o Acadêmico Flávio Mello proferiu Palestra com o tema “Olavo Bilac – vida e obra”.

OUTUBRO

29 de Outubro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou Palestra “*Autonomia Municipal de São Caetano do Sul*” proferida pelos Acadêmicos Mário Porfírio Rodrigues e Mário Dal’Mas. Em seguida, coquetel de lançamento do livro “*Baú de Jornalista*” do Acadêmico Mário Porfírio Rodrigues.

NOVEMBRO

16 de Novembro – A Nova Acrópole do ABC realizou Palestra “Giordano Bruno e a Arte da Memória” e “Imaginação do Renascimento” em comemoração à décima semana de Filosofia, proferida pelo Professor Alberto Demétrio Hernandez Amigo.

26 de Novembro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou sua reunião mensal tratando de assuntos gerais e o lançamento da Revista “*Tamises 13*”.

DEZEMBRO

ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO realizou no dia 11 de Dezembro, Jantar de Confraternização e encerramento das atividades de 2015.

INTERCÂMBIO

Revista *Tamises* n° 12

No ano de 2015 a ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO, divulgou sua revista *Tamises* n° 12 a diversas Academias de Letras do Brasil, Jornais, Jornalistas, Entidades de Classe e visitantes, por meio de Intercâmbio Cultural mantido por nossa casa.

Academias

- ✓ *Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ;*
- ✓ *Academia Paulista de Letras, São Paulo, SP;*
- ✓ *Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA;*
- ✓ *Academia Paranaense de Letras, Curitiba, PR;*
- ✓ *Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória, PR;*
- ✓ *Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho, RO;*
- ✓ *ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro, RJ;*
- ✓ *Academia Amazonense Letras, Manaus, AM;*
- ✓ *Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim, ES;*
- ✓ *Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, RJ;*
- ✓ *Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE;*
- ✓ *Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu, MG;*
- ✓ *Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete, MG;*
- ✓ *Academia de Ciências e Letras de Maricá, Marica, RJ;*
- ✓ *Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro, RJ;*
- ✓ *Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus, AM;*
- ✓ *Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, GO;*
- ✓ *Academia Caxiense de Letras, Caxias, MA;*
- ✓ *Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana, MG;*
- ✓ *Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas, MG;*
- ✓ *Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre, MG;*
- ✓ *Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis, RJ;*
- ✓ *Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, RJ;*
- ✓ *Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo, RS.*

Nota: Recebemos de todas as Academias agradecimentos, revistas, jornais, e livros dos mesmos.

- ✓ *Jornal Diário do Grande ABC*, jornalista Ademir Médici;
- ✓ *Jornal A Tribuna do ABC* jornalista Antonio Júlio P. de Moraes;
- ✓ *Jornal ABC News*;
- ✓ *Rudge Ramos* Jornal;
- ✓ *Jornal Folha de São Caetano*;
- ✓ *Jornal ABC Repórter*;
- ✓ *Jornal ABCD Maior*;
- ✓ *Jornal Folha do ABC*;
- ✓ *Jornal Politika do ABC*;
- ✓ *Jornal de São Caetano*;
- ✓ *Jornal Giro ABC*;
- ✓ *Jornal Hoje* Jornal;
- ✓ *Jornal Gazeta de São Paulo*;
- ✓ *Jornal O Estado de São Paulo*;
- ✓ *Jornal Folha de São Paulo*;
- ✓ *Jornalista Arnaldo Niskier, Jornal das Letras*;
- ✓ *Jornalista Aníbal Cavalcanti*;
- ✓ *Jornalista Umberto Del Maestro*;
- ✓ *Jornal Ateneu Angreense de Letras*;
- ✓ *Jornal Tribuna de Lavras*;
- ✓ *Jornalista Ivis Gandra Marins*;
- ✓ *Jornalista Márcia Dutra*;
- ✓ *Neide B. Rego, Escritora e Jornalista*;
- ✓ *Dr. William Mofitt, Academia dos Escritores Médicos*;
- ✓ *Vencedores do último Concurso de Contos e Dissertações, promovido pela Algrasp*;
- ✓ *Ong Sebo Cultural de Campanha*.

Volume XIII - 2015

TAMISES

Contos & Crônicas

13

Academia de Letras da Grande São Paulo

O ESCULTOR E O CRISTO

(*) *Antônio Roberto de Carvalho*

Naquela manhã, a vida seguia monótona em Araçá. Mas quando a carroça atravessou a cidade transportando o enorme tronco de madeira, as pessoas saíram às janelas e às portas para saber do que se tratava. Até nós, meninos, interrompemos o futebol e ficamos observando. Vimos a carroça estancar, sob o comando de Germano. Seus condutores rolaram o tronco descomunal até o centro da praça da igreja, colocaram-no em pé e o cobriram com uma grossa lona parda.

Entendemos ser apenas um devaneio do excêntrico escultor que há anos aportara no município. Mas quando voltamos a cuidar do jogo e os adultos de seus afazeres, percebemos não haver outro assunto mais interessante que aquele para se comentar.

Germano era um homem de cara azeda, completamente avesso a falações. Dormia num banco da praça. Inicialmente nos deixou escabreados, depois percebemos ser somente um andarilho inofensivo e ficamos em paz. Durante o dia, metia-se nas matas em busca de pedaços de madeira. À noite, enquanto a cidade dormia, escalavrava os tocos, dava-lhes formas e expressões. De manhã, enfiava num saco de aniagem os formões, o martetele e a pedra de afiar, acomodava-os sob o banco e dirigia-se para o Empório São Judas Tadeu, levando pequenas esculturas para serem trocadas por alimento e bebida.

Chico Arruda, comerciante de pouquíssimos escrúpulos, fingia desinteresse. Olhava com desdém para as peças sobre o balcão e oferecia muito pouco por elas. Fiel ao seu habitual mutismo, Germano nunca contestava a transação. Voltava para a praça abraçado a enlatados de validade vencida e a vinhos envinagrados, e se dava por satisfeito.

Após a aparição do tronco, o escultor deixou de percorrer as matas e de procurar Chico Arruda. A partir daquele dia, não mais arredou pé da praça. Durante todo o tempo vigiava a peça protegida pela lona. Apenas altas horas da noite, quando a cidade se aquietava, ele retirava a cobertura e esculpia a madeira.

Certa manhã, percebemos que Germano havia se descuidado da vigília e espalhamos a notícia. A praça ficou entupida de curiosos. Chico Arruda chegou ofegante. Já se sentindo dono da peça, arrancou a capa protetora com um safanão e desnudou a escultura.

A comoção foi tão grande ante a exposição da obra que, naquele exato momento, principiou-se uma ladainha em louvor a Nossa Senhora das Dores que nunca mais cessou,

pois, à reza dos araçenses, uniu-se a oração dos infindáveis romeiros que passaram a chegar em comboios ao lugarejo ermo, até então abandonado à solidão da Serra da Mata mineira.

Tratava-se da mais perfeita imagem em tamanho natural da mãe do Cristo, ostentando nos braços o corpo imolado do filho. Tamanha era a verdade emanada dos olhos zelosos de Nossa Senhora, que passaram a atribuir a ela meia dúzia de graças alcançadas ali mesmo, naquela inesquecível manhã.

Com a fama da escultura a se propagar vertiginosamente, criou-se um rebuliço tão intenso em Araçá, que o vigário mandou ampliar o templo, construir um salão para os romeiros, com lavabos e alojamentos. Solicitou também ao bispo que fossem remetidos padres adjuntos para atender à demanda. Os devotos paroquianos destituíram São Judas Tadeu da condição de padroeiro do município e colocaram-se sob a tutela espiritual de Nossa Senhora das Dores. O prefeito providenciou o alargamento e o capeamento das ruas estreitas e descalças. O delegado tratou de aumentar o contingente policial com o intuito de equilibrar o repentino caos instaurado na cidadezinha. Os ilustres vereadores, prevendo considerável aumento de tributos municipais, concederam-se generosos acréscimos salariais.

O comércio cresceu descontroladamente devido à invasão dos camelôs, com suas barraquinhas multicolores e seus gritos dissonantes, disputando a atenção e os cobres dos transeuntes sedentos de graça; oferecendo-lhes a preços exíguos todas as quinquilharias necessárias à purificação dos pecados, fossem eles mortais ou veniais. Sem o menor constrangimento, empurravam sobre a gente desprovida de malícias, incensos nauseabundos, bugigangas sacras, réplicas miniaturadas da imagem da santa milagreira, velas, castiçais e uma infinidade de objetos comprovadamente eficazes para a remoção das nódoas daquelas almas endividadas.

A praça se tornou inabitável. Germano não viu outro jeito a não ser mudar-se para a capela mortuária do cemitério, em busca de sossego. Para lá levou as velhas ferramentas e tentou dar continuidade à sua arte. Mas, apesar de ser ali o único lugar isento do turbilhão sísmico, do fanatismo religioso e do comércio oportunista, não encontrou paz que lhe restabelecesse a inspiração. Era como se a confecção da santa tivesse sugado todo o seu manancial inventivo. Ficou nulo. Vazio. Impotente.

A sobriedade do retiro, somada à indolência constante e à fome, fez Germano mergulhar numa profunda depressão. Adoeceu no corpo e na alma. Chorava, vendo os formões enferrujarem-se e o martetele jogado num canto da capela.

O dono do antigo empório, transformado agora no imponente Supermercado Nossa Senhora das Dores, tendo vendido com sobra de lucros as peças trocadas por vinho azedo e

comida estragada, procurou Germano a fim de lhe propor promissora sociedade. Como encontrou o artista decadente e incapacitado para a produção, desistiu da investida. Achou melhor negociar as miniaturas pré-fabricadas da padroeira.

À noite, quando a cidade sossegava e os vendedores recolhiam suas barracas, Germano esgueirava-se até a praça e ficava sentado num banco defronte à santa, mirando-a, rogando em muda oração que ela lhe devolvesse a inspiração perdida. Mas a mãe do Cristo, impassível à súplica do artista, mantinha os olhos piedosos voltados apenas para o filho morto em seus braços.

Numa madrugada, acometido de intensa febre, o escultor dirigiu-se, sob incessante tempestade, à praça da igreja, levando as ferramentas. Protegido pelo rumor do temporal, reentalhou a madeira.

Quando os primeiros raios de um sol frouxo refletiam luzes nos espelho das poças, os camelôs que chegavam para o trabalho precisaram esfregar os olhos sonolentos para se certificarem de que a cena à sua frente não era apenas a miragem de um sonho surreal: Germano havia arrebatado dos braços de Nossa Senhora das Dores o corpo do filho ferido e deitara-se no lugar dele; braços pendidos, carcaça inerte. Em sua face, finalmente, a mesma serenidade estampada no semblante do Cristo deposto.

Antônio Roberto de Carvalho
Sócio Correspondente

A GALERIA DOS GÊMEOS

() Flávio Ferreira de Melo*

Hoje vi o fotógrafo do colégio onde trabalho perfilando um grupo de alunos, todos gêmeos... seis deles, quatro meninas e dois meninos... Vi ao longe, fim do corredor, os três pares de irmãos... foi difícil depois disso dar minha aula, aquela imagem na cabeça...

Era um prisma tocado docemente pelo sol, propagando no ar um colorido delicado... Na parede vi um baile de luzes avivadas que giravam tontas e cintilantes.

Era um jogo de espelhos... lâminas cristalinas... que se multiplicavam sobre o piso. O reflexo perfeito de seis jovens idênticos dissipados no tempo.

Era como uma Galeria de Arte com a temática de autorretratos... onde o artista, e a artista, tenham se pintado em duas poses diferentes. Daí fiquei pensando... um pai, uma mãe, de filhos gêmeos, seriam como um artista plástico dando à luz duas vezes a sua própria alma? A imagem me parecia perfeita.

Jovens representações da alma duplicada de um artista apaixonado pelo espelho.

Não sei.

GORDA E DESCOMUNAL

Confabulando

Ela era gorda e descomunal.

Ela era gorda e descomunal, mas isso não lhe fazia sentir-se mal... nem ligava pra dizer a verdade.

Ela ficava lá... olhando pro nada, calada, em si mesma fechada.

Ela era gorda e descomunal sim, mas e daí? Desde quando isso desmerece ou deprecia alguém, ela tem lá suas qualidades. Acredito eu!

Ela ficava lá... entre livros, entre linhas, entre prateleiras, entre capas, entre palavras.

Ela adorava ler.

Sua mãe sempre lhe dizia: Filha... isso vai acabar te matando.

Ela ironizava: Que é isso mãe... o que não mata engorda.

Ela era gorda e descomunal.

Vivia entre livros.

Vivia nas bibliotecas.
Com ou pouca luz...
Com ou pouco mofo...
Devorava palavras, frases, parágrafos, páginas, capítulos, livros inteiros.
Entre oração e oração cometia o pecado da gula.
Ela era assim...
Uma traça gorda e descomunal que um dia morreu entre Camões e Machado de Assis, pressionada com tanta erudição não suportou a pressão.

EU *MO MINH* G*T*NIN*

Para Adriana Andrade e sua gata

Neste tempo frio meus pés ficam gelados, minha mão então nem se fala, para teclar é um sacrifício. Minha gata ronronando sua sedução felina me serve ora de pantufa, ora de luva... quando luva não consigo trabalhar.

Seus bigodes me fazem cócegas na bochecha.

Adoro o aroma de café pela casa, e pela manhã pós-banho de todo-santo-dia ele se mistura ao cheiro dos meus cremes e se espalham como enigmas pelos cantos da casa. Minha gata sobre o sofá recebe a luz vinda da janela entreaberta e parece um ídolo egípcio longínquo.

Quando espalho meus trabalhos pelo chão, para ter uma melhor perspectiva do que estou fazendo, sou artista plástica, não falei? Perdoa... pois bem, ela, minha gata caminha sobre a tinta e suas pegadas fazem do chão de madeira uma pintura mítica perdida no cosmo, gatos são artistas matreiros.

Pois bem, fui inventar de deixar meu computador sobre o sofá e saí para preparar o café... quando voltei minha Nina estava sobre ele e com extrema facilidade arrancava as teclas uma a uma... fiquei confusa e com medo de gritar (não consegui me segurar, gritei com ela...) mas era tarde, havia acabado de engolir algo. Depois de horas montando o quebra cabeça e colocando as letras na ordem correta, não encontrei a letra A... logo pensei: eis a tecla que essa danada devorou... agora quando escrevo sobre ela e nosso amor o que sai é apenas e tão somente, um: eu *mo minh* g*t* Nin*, mas isso já nos vale... não sentimos falta dessa letra, pois tudo se complet*.

O ESCRITOR QUE NÃO PODIA LER

Quantas imagens, meu bom Deus, perdi... quantas imagens em vão se foram por meus dedos, como areia, pensamentos. Não vi o pôr-do-sol, não vi o lusco-fusco, vaga-lumes embriagados, não vi o farol iluminar a orla, nem a famosa cauda da jubarte. Por que, por que não pude ver, por que me cerraram os olhos, por que me cerraram a visão?

Quantas imagens perdi, ouvi um homem dizer que uma estrela cadente encontrou o mar, e que naquele momento, o mar estava calmo, não havia ondas, não havia sinal de chuva, e, que o mar, onde a tal estrela cadente caíra, iluminou-se com um brilho prata, como uma metáfora, como uma sinestesia. Por que sou privado disso?

Quantas imagens perdi, minha esposa teve uma menina, o médico disse, – É uma linda menininha... E minha esposa: – Amor é a sua cara, tem seu queixo, seus olhos... Que olhos, olhos que não me servem de nada, não me presenteiam com imagem alguma...

Não sinto prazer, não sinto o gosto das frutas, fotografias são papéis, telas são ranhuras de paredes danificadas, letras pontos elevados, e o amor... uma imagem que não posso descrever, pois fui privado de vê-lo.

DEPOIS DA PAUSA¹

ou não os vejo aqui

O Tempo corrói e oxida não só o portão de ferro e a porta da entrada, não derrama seu véu de poeira e torna opaca apenas a mobília da sala, o Tempo se perde também nos retratos, tanto de amigos como de entes queridos, e ele faz tudo isso também, com a memória.

Tudo fica mais triste depois de certo tempo de esquecimento.

A casa havia sido restaurada há pouco e parecia nova. Recém-construída. Bonita. Belo sobrado nos moldes coloniais, construído com cuidado. Esmero. Um azul suave dá cor às paredes emolduradas por arabescos, janelas e portas de cercaduras brancas. Magnífica se mantém em riste através do tempo. Lá por muito tempo viveu o poeta. Lá ele escreveu, pintou, esculpiu, fotomontou, amou, sofreu e sorriu. Lá ele foi humano.

Entretanto, o Tempo não é dado à poesia, e é cruel com os poetas o mesmo tanto que é cruel com os mortais.

A figura do poeta na parede da sala vai desbotando. A sombra do tempo ganha os cômodos e se acomoda, faz morada. Os livros, quadros, esculturas, fotos e a maleta do Doutor adormecem.

O poeta não precisa mais dos pincéis, das canetas e lápis preferidos, não os vejo aqui. Quadros, livros queridos ganharam outras estantes, outras paredes, não os vejo aqui. Há apenas, em uma das paredes, um único quadro e assim como o Guerreiro Jorge, ali retratado mantém-se firme ao que foi pintado, os outros tantos, não os vejo aqui. Os instrumentos, receituários e o avental, não os vejo aqui. A mesa de trabalho, local onde sua pena correu o papel poroso e gerou magníficos trabalhos, hoje é opaca e sobre ela uma camada grossa de poeira e descaso adormece, e a cadeira, na qual o poeta se sentou? Amigos, pessoas queridas se acomodaram? Perde o forro e assim como a mesa, o brilho.

Não sei para onde foi o retrato órfão de seu pai. Não o vejo aqui.

...

Caminho como que entorpecido, não acredito no que vejo, tudo é artificial, reprodução, tudo é uma cópia do que um dia foi real. E a beleza do todo é congelada nas fotografias que faço trêmulo e estarrecido.

Um gosto aziago na boca, quero cuspir, mas a escarradeira do Governo e do Ministério da Cultura está muito distante. Engulo.

O Tempo e o Descaso copularam naquele lugar sagrado, e eu os vejo aqui.

Pausa.

Para Jorge Lima 1. Alagoas meados de 2013 – Casa de Jorge de Lima

A ARVORE QUE FALAVA (com os pássaros)

(trecho inédito do livro infantil não publicado)

() José Carlos Donadão*

“O Coronel curti alguns hábitos nada comuns entre os seus colonos e empregados. Ele costumava se levantar bem cedo, antes mesmo dos vaqueiros reunirem as vacas nos currais, para a ordenha diária. Ele parecia espreitar a todos. Alguns chegavam a se assustar com ele. Chamavam-no, secretamente, de assombração, pois ele aparecia do nada. Ainda durante a manhã, enquanto todos trabalhavam, ele tirava um cochilo. Fazia o mesmo à tarde.

Entre os seus hábitos incluiu uma visita esporádica ao bosque. Isso era um pretexto para ver como é que a mangueira estava se saindo com o seu anfitrião: o pé de goiaba.

Numa dessas manhãs, encontrou-se com Eugênio fazendo a capina em redor da mangueira. O Coronel aproximou-se e percebeu que enquanto ele capinava, ele conversava com a árvore. Quando chegou bem perto, o Coronel perguntou-lhe:

— Muito bem, senhor Eugênio. O que o senhor fala para ela eu posso ouvir. Gostaria de saber o que ela responde para o senhor!

Eugênio, sem sentir-se molestado com as palavras do Coronel, prontamente lhe respondeu:

— Ela não me responde com palavras, Coronel. Ela me responde com atitudes. Eu converso com as plantas e elas me retribuem com flores, frutos e folhas cheias de viço. Assim deveriam ser os homens. Quiçá, pudessem eles nos retribuir, com atitudes dignas e sabedoria, toda vez que nós os elogiássemos.

O Coronel fez-se de rogado, e já ia se retirando, quando Eugênio lembrou-se da história da manga com leite, e rapidamente sacou do bolso um livreto com diversas receitas de manga e ofereceu-o a ele:

— Coronel, se o senhor me permite eu gostaria de presenteá-lo com este livro de receitas de doces, cujo ingrediente principal é a manga. Nele o senhor poderá observar

que em quase todas as receitas, a combinação principal é de manga com leite, em diversas formas e derivações.

O Coronel olhou-o e perguntou assustado:

— Você tá querendo me envenenar?

Eugênio, sorrindo, então lhe explicou o porquê da controvertida mistura:

— Conforme eu já falei para o senhor, Coronel, a mangueira foi trazida pelos portugueses, nos idos de 1700, época do Brasil Imperial. Inicialmente introduzida no sul da Bahia, aclimatou-se rapidamente por todo o território nacional, com uma variedade muito grande de saborosos frutos, os quais são desde aquela época consumidos ao natural ou em forma de doces, compotas, sorvetes e sucos. Ocorre que no Brasil Imperial, os escravos cuidavam de tudo. Da plantação e da ordenha, também. Por isso tornava-se difícil controlar o consumo desmedido deles. As mangueiras produziam muitos frutos e estes quase não chegavam às mesas dos senhores donos das terras. Alguns escravos saboreavam tanto as frutas, que frequentemente eram acometidos de fortes dores estomacais e adoentados faltavam ao trabalho. Os proprietários das terras, então, para conter o consumo e poder contar com a totalidade da mão de obra escrava, inventaram que o leite misturado à manga levava à morte.

Então eles optavam entre o leite e a manga. Se, bebiam leite, não comiam manga e vice-versa. A história acabou se tornando um mito que perdura em alguns recantos até os dias de hoje. Mas, cientificamente está provado que existe uma perfeita harmonia entre os dois e mais, ambos formam uma bela dupla para os mais finos paladares.

O Coronel prestou bastante atenção e mesmo com um ar de desconfiança, disse para Eugênio:

— O senhor me faria muito gosto se qualquer dia desses fosse até a minha casa, e convencesse o pessoal de lá a comer dessa mistura de leite com manga!

Eugênio acenou afirmativamente com a cabeça e prometeu ao Coronel:

— Está prometido. Vamos tomar juntos, um sorvete, cuja receita o senhor irá recomendar a todos os seus amigos.

Eugênio sabia que o Coronel, pela sua postura arrogante, era uma pessoa de poucos amigos. Sabia, também, que sua palavra era soberana e, portanto, suas proibições, mesmo esdrúxulas, como aquela, dificilmente seriam revogadas. Mas, quem sabe, pensava ele, sendo coerente e objetivo, ele conseguiria demovê-lo daquela ideia infeliz.

José Carlos Donadão
Cadeira 17 – Patrono José de Alencar

PRESENÇA DE QUEM AMA

(*) *Hildebrando Pafundi*

Não existe distância para quem ama, a força do amor em pensamento nos traz a presença de quem amamos ainda que ausente.

Dois dias depois do inexplicável término de seu namoro de quase três anos, Aderaldo, naquela tarde de sábado, refletia sobre os relacionamentos. Não havia lógica, apesar das discussões que vinham tendo, sabia que ela ainda o amava.

Sentia sua presença, embora não estivesse ali, fisicamente. Podia sentir-lhe a cabeça encostada ora em seu ombro direito, ora no esquerdo. Por vezes, sua delicada mão lhe acariciava as costas e, seus dedos percorriam-lhe suavemente a nuca, depois lhe acariciava o rosto e, provocativa enfiava-lhe a língua no ouvido. Enlouquecia, porque ela não se encontrava ali, era seu espírito que o atormentava.

Desgostoso e amuado resolveu sair, ir a um baile como sempre fazia aos sábados.

— Acabarei encontrando-a no clube. — pensou.

Pela cabeça de um homem, perdidamente apaixonado, passam coisas absurdas. Isso poderia estar ocorrendo. Convidou para dançar a primeira dama com quem trocara olhares.

Os passos seguem o ritmo da música. Uma seleção de sambas. Mas não gostou dessa parceira e quando para, leva-a educadamente até sua mesa.

Uma nova seleção, agora de boleros, começa e ele convida outra dama, loira, que achara parecida com sua ex-namorada; aquela que mesmo ausente mantinha-se sempre presente deixando-o neurótico. Sequer ousava pronunciar seu nome.

Os ritmos vão diversificando-se: forró, rock, mambo, samba-canção, chá-chá-chá, valsa... Até um tango, os músicos inventaram de tocar! Mas ninguém ousou dançar! Nem ele que era exímio dançarino. As mulheres que estavam naquele baile não conheciam os extravagantes e complicados passos, muito apreciados nas exposições de palco e programas de televisão. Ah! Esse ritmo argentino!

A banda, sem outra alternativa, retornou aos ritmos tradicionais da dança de salão.

Aderaldo, sem perceber, estava sentindo a imagem invisível de sua amada, incorporada por ele a cada uma das mulheres que convidava para dançar. Era capaz de sentir seu hálito, suas mãos em suas costas, seus beijos ardentes na boca e no ouvido. Sentia-se cada vez mais excitado.

Ainda que sem beber, sentia-se embriagado. Estava realmente ficando louco.

Queria acalmar-se, deixar de ter alucinações, não queria mais saber daquelas visões. Resolveu tomar uma cerveja e esperar... O que aconteceria? De nada adiantou.

Preferiu retornar para sua casa e abrir o túmulo. Há dois dias, cavara-o no terreno vazio existente nos fundos. Ali sepultara o corpo de Adelaide. Matara-a há dois dias; ali estava seu corpo como ele o colocara.

Pensou no quanto era estranha essa história. Como ela pode aparecer à sua frente, ao seu lado, beijá-lo, abraçá-lo em sua casa, no baile ao qual fora depois de matá-la? Com podia, ademais, provocá-lo com beijos ardentes de língua?

Nunca haveria respostas para essas perguntas

Uma bala de um revólver calibre 38 acertou-lhe o centro do coração. Estranhando, dois dias de desaparecimento, o irmão de Adelaide, resolvera persegui-lo para falar com ele. Não houve necessidade.

Aderaldo e Adelaide nunca mais se separarão, pois agora estão sepultados no mesmo túmulo.

CORAÇÃO CHEIO DE AMOR

Fome, ele tinha bastante, não apenas de alimentos, mas de cultura, poesia e prosa. Teatro e cinema eram aperitivos, quando o apetite demorava a chegar e não conseguia produzir para alimentar sua fome de textos.

O papel estava em branco e nem uma ideia sequer para a criação. Nada. Nem um *insight* para conto ou crônica. Tampouco havia inspiração para escrever poesias.

Muitos intelectuais e escritores dizem não lhes faltar assunto para escrever, assim que a data de entrega do texto à chefia da redação, para publicação chega, ele surge do nada. Às vezes pode não agradar ao próprio autor, porém, sempre acabará encontrando algum leitor sensível ao que escreveu, que goste e até elogie, enviando carta à redação da revista ou do jornal.

Um apetite que vem chegando devagar explode de repente, a ideia brota como uma planta ao amanhecer, uma flor que se abre ao início da primavera.

Precisava falar do amor que sentia por ela, e era tão difícil, naquele momento, expressá-lo em palavras. Era preciso escrever depressa, antes que se distraísse e aparecesse outro tema para atrapalhá-lo. Seu coração estava cheio de amor e em seu corpo a sensualidade transbordava.

Devaneios.

Convido-a para dançar.

Corpos próximos, rostos colados. O beijo no rosto pedindo desculpas por um passo de dança errado.

Não foi um beijo roubado como tentara insinuar. Foi consentido e compartilhado o beijo na boca no final do samba-canção. Os lábios abertos, colados, as línguas procurando a parte sensível provocavam mais prazer. Dialogavam!

A dança tornava-se cada vez mais sensual e erótica. Os gestos, os passos, mãos provocativas. Gostaria que ela fosse tirando-lhe a roupa lentamente e lhe permitisse tirar a sua, bem devagar... Os corpos desnudando suas mais íntimas partes; ao fundo o som de uma música romântica.

E assim, sem sair da mesa onde estivera sentado em confortável cadeira, termina de escrever mais um conto. Talvez o inclua em seu próximo livro ou envie para alguma revista cultural alternativa. Depois resolverá esse detalhe.

— Mas e o final? — faz a pergunta mentalmente a si, que também responde.

— Fica a critério dos leitores.

Hildebrando Pafundi
Cadeira 21 – Patrono José Lins do Rego

TURISMO PARA A TERCEIRA IDADE?

() Mário Porfírio Rodrigues*

Em 1964 realizei minha primeira viagem para o exterior e fui conhecer Buenos Aires, na Argentina. Transcorrido meio século já visitei 34 países das três Américas e da Europa, passando pela África. Na maioria deles estive para tratar de negócios de exportação e importação. Após me aposentar, em 1997, voltei a alguns desses países como turista e passei a visitar vários outros. Na qualidade de representante de uma indústria argentina de caramelos, na década de 70, houve períodos em que viajei para Buenos Aires duas, três e até quatro vezes em um ano.

Os negócios terminaram, deixei de representar a empresa argentina, mas desde então, cada dois ou três anos, com minha esposa, íamos conferir a beleza da capital portenha, sua culinária e seus admiráveis shows de tango. A cada visita, aumentava mais a nossa saudade da Buenos Aires de 1970/1980. As mudanças que encontrávamos a cada dois anos não aumentavam a admiração que tínhamos por aquela cidade.

Quando se está em um país estranho considero até compreensível que uma ou outra coisa não ocorra a contento. Julgo compreensível porque cada povo tem seus usos e costumes e, em umas cidades, o turista se sente melhor do que em outras. Há a considerar o tipo de relacionamento com as pessoas, a alimentação, temperos, acesso aos locais que deseja visitar, enfim uma série de diferenças que algumas vezes podem ser menos agradáveis.

Tudo isso, porém, sempre foi irrelevante para mim e, no conjunto, gostei de todos os lugares que visitei nesses 34 países visitados, logicamente mais de uns do que de outros.

Essas considerações todas são feitas porque há mais de cinco anos não vou a Buenos Aires. Minha última viagem a essa capital portenha foi em novembro de 2010. Dois anos antes, lá havíamos passado o réveillon de 2008. Nessa oportunidade já havia notado algumas diferenças sensíveis que não agradaram nem a mim nem à minha esposa. Na última viagem fiquei surpreso com o que presenciei e com os fatos dos quais, desgraçadamente, fui participante.

Chegamos em um final de tarde para ficarmos uma semana. Na manhã seguinte, após ir ao banco trocar dólares americanos por pesos argentinos, fomos conferir os preços baixos divulgados nas revistas brasileiras de viagens e nos suplementos de turismo dos jornais brasileiros. Após andarmos pouco mais de uma hora, parando e verificando um e outro

estabelecimento da movimentadíssima Rua Florida, localizada no centro da cidade, minha esposa resolveu comprar uma lembrança para a neta. E enfrentamos a primeira e grande surpresa desagradável. Como acontece em um passe de mágica, minha carteira de couro que estava no bolso da calça, sumiu.

Os pesos que troquei no banco argentino, algumas cédulas de cem dólares americanos, cartões de crédito, cédula de identidade (RG), foram roubados, sem que se sentisse um empurrão de alguém. Gente profissional, pois nada senti e no primeiro instante custei a acreditar, pois nada poderia ter se evaporado. Pasmado, voltei uns 20 ou 30 metros procurando e até cheguei a fazer perguntas em uma loja onde minha esposa havia parado por instantes. Não percebi a reação das poucas pessoas que inquiri, nem a vontade que elas tinham de dizer: – Cai na real, brasileiro, você acaba de ser roubado!

Fui à Delegacia de Polícia mais próxima, na Rua Lavalle, fazer um Boletim de Ocorrência. Encontrei uma fila enorme de pessoas, disse o que eu desejava e perguntei para que era aquele “cordão de gente”. A resposta foi que todos tinham sido roubados e vieram fazer um B.O. como eu. E o informante acrescentou que a maioria dos reclamantes era de brasileiros.

Telefonei para São Paulo, cancelei os cartões de crédito e ficamos usando o da minha esposa. Comuniquei-me com o Consulado do Brasil na cidade e informaram que após três dias eu deveria retirar o B.O. na delegacia de polícia e comparecer a esse departamento para retirar um documento, sem o qual não poderia regressar ao Brasil. Fui à agência que o Banco Itaú mantém em Buenos Aires e fiz um saque em dólares americanos para comprar pesos e continuar com o nosso programa.

Procurei despreocupar minha esposa para prosseguirmos com o que já havíamos planejado e à noite fomos a Puerto Madero jantar e assistir a um lindo show no “Faena Tango”.

No dia seguinte fomos ao bairro de San Izidro, a 25 quilômetros de Buenos Aires, passando pelo estádio de futebol do Boca Junior, visitar um shopping center muito grande que só tínhamos visitado uma vez. Estivemos no domingo no bairro de San Telmo, na feira de antiguidades que recebe semanalmente mais de 15.000 pessoas e onde aparecem cantores, artistas e figuras muito interessantes. Almoçamos e mais tarde visitamos a Igreja de San Telmo. Eram quase 17:00 horas quando tomamos um dos três taxis estacionados na praça.

Estranhei o caminho de volta e o motorista informou que estava havendo uma prova ciclística que impedia a passagem pela Avenida 9 de Julho e por isso nos deixaria a poucas quadras do nosso hotel. Logo depois parou o carro, informou o preço da corrida e começou a criar

problemas e discutir na hora em que eu ia pagá-lo. Falava rápido, reclamava que eu deveria ter o dinheiro trocado, insistia que lhe pagasse em dólar americano ou em real e aumentava o tom de voz. O clima ficou pesado procurei ver se havia algum policial ou uma loja grande perto, para pedir auxílio, mas estávamos em uma rua completamente residencial. Não havia possibilidade de conseguir ajuda de alguém. Era quase um sequestro. Eu realmente tinha uma cédula de valor um pouco alto e afinal ele me deu o troco reclamando que eu o estava obrigando a me dar todas as suas notas novas e foi embora esbravejando.

À noite, sem ânimo para programar outro passeio, fomos jantar em um restaurante modesto, próximo ao hotel. O garçom era simpático, o jantar razoável e o café pouco gostoso. Paguei com pesos para incluir a gorjeta no valor da conta. O garçom pegou o dinheiro olhou para mim, sorriu e eu julguei que ele ia me agradecer quando falou: — *O Doutor está brincando comigo? Estas notas são falsas.*

Era o dinheiro que o motorista me havia dado de troco.

Na manhã seguinte, antes de ir para o Consulado Brasileiro em busca do documento para poder viajar, minha esposa e eu fomos tomar café da manhã no hotel. Ao passar pelo saguão recebi graciosamente um exemplar do semanário Periódico Del Sur. O cabeçalho indicava a data: Exemplar de gentileza. Ano 9. Número 137. Novembro 2010. Manchete: Acordo com o Brasil para turismo social. Subtítulo: Argentina e Brasil fizeram acordo para fomentar o turismo social, especialmente o relacionado com a terceira idade. A notícia está na página 20.

Recusei-me a ler a notícia toda diante dos aborrecimentos por que passei. Ávido por deixar o país vizinho, apanhei meu documento no Consulado, tomei o avião e desci em solo brasileiro, feliz e contente por me sentir em casa.

Mário Porfírio Rodrigues
Cadeira 8 – Patrono Monteiro Lobato

CINDY

() José Bueno Lima*

No início do ano de 1970, após três anos morando na Rua Marechal Hermes, Bairro Jardim, mudei com a família para a Rua Monte Casseros, esquina com a Rua Bernardino de Campos, no condomínio Edifício Pedro, bem no centro de Santo André.

Lembro-me perfeitamente do ano, pois, nessa nova residência, assisti aos jogos da Copa do Mundo no México, vendo uma das maiores seleções do Brasil (... e do Mundo), com Pelé, Tostão, Rivelino, Jairzinho, Gerson, Clodoaldo e companhia, conquistar o tricampeonato mundial de futebol.

Outro fato interessante acontecido nessa época foi a vinda de uma estudante americana à casa de meu vizinho Eli Awada, que participava do programa de intercâmbio estudantil do Rotary Club Santo André. Chamava-se Cindy, e devido a sua simpatia, logo conquistou a amizade de todos.

Debaixo do prédio, havia alguns salões comerciais, e um deles fora alugado por um comerciante do ramo de padaria e confeitaria que, inclusive, morava no edifício. Ele montou uma bonita casa de pães, doces e salgadinhos. Faltava dar-lhe o nome. Movido pela graça e simpatia da americaninha, numa bela homenagem à intercambista, pôs o seu nome: Confeitaria Cindy.

A Cindy foi um tremendo sucesso! Seus produtos eram muito apreciados, e a partir de sua inauguração tornou-se a coqueluche de Santo André. Não havia quem não a frequentasse e deixasse de provar suas delícias. Virou referência.

— Por favor, onde fica a Rua Monte Casseros? — alguém perguntava.

— É a Rua da Cindy — respondia o informante.

— Ah! Já sei! Obrigado.

O comércio do Seu Benedito, como se chamava o proprietário, ia de vento-em-popa! Muito procurado não só pelos frequentadores, mas também por aqueles que encomendavam seus quitutes para festas.

Assim se passaram alguns anos... Não se sabe qual o motivo, mas Seu Benedito vendeu o negócio, sendo que o comprador era um de seus colaboradores, na realidade, o principal confeitoiro da casa.

A família do novo proprietário tomou posse do negócio, e seguiu seu caminho mas, na realidade, o nível dos produtos nunca mais voltou a ser igual. Mesmo assim, a Cindy continuava a ser muito bem frequentada.

Uma vez mais, a famosa confeitaria voltou a ser negociada. Os novos proprietários também não conseguiram, por mais que tentassem, reabilitar a casa. Transformaram-na num café, continuando com a fabricação de doces e salgados. Não deu certo.

Por último, deu-se uma nova diretriz ao estabelecimento, foi transformando em pizzeria, com serviço de *delivery*. Durou pouco para, finalmente, encerrar suas atividades.

Passando por lá, agora, vê-se uma reforma do salão, com faixa anunciando um novo comércio.

A Cindy, uma pena, se foi!

LA INFANCIA DE JESÚS

Não se surpreendam, título em espanhol.

Em fins de fevereiro passado, sem estar nada programado, passei um fim de semana em *Punta Del Leste*, conhecido balneário uruguaio. Hospedado no Conrad, sem dúvida o melhor hotel do lugar. Além de suas primorosas acomodações, possui um belíssimo cassino, onde passei algumas horas, entretido nas máquinas caça-níqueis. Às vezes ganhava, mas na maioria, ficava sem uns dólares. Coisa pouca. Mas, a sorte, em outra ocasião, já me acompanhou, tendo sido aquinhoado com uma boa quantia em dólares.

Chegamos numa quinta-feira. No outro dia, logo cedo, como de costume, saí para uma caminhada. Após o café, fui à piscina, que é de uma beleza deslumbrante. Como não levava qualquer tipo de passatempo, senti que se ficasse somente olhando a paisagem, minha permanência se tornaria monótona. Decidi, então, visitar a parte comercial do hotel, à procura de algo que pudesse preencher meu tempo, como palavras cruzadas, uma revista, ou coisa parecida. Localizei uma loja de conveniências, no entanto surgiu um problema com o qual não contara. Tudo era em língua espanhola. Ali encontrei uma pequena livraria, onde todos os livros eram escritos naquele idioma.

Folheei alguns, e me detive em um cujo título era LA INFANCIA DE JESÚS, de autoria do escritor J.M.Coetzee, ganhador, inclusive, de um Nobel. Nas rápidas folheadas, logo me interessei pois, sem ser um profundo conhecedor da língua espanhola, conseguia entender perfeitamente o sentido do que lia, embora não entendesse certos vocábulos. Um linguajar bem simples e atraente. Na piscina, de posse do exemplar, comentando com um amigo muito culto, tomei conhecimento tratar-se o autor de famoso escritor sul-africano.

A história, como o título pode dar a impressão, nada tem a ver com religião ou com a vida de Jesus.

Trata-se, sem que se saiba, como as coisas se sucederam na viagem de um cidadão e de um menino por volta de cinco anos, em um navio cujo destino era um país desconhecido, esquecidos do passado, à procura da mãe do pequeno. Logo aprenderam o idioma do lugar — o espanhol. O cidadão arruma um emprego, torna-se benquisto pelos colegas, e o menino, de uma inteligência fora do comum, provoca uma série de contratemplos, mormente, após ter sido entregue a uma mulher, sua pretensa mãe. O que há de mais interessante na história, são os diálogos da personagem com seus companheiros de trabalho, estivadores, ao filosofarem sobre o tema: “dignidade do trabalho”.

Muito interessante o livro. Recomendo.

José Bueno Lima
Cadeira 14 – Patrono Álvares de Azevedo

QUEM PAGA A CONTA É O COMPRADOR DO APARTAMENTO

(*) *Milton Bigucci*

Toda vez que as mudanças da lei de zoneamento ou uso do solo nas cidades reduzem a capacidade construtiva dos terrenos, há um encarecimento de preço dos imóveis a serem construídos. Quem pagará a conta será o comprador do imóvel.

Vários municípios estão estudando e fazendo as suas mudanças da lei e a impressão que passam é que reduzindo o potencial construtivo de cada terreno estarão penalizando as construtoras, quando, na verdade, estão encarecendo os preços dos imóveis para a população. Aumentam a qualidade de vida, mas encarecem o produto final, tornando-o ainda mais distante do comprador.

Quando se aumenta o potencial construtivo ao longo dos corredores de ônibus, monotrilhos ou metrô está se incentivando a construção nesses terrenos atendidos por transporte coletivo, mesmo que, por vezes, precário. As prefeituras cobram, das construtoras, taxas desse aumento de potencial construtivo, que as repassam aos compradores. É a canalização de recursos do adquirente final para o poder público.

Lembro que, há décadas, quando os índices construtivos, em algumas cidades, chegavam a seis vezes a área do terreno, os preços dos imóveis eram acessíveis ao trabalhador braçal da indústria. Hoje, quanto mais as novas leis diminuem esses índices, mais caro fica o imóvel, distanciando-o, ainda mais do trabalhador. Há casos em que esses índices chegam a apenas uma vez a área do terreno.

A falsa impressão de que as prefeituras reduzem a capacidade construtiva dos terrenos com o intuito de beneficiar a mobilidade urbana e aumentar a qualidade de vida, cai por terra quando se analisa o alto valor pago aos cofres públicos por esses aumentos construtivos legais. Pagando, constrói-se *mais* legalmente, mesmo que seja em detrimento da mobilidade urbana. A receita dos cofres públicos é mais importante que o custo final do bem para o comprador.

A miscelânea social, colocando casas populares em zonas caras também não ajuda. Encarece a habitação social e reduz o valor daquela da classe média ou rica existente no entorno.

A verticalização existe nas melhores e maiores metrópoles do mundo. Não é cerceando-a que se atenderá o trabalhador. Os custos dos imóveis das cidades nas zonas mais distantes do centro são acrescidos de altos custos para levar água, esgoto, energia e

infraestrutura e, quanto mais longínquos maior é o preço a ser pago, o que dificulta o acesso, do trabalhador, à casa própria.

O que falta é maior bom senso, e menos sanha arrecadadora, mesmo que haja necessidade disso.

A conta quem paga é sempre comprador. Não há milagre.

INJEÇÃO DE ÂNIMO

Tenho sentido neste ano de 2015 um pessimismo generalizado dos empresários e preocupação dos empregados em relação aos seus empregos e ao nosso País. Também, não é para menos, com o nosso PIB beirando a zero neste 2014/2015 e tanta corrupção. Dizem alguns, que ainda piorará mais, antes de melhorar. Porém não podemos desanimar, de jeito nenhum.

É hora de pensar, criar, agir, estudar e trabalhar mais. Parar de criticar e produzir. Já passamos por inúmeras crises ao longo destas décadas com pacotes econômicos e crises políticas e sociais.

Você que é mais velho, apenas para lembrar uma delas, recorda-se quando, em março de 1990, o presidente Collor (esse mesmo que hoje é senador) e a Zélia, ministra da economia, confiscaram o dinheiro de toda a população brasileira, tentando acabar com a inflação com uma canetada, deixando todos com apenas 50 mil cruzados novos na conta bancária, empresários e empregados? Foi um choque, com feriado bancário e tudo. Ficamos perplexos e sem saber o que fazer. Quem passou por isso sabe como sobrevivemos. Muita gente quebrou.

Tantos obstáculos e crises me fizeram crescer.

Adoro trabalhar e sempre que posso procuro transmitir aos jovens que os resultados somente vêm com muita dedicação. Nada me assusta. Deve-se usar as crises para aprender.

Meus pais eram muito pobres. Meu pai, Roberto, era um operário carpinteiro e minha mãe, Trindad, do lar. Meu primeiro emprego com registro em carteira foi em 12 de janeiro de 1953, há 62 anos, como auxiliar de balconista na Casa Freire, uma loja de ferragens, na Rua

Lino Coutinho, no Sacomã, São Paulo. Em 15 de maio de 1956 fui trabalhar como *office-boy* na Linhas Corrente, Rua do Manifesto – Ipiranga (está lá até hoje).

Por que fui trabalhar tão cedo? Porque queria estudar, precisava pagar a escola e não tinha dinheiro. Ingressei na Escola de Comércio Modelo, na Via Anchieta, em 1955. De lá para cá nunca mais parei de trabalhar e estudar. Graças a Deus! É o que me mantém vivo, lúcido, otimista e ágil (mais ou menos), jogando o meu futebol, dando emprego a centenas de pessoas e produzindo milhares de habitações (hoje mais de 25 mil pessoas moram em um empreendimento MBigucci – fundada em Sete de Outubro de 1983 – que já construiu mais de um milhão de m²).

Em 19 de maio de 1961, aos 19 anos de idade, ingressei no ramo da construção civil, como auxiliar de escritório na Ipê Engenharia Ltda. (Grupo Itapuã), dos Drs. Ênio Monte e Szymon Goldfarb, na Rua Costa Aguiar, 1.761 – Ipiranga-São Paulo. Sempre estudando.

Formei-me como professor de Contabilidade em 1962, no Mackenzie, e em 1968 me formei em Direito no Largo São Francisco – USP.

Trabalho muito até hoje. Gosto, não me arrependo e espero continuar assim por muito tempo.

A vida é uma luta constante. É uma corrida de obstáculos. Não desanime nunca. Arrisque-se e acredite. Não protele suas decisões. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Seja transparente e fale a verdade sempre. Os resultados vêm, com certeza. Não seja um parasita da sociedade, correndo atrás de “bolsas”, busque ser útil e produza, não viva de esmolas, ensine aos seus filhos o caminho da humildade, do bem, do estudo e do trabalho, o valor das coisas e o respeito ao próximo. Se puder, ajude-o. No mundo sempre haverá pessoas invejosas, improdutivas. São os incompetentes. Passe por cima de tudo isso.

Dizem, meus amigos, que sou um vencedor. Na verdade, sou apenas um trabalhador.

Milton Bigucci
Cadeira 5 – Patrono Lima Barreto

NOSSAS VIDAS COM OS CÃES

(*) *João Bosco dos Santos*

Naquele dia, percebi que me apresentava saudoso, embora nada de anormal houvesse acontecido. Desde que o Froide partira, atropelado que fora em plena rua onde morávamos, todos sentíamos um imenso vazio. Como sempre tivéramos cães em nossa casa, exceção ao curto período em que moramos em outra cidade, num apartamento, minhas filhas Gabi e Carol afeiçoaram-se aos animais domésticos, principalmente cachorros. Eu me lembrava do Froide, um vira-latas que fora acolhido em nossa casa e que, quando morreu em circunstâncias trágicas, causou-me uma tristeza indescritível. Dediquei-lhe, inclusive, uma crônica, ou melhor, duas: uma quando ainda vivia e a outra, que denominei “Réquiem para Froide”, quando partiu. Eu e minha mulher choramos copiosamente, o passamento daquele valoroso vira-latas. Aquilo foi, verdadeiramente, uma tragédia.

Naquela fatídica manhã de sábado, ele corria animadamente, a poucos metros ao lado do meu carro, quando se deu o choque. O veículo com o qual ele colidiu sequer parou. Olhei pelo retrovisor e quase não acreditei no que via. Lá estava ele agonizando, inerte, próximo ao meio-fio. Parei o carro e dirigi-me apressadamente até o local. Aproximei-me e não contive a emoção. Saí em desabalada correria em direção à minha casa, para comunicar o fato à minha esposa e, enquanto eu corria, o sentimento de perda tomava conta de mim.

— Martha, vem aqui! Rápido! O Froide foi atropelado! — gritei desesperadamente.

— Meu Deus! Como foi isso? Não acredito! — respondeu-me ela.

— Me ajude a socorrê-lo! — pedi, fazendo meia-volta.

— Onde ele está? — perguntou-me Martha, já com os olhos marejados.

Voltei ao local, apanhei-o nos braços e procurei socorrê-lo levando-o à clínica veterinária mais próxima de casa. Estávamos inconformados e inconsoláveis. Muito prestativo, o veterinário tomou todos os cuidados, realizou os exames necessários e, ao final, concluiu que nada mais poderia ser feito; Froide estava com morte cerebral. Não contivemos o pranto e as lágrimas rolaram pelas nossas faces. Froide estava nos deixando para sempre. Faltou-me coragem para sepultá-lo e pedi a outros que o fizessem. E durante todo aquele dia fatídico e nos que se seguiram, todos em nossa casa sentíamos imensamente a ausência dele.

Froide era um cão vira-latas muito esperto. Desde que aparecera em casa, vindo de algum lugar que desconhecemos, por volta de 1991, tornara-se, de imediato um membro da família. Fiel companheiro, afável e brincalhão com as crianças do bairro — era o cão mais

conhecido dos moradores — mostrava-se um guardião empedernido e bravo quando pessoas estranhas ameaçavam entrar em nossa garagem. Mesmo assim, fui-lhe infiel; em determinada ocasião procurei desvencilhar-me dele, por motivos banais, trancando-o no porta-malas do carro, numa atitude incompreensível, e levando-o a um local ermo muito distante de onde morávamos, abandonei-o à própria sorte. Dias depois, em plena madrugada, Froide latia desesperadamente na porta da nossa casa, como se estivesse nos avisando de que estava retornando de uma longa e exaustiva caminhada. Seus latidos inconfundíveis davam-me a impressão de que ele estava pedindo para entrar, pois ali era o seu lar. Meu Deus! Aquele cão estava me dando uma lição de verdadeira amizade, amor, fidelidade, e companheirismo, provocando-me um profundo arrependimento pelo meu gesto insano. Esse foi o motivo de eu haver escrito uma crônica em seu louvor. Decorridos alguns anos, a lembrança de Froide aflorou à minha memória, deixou-me entristecido, fez-me refletir acerca da fidelidade e amizade que um cão nos devota na sua irracionalidade (depois de Froide, já não tenho tanta certeza disso).

Martha interrompeu-me o solilóquio.

— Ué, em que está pensando? — perguntou-me.

— Estou me lembrando do Froide! — respondi-lhe.

— É... já faz tanto tempo que ele se foi e a gente não consegue esquecê-lo, não é verdade? — retrucou-me.

— De fato, ele deixou uma lacuna muito grande, um grande vazio! — obtemperei.

— Sim, mas a gente agora tem a Agnes, linda e maravilhosa! — disse-me ela, referindo-se à cadelinha da raça *dachshund*, que nossa filha Gabi ganhara de presente.

— E tem a Kikinha também! — disse-lhe eu, com alegria.

A Kikinha era outra cadelinha, uma *yorkshire* minúscula. Uma graça! As duas, muitíssimo apegadas a nós, faziam-nos companhia em todos os momentos do dia. Mas não nos esquecíamos de Froide, o vira-latas.

A vida seguia rotineira até que, certo dia, um dos nossos filhos voltando da caminhada no parque deparou-se com um fato que lhe chamou a atenção; um cãozinho debatia-se em pleno asfalto, provavelmente atropelado por alguém que lhe negara socorro. Não vacilou um segundo e telefonou-nos pedindo que fôssemos resgatar o animalzinho, tendo sido prontamente atendido. Era uma cadela, filhote de vira-latas, que se encontrava bastante machucada e com ferimentos visíveis. Outro cão vira-latas! Levada ao veterinário foi devidamente medicada e, posteriormente, trazida para nossa casa onde recebeu o nome de

Belinha, um contraponto à sua aparência. Belinha passou a fazer companhia à Agnes e à Kikinha.

Às vezes, penso que somos predestinados, pois, pouco tempo depois, nossa filha Carol, aos prantos, chegou à casa trazendo mais um animal recolhido da rua, com aparentes problemas de saúde. Para variar... vira-latas. E fêmea! Passou a ser chamada de Neguinha. Durante algum tempo, Neguinha mostrou-se saudável, mas logo surgiram complicações tendo sido, até mesmo, submetida a procedimento cirúrgico para extirpação de nódulo cancerígeno.

Em resumo: Agnes permaneceu conosco durante catorze longos anos, até que seu coração deixasse de bater; Kikinha viveu bem menos; Neguinha sofreu convulsões e pereceu em decorrência de parada cardíaca. Restou-nos a companhia da Belinha que, aos treze anos — idade presumida — começa a aparentar sinais de debilidade física.

A lembrança dos cães com os quais convivi fez-me recuar no tempo e me surpreendeu levando-me a recordar que, quando eu era ainda um jovem adolescente, meu avô materno morava conosco e tinha como companheiro de todas as horas, um cãozinho chamado York. Não posso afirmar com precisão, mas creio que se tratava de um vira-latas. Vovô já estava com idade propecta e permanecia durante quase todo o dia deitado em uma rede estendida, especialmente para ele, no alpendre da nossa casa. York postava-se sob ela e ali ficava horas a fio, como se fosse um guardião e fiel escudeiro. Quando vovô faleceu e a rede foi recolhida, o cãozinho desapareceu e não deixou vestígios. E até os dias de hoje, mais de meio século depois do ocorrido, esse fato continua vivo em minha memória, e para o qual não consigo encontrar alguma explicação.

O certo é que adoramos todos os nossos cães igualmente, independentemente da raça a qual pertençam. Os cães sempre fizeram e continuarão a fazer parte de nossas vidas, enquanto vivermos.

João Bosco dos Santos
Cadeira 28 – Patrono Catulo da Paixão Cearense

SAUDOSA LEMBRANÇA - GRUPO ESCOLAR CORONEL MANUEL PINTO

(*) *Eva Bueno Marques*

Já tinha oito anos completos quando pisei aquele solo abençoado, para durante quatro anos, oferecer meu coração desabrochando para a vida, a fim de que as queridas mestras plantassem nele, as sementes do bem, das virtudes, do respeito às pessoas, da educação, da religião e me ensinassem a regá-las para frutificarem pela vida afora, sim, porque a elas não interessava apenas a instrução, mas a formação de cada aluno que ali chegava como uma folha em branco, para que elas desenhasssem com carinho, as mais belas paisagens que iriam enfeitar nossos caminhos, aonde quer que fôssemos percorrer. Uma responsabilidade que souberam tão bem desempenhar. Como disse Paulo em uma de suas Epístolas, “*combateram o bom combate*”, dando, com amor, o melhor de si.

Abnegadas mestras de meus quatro anos, Dona Bernadete, Dona Terezinha Agostini, dona Jaci e Dona Terezinha Oliveira; a severa Diretora Dona Lourdes Palacine, auxiliada por Dona Ogarita Noronha. Que porte altivo, com que seriedade desempenhavam suas importantes funções! Como souberam fazer-se respeitar. Suas palavras carinhosas, embora ditas com rigidez, eram indiscutíveis e acatadas, sem nenhuma objeção. Eu queria ser como cada uma delas. Observei-as em silêncio, absorvi nas entrelinhas cada palavra não dita, cada pensamento não verbalizado. Aprendi a decifrar os seus olhares e sorrisos. Que coisa mágica! Acho que, por isso, pelo apreço que lhes era merecidamente devotado, meu pai, bem idoso, sempre dizia: a Eva é para ser professora! E não é que o primeiro curso que fiz foi o magistério (na época, Curso Normal)?

Dona Bernadete Siqueira Castro, a primeira, a que nos trouxe a Inesquecível Lili, com a paciência de repetir tantas vezes cada lição, de pegar em nossa mão para amenizar a dificuldade em manejar o lápis com os dedos duros, na busca da voltinha quase impossível de cada letra.

Dona Terezinha Agostini, um capricho com os materiais, em cada presente respondido no momento da chamada, colocava um pingão na frente do respectivo nome pronunciado, em seu caderno impecável e, com a mão esquerda, trazia com a maior delicadeza o mata-borrão

sobre o pingo, para que não ficasse borrado, pois naquele tempo, existiam apenas canetas tinteiro.

Dona Jaci de Castro Jacob, sempre desfilando sobre seus tamancos de saltos bem altos, elegantes, me fazia pensar que, quando eu fosse adulta, usaria sapatos chiques como aqueles.

Dona Terezinha Oliveira Andrade, uma alma nobre, gentil no trato, de quem fui amiga até o final antecipado de seus dias.

Gostaria de ter a letra bonita dela e a doçura que tinha para com todos. Meu Deus, não tenho como agradecer a todas elas, faça-o por mim, pois elas merecem mais que a terra, elas merecem o céu e é lá, que quero encontrar a todas, um dia.

As carteiras duplas com o orifício para o tinteiro, que tantas vezes teimava em sair dali e espalhar toda a tinta pelo chão, quando não respingando pelo uniforme, mas era o que se tinha na época, e nem por isso, deixávamos de ser felizes.

A jornada de encapar os cadernos, a cada início de ano letivo, contava sempre com o capricho de minha mãe, que se esmerava para que fossem impecáveis, para serem colocados, diariamente, na mala de couro preto, que era impregnada do cheiro de pão com goiabada, meu lanche favorito. Para isso, no mês de março, eram muitos tachos fumegantes de goiaba com açúcar e muitos pingos nas paredes, para encherem de doce todas as caixas de madeira, forradas com papel celofane. O suficiente para o lanche do ano todo.

Mas o esmero de minha mãe ia mais além: a beleza de meu uniforme, sempre impecável, a cada passo que eu dava, mostrava o movimento simétrico das pregas da saia, permaneceu na lembrança de tanta gente. A cada dia, um novo penteado emoldurava meu rosto infantil compenetrado em aprender cada lição. E aprendia mesmo, recebi vários prêmios de melhor nota, de frequência, de comportamento. Acabei me dedicando, com afinco, em toda a trajetória de estudante até a faculdade.

Depois, nunca abandonei os livros e a escrita, o que me levou a ser convidada a fazer parte da Academia de Letras da Grande São Paulo, em 1985, em São Caetano do Sul, onde ocupo a cadeira de número 26, cuja patronesse é Cecília Meireles.

Desde o primeiro ano no Grupo, comecei a declamar nas festas, e assim foi em todos os outros anos. Particpei de dramatizações, do Clube de Leitura, escrevia cartas para homenagear pessoas ilustres, certa vez, fui levar uma carta ao médico antigo do Carmo, Dr. Júlio Barreto de Aguiar, por ocasião de seu aniversário. Em uma homenagem ao pároco da cidade, Padre Marcelo Prado Campos, declamei uma linda e comprida poesia, que até hoje sei de cor: “Pai-Padre”. Tomei gosto pela poesia e a coloquei no centro de minha vida, não sei viver longe dos versos. Continuo declamando e alimentando minha alma com essa ligação que me leva a Deus. Tudo plantado nessa escola pelas mestras citadas, incutiram em mim esse lindo gosto que me acompanha até os dias atuais. Hoje vejo a importância de “As mais belas histórias” de Lucia Monteiro Casasanta, durante os quatro anos que permaneci nessa escola encantada. Lindas histórias e poesias que desenvolveram minha imaginação e despertaram em mim a sensibilidade pelas obras poéticas. Assim, aquela página em branco que chegou ao Grupo, em 1958, saiu em 1961, toda pintada com as cores do arco-íris, com os matizes de um jardim celeste exalando perfumes de jasmims. O bem que se recebe não se esquece nunca. Por isso, a minha eterna gratidão a essa valorosa casa do saber, a cada uma, que me influenciou a ser o que me tornei.

Não deixarei de mencionar os alegres recreios, as colegas amigas. É dos recreios que trago a mais saborosa de todas as lembranças: o carinho da merendeira Alma em preparar suas delícias, a sopa de arroz, de fubá, o arroz doce e o melhor de todos, o leite queimado, de que sinto o sabor até hoje. Sim, era um néctar dos deuses, nunca mais provei em toda minha vida, aquele gosto inigualável. A Alma só podia fazê-lo com a sua alma mesmo, por isso tornou-se inesquecível. Cheguei a dizer isto a ela, certa vez, quando voltei ao Carmo, já adulta. Alma de Castro era filha do Sr. Júlio de Castro, que também foi funcionário do Grupo quando minha mãe lá estudava. Pessoa de uma fineza ímpar, amado por todos. Lembro-me dele quando leiloeiro das festas de igreja, pedindo lances ao povo para as leitoas e frangos assados, cartuchos cheios de gostosuras e tantas outras delícias dos leilões, que desfilavam em suas mãos de cavalheiro.

Que bom que a memória é um novelo que nos permite desenrolar o fio quantas vezes quisermos. Toda vez que o faço, vejo cada rosto, ouço cada palavra, relembro cada detalhe em meio à algazarra dos alunos no pátio, brincando tão alegres. Cada brincadeira de roda, hoje se faz presente na ciranda de minha vida e os quatro cantos são as colunas sobre as quais coloco o teto do meu céu. Cada lembrança vem umedecer com lágrimas de saudade o lenço branco do meu carinho!

As paredes do grupo continuam as mesmas para mim aqui não tem vírgula que em silêncio são testemunhas de cada história, de cada rosto das professoras e alunos, que por aí passaram — inclusive minha mãe e minhas tias — e, de outras, que agora enchem de vida cada sala desse segundo lar, mas o mais importante, lá do alto da Tormenta, de dentro da igreja, uma Santa, Mãe de Jesus, vive rogando a Ele que continue a abençoar a Escola Coronel Manuel Pinto, que se tornou sagrada com tantas bênçãos recebidas, em cada dia desses cem anos.

A todos, o meu carinhoso abraço, minha eterna gratidão e imorredoura saudade. Deus os proteja hoje e sempre. Amém!

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 – Patrono Cecília Meireles

NÃO x SIM... Eis a questão!

() Humberto Domingos Pastore*

Quantos pensamentos já não nasceram durante nosso sono, obrigando-nos a levantar a procura de uma caneta para anotar, antes que as ideias se percam como fumaça? Pois o tema deste texto foi mais um episódio semelhante, e me fez acordar pensando nas nuances entre o significado do sim e do não.

Enquanto o não é inércia, o sim é movimento. O não é abstrato, é ausência da ação. O sim é concreto, pura ação.

O não, mesmo sendo abstrato, tem a força de proibir o sim de existir. O não quando dado enfraquece, anula a possibilidade do sim agir. O não anula a “concretividade” do sim.

O não é definitivo, único e determinante. Age como um carrasco, um déspota. Sua ordem é definitiva, única e determinante a ponto de eliminar qualquer continuidade ou início de ação.

O sim, mesmo sendo concreto, não tem força sobre o abstrato não. O sim só pode existir a partir da permissividade do não.

O sim, por outro lado, não é único, definitivo ou determinante, pois mesmo de posse de um sim, podemos escolher não agir, não falar. Não existe o impedimento do não, mas mesmo podendo agir e podendo falar, podemos escolher não realizar o ato.

Ao contrário do não, onde nada mais resta a fazer do que a inércia, já que o não é paralisante, o sim nos leva a pensar, a analisar, a ponderar. O sim é um ajudante do livre arbítrio. Eu tenho o poder de escolha. Já o não é imperativo. Está fora de mim, vem de cima, só me resta obedecer.

O não, nada produz, nem de bom e nem de ruim. Já o sim traz transformação, claro que as vezes para o bem, as vezes para o mal.

A negação que recebemos não nos deixa saber se somos bons ou ruins, mas apenas seguidores de uma ordem. O não inibe o meu pensar, o meu crescer. Já o sim é que vai permitir que a partir de uma análise possa decifrar se sou bom ou ruim.

O não só proíbe, é pura negação. O sim é que nos dá alternativa. Mesmo com um sim, não precisamos dar continuidade em algo que não queremos falar ou fazer.

O não, não nos permite pensar em duas ou mais possibilidades. Ele é definitivo, único e determinante. Por isso prefiro o sim, que me abre janelas que posso querer ou não abrir.

Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 – Patrono Dom Aquino Correa

OS PRIMEIROS PASSOS E A POÉTICA DE DEUS

() Maria do Céu Formiga de Oliveira*

Escolho sempre escrever momentos da vida que podem promover uma espécie de união consolidada entre a declaração sincera do que vivi de fato e uma discreta viagem poética. Minha opção é pela delicadeza do olhar, pelo que é digno de ser eternizado.

Quando eu era criança, criança mesmo, não como sou hoje, de uma meninice eventual, morávamos numa casa térrea, pequena, graciosa, simples, bem cuidada, caiada pelo meu pai em tons claros, infalivelmente, na época que antecedia o natal. Uma casa com varanda discreta e um jardim cultivado como se cultivava um sonho que tem estação certa para despertar. Neste, os copos de leite não paravam de surgir, assim como as lavandas que eu colhia, esfregava na gola do uniforme da escola na tentativa de fazer diferença, deixar um rastro por onde passasse. Foram essas miudinhas em tom lilás que me ensinaram que perfume mesmo só se colhe no jardim da infância.

Minha casa ficava guardada, quase escondida no fundo de um corredor comprido, piso de cimento queimado, varrido, escovado sem lamento. Cinco metros de largura por doze de comprimento separavam nosso bangalô da rua. Entre nosso cotidiano e a calçada, havia uma estrada que nos permitia retocar nossos desejos antes de partilhá-los.

Ali morava uma família de bom coração. Todos muito sensíveis.

Meu pai, um trabalhador honestíssimo que nas horas de folga, dedicava-se às suas habilidades especiais, como confeccionar sapatos de couro sob medida, mobília de madeira para casa, e aos seus prazeres como ouvir música de qualidade inquestionável e ir ao cinema famoso da cidade que, por sinal, a ganância da expansão imobiliária, há poucos anos, levou pelos ares.

Minha mãe, miudinha e charmosa, incansável em colocar encanto na mesa, no jardim, nas roupas que vestíamos, feitas com muito requinte pelas suas mãos, não repousava.

E no meio deste cenário, brincávamos eu e meu irmão cinco anos mais velho. Menino de cabelo escuro, liso, bem aparado, bem arrumado, sério, de olhar meigo e muito solidário.

E eu, pequena demais, cabelos claros, encaracolados e sempre enfeitados. Criança atenta a tudo, às mínimas expressões, preocupada e parceira até o último capítulo.

Vivíamos os quatro um dia de cada vez, sem preocupação com a véspera. Gastávamos o nosso prazo sem medo de nos ferirmos a cada curva de prazer.

E foi nesta família que Deus decidiu permitir a chegada de mais uma criaturinha. Chegou uma irmã. Linda, cabelos escuros, cachos para todos os lados, pele clarinha feito bruma de outono, olhos vivos e alumbrados pelo desconhecido. Chegou com a motricidade comprometida, sequela de uma paralisia inesperada. Nos primeiros dias a condição especial, doeu em todos nós. Uma dor que de tão incômoda levou-nos a procurar um canto para deixá-la descansar... E a deixamos no jardim onde tudo se renova em silêncio, em segredo...

Mas, como minha irmã chegou insistentemente mais acesa e mais disponível à alegria que os quatro juntos, foi impossível não nos contagiar. E nós, nos encantamos pela ideia da reorganização dos bastidores, das descobertas que só seriam possíveis nos redemoinhos das urgências, dos arrepios que viriam sem serem convidados, de habitarmos dali para frente, no colo da eterna promessa: na nova caminhada, sensível e incansavelmente, Deus estaria conosco. Acreditamos.

E fomos aprendendo que amar também é maternar. Desenvolvemos habilidades e virtudes preciosas; como o toque, que chegando com cheirinho de esperança, interrompe desistências e fracassos; como o olhar, que ajuda a atravessar a solidão do inverno; como a paciência para acompanhar, pausadamente, o crescimento de quem não desabrocha de súbito, desabrocha devagar deixando o vestígio das pequenas conquistas, como a linguagem que imprime compaixão duradoura que não desaparece ao nascer do dia... permanece como o infinito.

Foi naquele corredor largo e comprido que desenvolvemos, com aprovação dos especialistas da saúde, o método de exercitar o tônus muscular das pernas daquela meiguice de dois anos, que ainda não andava. Fazê-la caminhar tornou-se o brinquedo que sonhávamos fora do pacote. Presente exposto feito um espetáculo aguardado pelos apaixonados pela vida.

Por longos meses eu e meu irmão, ele pela manhã, eu à tarde, diariamente, colocávamos minha irmã de pé, dobrávamos uma toalha de banho em quatro, formando uma faixa larga, que colocávamos em sua cinturinha delgada, e segurávamos atrás em suas costas com nossas mãos pequenas, mas firmes e seguras. Sob nossa proteção e com calma, forçávamos a sua andança, uma passada à frente da outra.

Havia tanto amor naqueles pequenos gestos... O amor tem esse dom, o de nos socorrermos do que surge sem retoque e sem aviso.

Por um bom tempo transitamos pela estradinha do milagre esperado, eu e meu irmão com empenho, ela com tremenda dificuldade e animação que nos sensibilizava e nos impulsionava cada vez mais a, juntos, arrastarmos nossos sapatos e sonhos. Aprendemos cedo que sonhar anestesia os temores e impede a descortesia de reduzir a vitória às constatações

que só pulsam nos superlativos. Víamos evolução nas pequeninas conquistas e celebrávamos. Como celebrávamos! A inerrância dos seus passos nos presenteava constantemente com aquelas inesquecíveis delicadezas escondidas.

Presentes do céu não têm dia marcado para acontecer, sempre nos pega distraídos. Vou descrever a cena. Num dia de finados, tendo terminado o exercício da caminhada, minha irmã descansava encostada à mureta do jardim. Ao seu lado eu mantinha minha mão em seu peito para evitar qualquer possibilidade de queda, enquanto meu irmão, sentado na varanda, lia um gibi qualquer. Minha mãe que havia ido à missa para rezar pelas suas perdas, retorna e aparece na calçada, lá no início daquele corredor limpo e escovado.

Minha irmã, ao vê-la, afasta minha mão do seu peito e sai andando, quase correndo, sozinha, na direção daquela que tanto lhe oferecia flores e frutos sem descanso desde seu primeiro suspiro. Saiu sem olhar para os lados, meio tortinha é verdade, mas, toda dona de si. Eu e meu irmão ficamos sob o efeito do encanto e nem por um segundo pensamos que ela poderia tombar. Minha mãe ficou parada, feliz, com os braços estendidos e prontos para a chegada triunfal, pronta para afagá-la e para aquela declaração de amor que lembra a eternidade.

Ninguém a ajudou. Reconhecemos que a pequena estava mesmo decidida.

Naquele final de tarde, minha irmã seguiu emoldurada pelas cores brilhantes do pôr do sol que refletiam sua silhueta pelos muros daquele pedaço de céu.

O encontro da mãe e daquela filha frágil e segura de sua conquista, paralisou a rua. Os vizinhos vieram nos abraçar com tanto gosto que quando demos conta, estávamos eu e meu irmão, abraçados no beiral do jardim, bem ao lado das lavandas, em silêncio, tocados pela poética de Deus, nosso instrumento de paz. Chorávamos baixinho. Ao nosso lado ouvíamos rumores de um novo tempo. Tempo de liberdade conquistada e irreversível.

Ajudá-la a andar sempre foi um investimento surpreendente, seríamos surpreendidos por este milagre. Nunca duvidamos da eterna promessa: pela vida afora, sensível e incansavelmente, Deus estaria conosco.

Novos desafios continuaram e vão continuar surgindo. A cada novo ciclo de vida virão novas aventuras, outros corredores, outros finais de tarde, novas silhuetas alaranjadas pelos muros. A vida sempre pode se renovar com o tanto que lhe resta. Esse é o grande milagre.

Fico aqui pensando, onde houver alguém se retraduzindo, nele o universo estará vivendo a alegria de renascer. O que nasce do encontro, promove o nascimento da terceira pessoa. São vigas de sustentação.

As quedas não criaram dores que insistem em doer em algum canto, ninguém ficou à deriva, sem significado. Pelo contrário. Em nossos corpos apenas singelas missivas poéticas foram tatuadas. Salmos de louvor e agradecimento.

A vida continua e eu aprendi a ver no outro o que ainda não sou e em mim, o que o outro ainda não é. Por isso posso continuar falando a linguagem que permite a compaixão, porque aprendi muito cedo que só é possível se dar, quem primeiro se possui.

O tempo só anda para frente, não aceita demoras, por isso continuo investindo com sabedoria e sem macular minha opção que é, sem dúvida, pela delicadeza, pelo que é digno de ser eternizado, pelos vínculos que me lembram quem eu sou.

*Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 18 – Patrono Mário Quintana*

O COLECIONADOR

(*) *Maria Zulema Cebrian*

Bernardo, desde pequeno tivera fascínio por retratos. O fotografado despertava nele reações orgânicas de intensidade e duração variáveis sempre acompanhadas de alterações respiratórias, sudoreses frias e uma grande excitação mental. Emoções que ainda não compreendia.

Adelaide, contara-lhe que nunca se apaixonara verdadeiramente por um homem, no entanto, sempre quisera a maternidade, sentir esse amor que une a mãe ao filho. A decisão de gerar um filho sozinha tornara-se um desejo remoto, que fora amadurecendo junto à perspectiva de não encontrar alguém que julgasse à sua altura.

Na época, a inseminação artificial encontrava-se em evidência e o feminismo vivia um momento de exaltação pela liberdade da mulher em todas as suas vertentes; optara por fazer uma produção independente — uma experiência científica. Marcara consulta com um médico especialista em fertilização que lhe explicara o que era uma inseminação: um método utilizado para o tratamento de alterações da fertilidade. Basicamente, eliminava-se o caminho da relação natural, não havendo necessidade da presença do outro. Uma prerrogativa com a possibilidade de escolha das características genéticas da futura criança. Feito. Escolhera o doador que atenderia à sua idealização. Sentira-se exaurida pelo que continha em si essa escolha. Questões morais e psicológicas. Visitara laboratórios, clínicas e hospitais que organizavam bancos de esperma para escolher o idílico doador.

Adelaide passara dias sem dormir, vivia uma grande atividade psíquica, consciente e desorganizada, refletia, ponderava e a ansiedade que antecederia o momento da fecundação aumentava gradativamente. Era como se estivesse atirando seus óvulos ao mar, para serem fecundados pelos órgãos de Urano, ali jogados por Cronos. Refletira sobre o poema de Hesídeo — Teogonia —, o primeiro a sistematizar os antigos mitos da criação. Imaginava o encontro entre o óvulo e o esperma, não de Urano, mas do doador e, plagiando o poema, de seu útero viria o filho esperado, não de uma espuma tal se erguera Afrodite, que nascera adulta e nua, mas um bebê indefeso e dependente.

O procedimento fora simples, o esperma, não fora jogado ao mar, fora-lhe introduzido nas vias genitais por meio de aparelhos, sem a copulação. Esperara com expectativa o resultado final. Uma mescla de alegria pela realização do sonho, preocupação pelo inusitado mito da fertilização, suas consequências, a psique da criança ao saber-se assim concebida. Afrodite em mitos posteriores ao seu nascimento passou a ser retratada como temperamental e facilmente ofendida, vingando-se e punindo mortais. E seu bebê?

Resolvera que aquele era um momento de alegria e empolgação, o futuro não era agora, viria depois e, neste instante, queria viver o presente. Decidira celebrar a sua gravidez em conformidade com a ordem natural das coisas, primeiro a inseminação, depois a gestação e finalmente... seu filho.

Com o correr do tempo notara que Bernardo ficava, por tempos intermináveis, frente às figuras desconhecidas que mantinha prisioneiras em porta-retratos. Colecionava-os desde os oito anos de idade. A personalidade introspectiva surgira quando ela lhe revelara, aos seis anos, a verdade sobre seu nascimento. Diferente das outras crianças, não gostava de brinquedos. Uma vida sombria, vazia de perspectivas levava-o a transformar-se em um antropólogo tentando captar através do vidro que o separava da figura, a razão, a consciência e a genialidade do homem que a máquina fotográfica e o fotografo haviam registrado; embora aquele momento e a intenção do registro não existisse mais; um átomo de segundo separava a foto da realidade fotografada.

Esse entendimento deu início à coleção de porta-retratos. Observava em cada retratado o seu sentido mais lato, ali buscava as origens, preocupava-lhe a evolução, atentava-se ao desenvolvimento físico, classificava-o determinando-lhe a classe, a ordem, a família... E, em seu mundo imaginário e indivisível, mantinha-o vivo.

Inconsciente, experimentava fatos imaginários aplicando-os aos retratados, na expectativa de sugar-lhes a fisiologia numa análise precisa. Procurava questões psicológicas em cada indivíduo que cria real e, cujo significado, independente da relação com a realidade estava intrínseco na sua essência, contida na fotografia, e na natureza de sua mente. Uma armadilha captando rostos e corpos encerrados pela moldura que os manteria, para todo o sempre, ali captados.

Fascinava-lhe o panejamento das roupas, como se fossem obras de arte apresentadas pelo artista, intrigado pela etnia que o motivava a longas pesquisas em busca de características unhas, sem abandonar ao esquecimento os costumes sociais e as crenças que eles levavam encerradas em si no momento em que o “clic” da máquina fora acionado.

Ficara apenas com os porta-retratos, em sua maioria homens, dos quais sequer sabia os nomes e ignorava as existências até aquele momento, agora ali estampados, fechados, prisioneiros do vidro que os protegia das intempéries do tempo e da umidade. Como peixes envidraçados ou manequins expostos, estáticos, em uma vitrine. Desconhecidos, de todas as raças, multifacetados, donos de características variadas e peculiares. Procurava um rasgo de semelhança, uma marca de nascimento, buscava sua identidade perdida num banco de sêmen de onde, um espermatozoide fora retirado aleatoriamente para juntar-se ao óvulo de sua progenitora. Era como num mito cosmogônico desenvolvendo uma geração sucessiva de deuses entre os quais, ao final, surgiriam os heróis.

Em seu mundo não havia deidades, apenas dúvidas sobre a sua existência e o porquê de seus porta-retratos não se lhe apresentarem como tais, uma vez que não lhe apontavam e determinavam os aspectos precisos de seu nascimento, seu tempo, seu destino, sua morte.

Maria Zulema Cebrian
Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida

A ORIGEM DA COMUNICAÇÃO

(*) Agnaldo L. Sacramento

Pode-se afirmar, sem nenhuma sombra de dúvida, que a pessoa a empregar, primeiro, a palavra Comunicação foi Paulo de Tarso, a brilhante inteligência, criado aos pés do não menos famoso Gamaliel. Essa afirmação é contundente e consistente haja vista que não se tem nenhum documento ou registro da origem dessa palavra no conceito da sua maior abrangência e alcance, como na linguagem Paulina. O Apóstolo dos Gentios usou-a, pela primeira vez, para o termo Comunicação no Original Grego, do Novo Testamento, o vocábulo *KOINONIA* (*κοινωνία*) envolvendo o sentido de COMUNHÃO que atinge, de forma extensiva, o termo COMUNICAÇÃO e outros significantes como participação, partilha, compartilhamento, intercâmbio, distribuição, contribuição, notícias.

O mundo da comunicação deve ser sempre energético, contagiante, ativo e proativo, englobando, também, atitude de ação sempre comunicativa. A propósito disso, o autor do livro “**Olhai os Lírios do Campo**”, Érico Verissimo, disse: “**Cristo foi um Homem de ação e não um mero contemplativo**”. Perguntaram ao famoso orador grego, Demóstenes, qual era a primeira coisa na oratória? Ele disse: Ação; e a segunda coisa? Ação; e a terceira coisa? Ação. Esse mesmo espírito de ação deve ser e, na realidade, o é, no campo da Comunicação que se viabiliza e se descortina ou revela o seu propósito de objetividade e produtividade.

COMUNICAÇÃO - Sua primeira citação e registro, em pergaminho (e com o advento da imprensa, em livro) – encontra-se na Carta a Filemon (ano 62 d.C) de um só capítulo, no verso 6: “**Para que a Comunicação da tua fé seja eficiente, eficaz**” - ὅπως ἡ κοινωνία τῆς πίστεώς σου ἐνεργῆς, *HOPOS HÊ KOINONIA TÊS SU ENERGHÊS* (Para que a tua Comunicação seja *ENERGÉTICA* (ἐνεργῆς). *Tem-se, nessa citação, dois fortes vocábulos “Koinonia” (Comunicação) e “Energhéia” (energia) que compreende eficácia, eficiência (algo energético) e contagiante.*

Na versão do famigerado apresentador de televisão Abelardo Barbosa, o “**Chacrinha**”, sua declaração ficou conhecida em todo o Brasil quando disse: “*Quem não se comunica se trumbica!*”

Sim, a comunicação não sendo eficiente ou energética não alcançará o alvo ou propósito e trará trevas e confusão.

Disse Aristóteles: **“Energhéia é o princípio da realização da possibilidade”**. Essa declaração é de imensa sabedoria, pois o propósito, o objetivo, o alvo da comunicação é produzir os resultados dentro do contexto das possibilidades, especialmente os que nos proporcionam os meios modernos da Comunicação.

O Deus da Bíblia, “o Soprador de Estrelas”, conforme a citação do Salmo 33:6, apresenta um poder produtivo no sentido de possibilidade da comunicação eficaz, pois, segundo o texto Sagrado, em Gênesis, capítulo 1, está registrado que havia um caos absoluto, havia trevas sobre a face do abismo; era, realmente, uma desorganização e um caos absoluto que, no original hebraico, é **“TOHÚ VA-VOHÚ”** (תהו ובהו); *mas, em seguida, tem-se a comunicação positiva e realizativa de Deus, quando disse: יהי אור ויהי אור “IEHI OR VA-IEHI OR (HAJA LUZ E HOUBE LUZ)”*. É o registro mais espetacular na História da humanidade, uma Palavra comunicada com firmeza, segurança, poder, produzindo o seu objetivo - o de lançar luz sobre as trevas, dissipando-as, trazendo luz.

A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DE “OUTDOOR”. A recriação do Outdoor se firmou no século 21, todavia, como disse o Rei Salomão, em Eclesiastes 1:9 – **“de modo que nada há de novo debaixo do sol”**. Assim é que, no ano 626 a.C., está registrado o surgimento de **“OUTDOOR”**, fato histórico e, devidamente, registrado no Livro de Habacuque, capítulo 02, verso 02: **“Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas para que a possa ler quem passa correndo”**.

Tal declaração, incisa e objetiva, constitui-se numa preciosa maravilha da Comunicação energética, eficaz e eficiente! Cf.: Filemon 1:6.

CIÊNCIA MULTIPLICADA - O Homem se comunica consigo mesmo (monólogo), com seu semelhante (diálogo) e com o mundo por força da “Ciência multiplicada”, como falou o Profeta Daniel (12:4). O mundo se tornou “uma pequena aldeia” e os meios de comunicação se multiplicaram como previsto e profetizado por ele na expressão Hebraica/Aramaica: “Tarbê Há-daat” significando que **“o progresso da cultura, da ciência se multiplicará”**; uma dedução clara do sentido da palavra TARBUT, vocábulo de forte expressão mais do que a palavra grega PAIDÉIA; esta, mais restrita à educação e aquela, ligada ao Progresso, à Ciência, à Cultura e à Civilização envolve, ainda, a Educação.

CONCLUSÃO - A beleza e a prática da Comunicação fazem-se presentes em todas as áreas humanas. Ela se torna real até mesmo na simples e conhecida declaração: “**A propaganda é a alma do negócio**”! Isso envolve a **Comunicação** em si mesma, a **Propaganda**, a **Publicidade**. E hoje, mais do que nunca, a maravilha e o encanto da rapidez com que tudo se propaga, a beleza da visibilidade colorida diante dos nossos olhos com nitidez nunca antes vista apresenta, na verdade, **um admirável mundo novo, o mundo das comunicações**, da mídia falada e escrita. Juntando-se a tudo isso, há os sempre presentes e acelerados recursos das Redes Sociais, prontamente nas mãos de milhares de pessoas. Todavia, a antiquíssima colocação feita por Paulo, no ano 62 d.C, é que prevalece: **a COMUNICAÇÃO PRECISA SER EFICAZ, EFICIENTE, ENERGÉTICA!**

Aginaldo L. Sacramento
Cadeira 4 – Patrono Rui Barbosa

A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

(*) *Domingo Glenir Santarnecchi*

Desde o início da civilização o homem tem se preocupado em se comunicar com os outros para ser entendido nos seus pensamentos. A comunicação ao longo dos tempos vem evoluindo bastante, principalmente no século XX quando houve uma evolução surpreendente, mas a tendência no século XXI é abrir novos caminhos e aprimorar a tecnologia do desenvolvimento.

A rápida popularização da Internet, juntamente com as redes sociais, tem deixado a comunidade cada vez mais conectada. Pesquisas nos dão conta que, neste ano, o Brasil vai ultrapassar o Japão em número de internautas, chegando a mais de 107 milhões de usuários. O quarto país mais conectado do mundo. E o que isso pode trazer de prejudicial?

Em meio a esse avanço tão ligeiro, começam a surgir dúvidas sobre até que ponto é saudável estar sempre online. Pesquisa nos mostra que o brasileiro gasta pelo menos cinco horas do seu dia conectado à Internet. A cada semana, é como se o internauta passasse um dia e meio sem fazer outra coisa.

Um grande motivador do uso da Internet é a possibilidade de acessar as redes sociais a fim de interagir com pessoas conhecidas, fazer novas amizades, compartilhar ideias e imagens. Entre os internautas brasileiros, 92% têm perfil em redes sociais, sendo o *Facebook*, com 83%, seguido do aplicativo para mensagens instantâneas no celular *WhatsApp* – 58% e o visualizador de vídeos *Youtube* com 17%.

Dificuldades

Cada vez mais, pais reclamam dos filhos, que não largam seus *smartphones*, nem na hora das refeições. O contrário também é verdadeiro. É comum observar pessoas caminhando na rua e manuseando o celular, trocando mensagens dentro do ônibus, ou navegando na rede, mesmo na presença de amigos.

Para o doutor em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, Marlon Xavier, esse comportamento já é tratado como vício em alguns estudos. De acordo com Xavier, vício acontece quando há funcionalidade perturbada – dificuldades de produção no trabalho, problemas na saúde, nas relações familiares e sociais – e problemas na adaptação da pessoa à própria realidade.

Temos pessoas que conseguem trabalhar bem durante a semana, mas que passam o final de semana inteiro jogando na *Internet*. Aí, a funcionalidade não está afetada, mas pode haver prejuízo nas relações familiares e sociais. Há estudos que mostram que redes sociais induzem a um comportamento similar ao vício por drogas e pornografia. São dinâmicas parecidas.

A psicóloga Camila Lang, professora da Faculdade da Serra Gaúcha, participou de debate sobre o assunto e explicou que é preciso ter cuidado ao afirmar que há excesso. Ela indica: “*É perigoso dizer que a rede social traga só coisas maléficas. O problema é quando o sujeito não consegue se desligar do vínculo com o objeto*”.

Um exemplo parecido mencionado pela professora Camila é a invenção do avião. Projetado para ser algo bom, foi usado, posteriormente, para favorecer guerras.

Para o professor Marlon Xavier, a *Internet* traz praticidade, mas cobra seu preço. Ela torna tudo mais fácil, como chamar um táxi, comprar, comunicar-se. Mas a quantidade de coisas para fazer *online* torna-se muito maior. Em pouco tempo, surgem mil *e-mails* para responder. Para o professor, em breve, a Internet será nossa grande mediadora. Hoje, ela tende a mediar quase tudo e daqui a 10 ou 15 anos, não haverá atividade humana sem tecnologia ou sem *Internet*.

Ainda que cercados de pessoas, ao desligar o celular nos sentimos exilados em uma ilha virtual. Do outro lado da janela eletrônica, o capital investido nas operadoras agradece tão veloz retorno...

Náufragos da modernidade, há uma luta a se travar no que se refere à subjetividade: deixar-se devorar pelas garras do polvo tecnológico, que nos cerca por todos os lados, ou ousar exercer domínio sobre o tempo pessoal e reservar algumas horas à meditação, à religiosidade, ao estudo, às amizades e à ociosidade amorosa. Há que decidir!

Domingo Glenir Santarnecki
Cadeira 31 – Patrono Gonçalves Dias

A ÉTICA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

(*) *Clóvis Roberto dos Santos*

“Os grandes investimentos do Brasil em educação e o aumento no número de alunos nas escolas e dos anos em que eles estudam, por exemplo, não trouxeram ganhos relevantes na qualidade do ensino, como revela a baixa posição do país em testes internacionais.” (Henrique Meirelles – Folha de São Paulo – 19.4.2015 – p. A2)

Antes de abordar o tema proposto, acho melhor considerar algumas questões teóricas sobre ética. Três são suas categorias mais comumente citadas nas várias obras de Filosofia: a aristotélica – na qual as virtudes são o aporte mais significativo; a kantiana – que coloca o dever como um valor mais alto; e a pragmática – em que o utilitarismo prevalece sobre os demais valores. Esta última influenciou a pedagogia do mundo moderno, via Estados Unidos, pelos escritos, principalmente, de William James e de John Dewey.

Uma dificuldade inicial é a conceituação e diferenciação de ética e moral. Cada autor, dos inúmeros consultados, enfoca a questão conforme suas crenças, sua ideologia, seus valores e, acima de tudo, sua convicção religiosa, isto é, ser ético para cumprir um preceito ou dogma, uma obrigação e não cometer um pecado grave para ser feliz na vida terrena ou em outra dimensão. Quase todas as religiões, especialmente, as mais conhecidas há séculos, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo têm a mesma preocupação de que as pessoas devem ser boas, honestas, virtuosas aqui na Terra para terem a recompensa eterna depois da morte. Esse é um terreno no qual não pretendo ingressar pelo pouco conhecimento sobre o assunto e, principalmente, por não ter chegado a um ponto de ter convicções e crenças tão seguras que me conduzam para o lado místico ou religioso desta vida. Por razões idênticas, dispensei o esoterismo, apesar da vasta literatura sobre o assunto e pelo modismo predominante na atualidade.

Assim procurei filósofos, pensadores, escritores e pesquisadores que escreveram sobre o tema ética do ponto de vista racional, humano e terreno. Então, escolhi alguns conceitos que se seguem:

“... o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto.” (Dicionário do Aurélio);

“... de que as normas da ação humana, por serem éticas, isto é, por serem normas de ordem ética, da ordem dos valores, da ordem da cultura, as normas éticas são chamadas, comumente, normas morais. Temos, aqui, a palavra moral numa ampla acepção, abrangendo todas as normas da ação humana, das quais as normas de Direito constituem uma espécie”. (Gófredo da Silva Telles Jr. – 1953).

Uma colocação interessante encontro em Therezinha Rios (2002) sobre a ética e a moral:

“No cotidiano, vemos que os conceitos de ética e moral se confundem ou se identificam. Não sem razão. Se recorrermos à origem etimológica das palavras, vamos encontrar os vocábulos ‘ethos’ (grego) e ‘mores’ (latino), que significam, ambos, costume, jeito de ser.

Costume nos remete à criação cultural. Não há costume na natureza. O costume resulta no estabelecimento de um valor para a ação humana, que é criado, conferido pelos próprios homens, na sua relação uns com os outros.”

A partir do exposto, resolvi transcrever alguns princípios da ética no trabalho, seja no escolar ou em qualquer outro, pois eles são comuns a qualquer profissão. Não se trata de nenhuma tábua mística, religiosa, esotérica, nem vieram dos Céus por intermédio de *Moiseses*, nem estão escritos em *Bíblia*s, *Talmudes*, *Alcorões* ou quaisquer outros livros sagrados. Também não são exclusivos de nenhuma profissão, instituição ou empresa, porque pelo ecletismo de seus dizeres se adaptam a qualquer tipo de atividade humana. É claro que destaco o profissional da educação, pela importância e responsabilidade de seu mister de formar gerações, trabalhando, na maioria das vezes, com pessoal imaturo e carente de bons exemplos, porque sabemos que, seguindo alguns provérbios muito conhecidos: *“um bom exemplo vale mais que mil palavras”*; ou *“um grama de bons exemplos vale mais que uma tonelada de palavras.”*

Em qualquer situação e especialmente na profissional:

- Seja honesto em qualquer situação;
- Não assuma nada em particular que não possa ratificar em público;
- Seja humilde, tolerante e flexível. Muitas ideias aparentemente absurdas podem ser a solução para um problema. Para descobrir isso, é preciso trabalhar em equipe, ouvindo as pessoas e avaliando a situação sem julgamentos precipitados ou baseados em suposições;
- Seja ético, o que significa, muitas vezes, perder dinheiro, *status* e benefícios;
- Seja pontual, a pontualidade vale ouro. Se você sempre se atrasar, será considerado indigno de confiança e poderá perder boas oportunidades de negócios, promoções, etc.;
- Evite criticar os colegas de trabalho ou culpar um subordinado pelas costas. Se tiver de corrigir ou repreender alguém, faça-o em particular, cara a cara;
- Respeite a privacidade do vizinho. É proibido mexer na mesa, nos pertences e documentos de trabalho dos colegas e do chefe. Também devolva rapidamente tudo o que pedir emprestado e agradeça a gentileza, de preferência com um bilhete;
- Ofereça apoio aos colegas. Se souber que alguém está passando por dificuldades, espere que ele mencione o assunto e ouça com atenção;
- Faça o que disse e prometeu. Quebrar promessas é imperdoável;
- Aja de acordo com seus princípios e assuma suas decisões, mesmo que isso implique em ficar contra a maioria.

EXPLICAÇÕES PIORES QUE A OFENSA

Ouvi de um amigo uma frase que achei oportuna e adequada ao meu próximo projeto para novo artigo. A frase é comum e faz parte do mundo literário: “*a emenda é pior que o soneto.*” Nós conversávamos sobre alguns “foras” que já aconteceram conosco em nossas vidas pessoal, familiar e, mais ainda, na profissional.

Lembrei-me de uma historinha contada por Rubem Alves por ocasião de uma reunião de um rei e seus ministros na qual o soberano se mostrava escandalizado com as despesas astronômicas dos banquetes oferecidos pelos ministérios, acima das possibilidades do erário real. Os presentes calavam e fingiam que não era com eles até que, finalmente, o Bobo da Corte, disse: *“Majestade, há explicações que são piores que uma ofensa...”* Claro que o rei ficou furioso e expulsou o Bobo.

Num outro dia, o rei caminhava, distraidamente, por entre as colunas do palácio, quando o Bobo, saindo detrás de uma delas, deu um beliscão no seu traseiro. O Rei gritou e o Bobo se desculpou: *“Perdão majestade, eu pensei que fosse a Rainha.”*

Alguns programas humorísticos de rádio e televisão, anos atrás, (penso que Ari Toledo foi o autor), contaram que um certo Presidente da República do Brasil, em visita à Inglaterra, foi fazer o tradicional passeio de carruagem em companhia da Rainha Elizabeth II, quando um dos cavalos soltou um vigoroso e fétido “pum”. A Rainha, meio sem jeito, desculpou-se dizendo que era coisa da natureza. Nosso Presidente então lhe disse: *“Não tem importância, Majestade, eu pensei que fosse o cavalo.”*

É!... a emenda ficou pior que o soneto ou há explicações que são piores que a ofensa.

O que têm a ver as histórias humorísticas acima com a educação escolar brasileira? Muito, senão vejamos algumas semelhanças. Sabemos que nosso ensino, público ou privado é, atualmente, um dos piores do mundo e que mesmo assim nossas autoridades governamentais, presidente, ministros, governadores, prefeitos, secretários etc. vivem assegurando que todas as providências estão sendo tomadas e que há uma melhora significativa ao propor *“Brasil, Pátria Educadora”*, como *slogan* do governo federal.

Na sequência dos meses da posse, primeiro de janeiro de 2015, a imprensa de modo geral noticia greves de professores que são espancados por exigirem melhoria nos salários e nas condições de trabalho. Chamando a atenção para os prédios escolares caindo aos pedaços e os desvios de verbas destinados à educação que são uma constante em todos os níveis de governo.

Então, lemos nos jornais a notícia oficial: “*Carreira federal de professor é estudada*”, e como subtítulo: “*Proposta aparece no plano da Secretaria de Assuntos Estratégicos para pôr em prática o ‘slogan’ Pátria Educadora*” adotado pelo Governo Federal. Tal plano contém os seguintes eixos, conforme divulgação oficial:

“Cooperação federativa: a intensificação da cooperação entre União, Estados e cidades.

Reorientação do currículo: seria deixar o ‘enciclopedismo raso’ e dar ênfase em ‘análise verbal e raciocínio lógico’.

Qualificação: criação de Centros de Formação de Diretores.

Tecnologias: uso de videoaulas e softwares interativos e progressivos”.

Então, concluímos: emendar e explicar ficarão pior que o já proposto há tempos e que a ofensa é reapresentar os mesmos *manequins com roupas novas*. O pior, como sempre tem acontecido, é que nada sai do papel e, então, a demagogia e a corrupção continuam campeando Brasil afora.

Valha-nos Deus!

Até quando?

***Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 – Patrono Euclides da Cunha***

ENSINO DE LEITURA CRIATIVA E REDAÇÃO DE POESIA PARA ESCOLARES

(*) *Carmen Lúcia Hussein*

I - Introdução

A leitura criativa é aquela que vai além do texto, propondo base de relações com outros textos e com a vida do próprio leitor, bem como soluções e proposições diversas, quer em apoio ao autor, quer dele se diferenciando em nível de oposição, porém mantendo o nível de adequação da resposta. As características da criatividade usadas na análise das respostas dos leitores foram: fluência, flexibilidade e originalidade. (Hussein, 2008).

Bampi (1995) afirma que “a leitura e a redação criativa envolvem uma tentativa deliberada do leitor de ir além da informação, uma procura de novas ideias e um tratamento produtivo destas. Ela conclui que os alunos criativos usam mais o significado do pensamento divergente do que o convergente. Este último envolve o uso de leitura e redação criativa para obter significados dos fatos e sua correção, enquanto que a produção divergente implica em algumas possíveis respostas – em que não existe resposta correta – e seus critérios de medidas são: originalidade, novidade e imaginação das respostas dadas ao texto e à escrita.”

Encontrou-se o predomínio dos temas de leitura seguida de escrita criativa mais do que temas sobre a leitura criativa, num levantamento bibliográfico no *PsichInfo* (2002/2009) realizado por Hussein (2014). O que justifica essa tendência encontrada é a conclusão de Labuda (1985) ao afirmar que “a leitura criativa e a escrita criativa podem não ser habilidades separadas”. Este mesmo autor conclui que “em alguns programas inovadores, a escrita criativa é apresentada como correlacionada à leitura criativa”. Assim, Groeben (2001) considera que “a leitura produz estímulos para a criação e que a escrita criativa é produção subsequente”. Este quadro evidencia a necessidade de maior esclarecimento dessas habilidades.

O ensino de redação criativa de poesia é uma habilidade mais específica da redação criativa, que segue em seu ensino os mesmos princípios orientadores da redação criativa. Serão feitas, a seguir, considerações a respeito destas pautas gerais de ensino.

II - Estratégias de ensino de leitura e escrita criativa

Alguns critérios foram propostos por autores para o ensino de redação criativa para escolares. Seguem abaixo algumas pautas gerais que orientam este estudo.

Sugestões são dadas por Condermarin e Chadwick (1987) que “recomendam critérios para serem usados no ensino de redação criativa para escolares:

- 1 – Enfatizar o produto e não o processo;
- 2 – Criar uma atmosfera em que as crianças sintam-se livres para expressar-se abertamente;
- 3 – Os seus esforços devem ser aprovados;
- 4 – É importante manter uma atitude positiva em relação ao trabalho dos alunos;
- 5 – Permitir e incentivar que as crianças compartilhem seus escritos com outros companheiros;
- 6 – Cada expressão escrita é individual. Não esperar que elas utilizem o mesmo estilo;
- 7 – Apresentar tópicos abertos para dar aos alunos a liberdade necessária para criar;
- 8 – Dar uma variedade de atividades de escrita para estimular a imaginação e a criatividade;
- 9 – Praticar a escrita e comunicar-se com frequência com os colegas;
- 10 – “E também que os escolares fiquem motivados para escrever através da participação como autores e escritores”.

O uso de algumas estratégias de ensino de redação criativa foi proposto. Torrance e Salfter (1990) defendem “o uso delas em três momentos: o antes, o durante e o depois de qualquer tarefa descrita no ensino de leitura e redação criativa:

Estágio 1 – Deve-se aumentar a antecipação e expectativa, no sentido de preparação para a aprendizagem, criando-se o desejo de aprender e aumentando a curiosidade dos alunos;

Estágio 2 – Aprofundar as expectativas e o conhecimento, aumentando a preocupação com o problema;

Estágio 3 – Para que ocorra e continue ocorrendo o pensamento criativo, devem ser oferecidas amplas oportunidades para que as informações não sejam absolutas, fechadas, mas que sejam divergentes e apresentem várias possibilidades. ”O ensino de redação criativa de poesia é uma habilidade mais específica da redação criativa que segue em seu ensino os mesmos princípios orientadores da redação criativa. Serão feitas a seguir considerações a respeito da poesia e seu ensino.

III - Ensino de redação criativa em poesia para escolares

A poetisa Cecília Meireles escreve no prefácio do livro de Rilke (1984): “as propostas deste autor vão mais longe: tratam da formação humana, base de toda criação artística”. Assim, acrescenta-se que para formar o poeta, a educação dada pelos pais e as escolas deveria levar a criança e o jovem a apreciar o belo e a poesia no cotidiano. Além disso, “o jovem poeta deveria cultivar a apreciação do belo, da harmonia, do simples e do profundo na existência, para expressá-los nos seus poemas”.

A poesia é uma modalidade da escrita criativa, que é “resultado de fantasia, habilidade esta que pode ser estimulada com propostas aplicadas à escrita”. “Ela é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência”. Ao ensinar “a escrita criativa, os professores devem levar em conta certas pautas gerais para ajudar as crianças no desenvolvimento de redação criativa”. (Condemarin & Chadwick, 1987).

Os critérios apontados no ensino de redação criativa podem ser usados para o incentivo de expressão poética. Assim, Bragotto (1994) usou numa fase inicial as estratégias da redação criativa seguida por uma fase posterior de ensino de redação de poesia para a expressão poética. Evidenciou-se que o uso destas estratégias no início facilitou a expressão poética.

O uso da poesia para o ensino da poesia foi enfatizado por Bragotto (1994), que afirma que “o uso dela leva à inspiração de respostas poéticas”. Ela afirma que “o uso de poesia é uma forma de iniciar o ensino de redação criativa, que toca nos sentimentos, gerando ideias que podem ser expressas na escrita de poemas”. Essa autora realizou um trabalho aplicando um programa de ensino de poesia para 30 adolescentes de escola pública e deu orientação a 2 professores de português. Encontrou que houve aumento significativo da criatividade verbal, das características criativas da personalidade e da atitude positiva frente à poesia, e da expressão poética, que foram incentivadas através do contato e exercícios com poemas, nos alunos do grupo experimental em relação ao grupo de controle. E que não houve melhoria significativa na qualidade poética na escrita de poemas para ambos os grupos. Não foi observada modificação qualitativa em motivação dos estudantes e professores, para ambos os grupos. Os dados sugerem que o programa de ensino de poesia incentivou mais a forma e que não houve melhoria na qualidade poética na escrita de poemas. Ainda se necessitaria de

programas de ensino mais longos para esclarecer os dados do estudo acima. Sugere-se também a questão se é possível ensinar a poesia? E se é possível ensinar a beleza, a harmonia, a simplicidade, a delicadeza e as questões mais profundas da vida? E se é possível elaborar o ensino dessas habilidades? No entanto, mais estudos posteriores sobre esta questão são necessários.

Finalmente, elaborar considerações sobre esta área é uma tarefa difícil e complexa. Encontrou-se, porém, a carência de pesquisas sobre o ensino de poesia, o que evidencia que precisa-se de trabalhos posteriores sobre o tema, elaborados por aqueles que gostam da literatura e a apreciam.

Carmen Lúcia Hussein
Sócio Correspondente

I. PANORAMA CULTURAL - Prêmio Nobel de Literatura

(*) *Celso de Almeida Cini*

Quem, dentre nós Acadêmicos, já não se interessou em conhecer e acompanhar os premiados dessa importante láurea sueca? Realmente, todos os anos, a Comissão Julgadora encarregada pela Academia Sueca elege, dentre os muitos escritores, historiadores, poetas, indicados como candidatos ao Nobel de Literatura, por outros literatos já laureados, pelas Academias de Letras ou Pen Club de diversos países, ou pela própria Academia Sueca, o nome do novo agraciado com o *Prêmio Nobel de Literatura*, sempre divulgado em outubro de cada ano. Quando François Mauriac, notável escritor francês, recebeu o Nobel de Literatura de 1952, havia cerca de quarenta excelentes escritores concorrentes entre os votados.

Na verdade, feita a análise das obras dos candidatos, realizadas as discussões entre os membros da Comissão Julgadora, segue-se a votação secreta para a eleição, por maioria dos votos ao candidato vencedor. O representante responsável (Secretário Geral) pode avisar o ganhador, por telefone, e então divulga a decisão da Academia Sueca pela mídia mundial. E, pela Fundação Nobel, em Sessão Solene, é premiado regamente o destaque mundial da literatura: esse poeta ou escritor será o *Prêmio Nobel de Literatura do ano!*

O que é o Prêmio Nobel – Origem histórica. Em breve notícia, damos a seguir o surgimento do Prêmio Nobel, instituído por Alfred Nobel.

Alfred Bernhard Nobel, nasceu em 21 de outubro de 1833, em Estocolmo, Suécia, foi químico, engenheiro autodidata e grande inventor. Seu pai, o engenheiro civil, Immanuel Nobel, foi o criador da madeira compensada e outras utilidades. Ainda criança, Alfred passou a viver em São Petersburgo, na Rússia, com a família, onde estudou matemática, línguas, física e química, com professores particulares, enquanto seu pai trabalhava para o governo federal, abrindo estradas e produzindo equipamentos para o exército russo. Era época da Guerra da Criméia. Ainda jovem, após ter feito um tratamento de saúde na Alemanha, Alfred viajou aos Estados Unidos e à França para aperfeiçoar-se em química.

Já adulto, Alfred Nobel, dedicou-se também à poesia, ao teatro (foi autor de várias poesias de valor e de uma ópera) e à filosofia, tornando-se um verdadeiro humanista. Com moderado talento para a literatura, sentiu as dificuldades para criar uma verdadeira obra de

arte. Seria um dileitante das artes, mas nunca um verdadeiro poeta ou escritor. Entretanto, era muito culto e admirador das artes, mas nascera para criar inovações químicas. Viveu boa parte de sua vida em Paris, onde passava seu tempo no laboratório, pesquisando continuamente. E sua dedicação era tal que por vezes esquecia-se de fazer suas refeições.

Começou suas atividades profissionais realizando experiências com o detonador de percussão para a nitroglicerina, em 1862. Sofreu com uma grave explosão em sua fábrica, tendo perdido o irmão caçula nesse sinistro, mas nunca desanimou. Em 1867, patenteou um explosivo seguro. Criou, em 1875, a gelatina explosiva. Nesse ano, comprou uma casa em Paris, para servir de laboratório e escritório. Teve várias empresas industriais e patenteou cerca de 355 invenções. A mais importante delas, e mais conhecida comercialmente, foi a *dinamite*, que conseguiu inventar e patentear por volta de 1867, quando ainda trabalhava em um laboratório na Alemanha.

Ao longo da vida, Alfred Nobel logrou acumular uma das maiores fortunas do seu tempo. Com os rendimentos de seus inventos, Alfred Nobel passou a viajar pelo mundo a fim de garantir patentes, criar empresas e obter financiamentos para novos inventos, enfrentando acusações e disputas legais. Em 1884 foi admitido como membro da Academia Real de Ciências da Suécia e, em 1893, recebeu o título de *doutor honoris causa* da Universidade sueca de *Uppsala*. Seus inimigos o cognominaram injustamente de “*mercador da morte*” em razão das graves consequências que o uso descuidado de seus inventos podia provocar.

Na verdade, longe do que se apregoava a seu respeito — que ele seria alguém vaidoso, pouco instruído, que buscava fama e fortuna e que seria um homem cruel —, Alfred Nobel era um ser melancólico e sonhador: uma espécie de eremita. E, ao contrário dos maledicentes, era modesto, gentil, cortês, generoso e muito instruído, embora de forma autodidata. Tinha domínio de vários idiomas: falava fluentemente alemão, inglês, francês, russo e, naturalmente, sueco, sua língua pátria. Ninguém foi mais respeitoso e devotado aos pais. Adorava sua mãe, a quem visitava com assiduidade. Com sua generosidade, ajudou muita gente que dele precisou. Foi munificente, por vezes, além de seus próprios rendimentos pessoais.

E, embora aparentemente indiferente quanto à religião (era acusado de ser ateu), seu comportamento sempre generoso e atencioso com o próximo, prova ter estado sempre muito próximo de atitudes e sentimentos cristãos. De outro lado, embora tenha tido relacionamento com três mulheres, ao longo da vida, não deixou descendentes. Faleceu em 10 de dezembro de 1896 de um grave AVC hemorrágico.

Poucas semanas após sua morte, revelou-se publicamente seu testamento, com a recomendação de que sua fortuna (equivalente hoje a cerca de 300 milhões de dólares), fosse aplicada na concessão de prêmios “às pessoas que tenham prestado os maiores serviços à humanidade” (*sic*). Na verdade, por volta de 1893 — três anos antes de sua morte — já desgostoso por constatar o uso militar de suas invenções, e para demonstrar seu espírito pacifista, num primeiro documento de última vontade, assinado em 14 de março de 1893, Alfred Nobel manifestava “sua disposição de premiar as descobertas mais importantes e mais originais, as realizações mais notáveis no domínio do conhecimento ou no caminho do progresso humano”, como aliás, consta do Vol. 60 (à pg. 9) da Coleção “Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura (Editora Opera Mundi – RJ 1970)”. Dois anos mais tarde, estabeleceu claramente que todas as premiações levariam o nome Nobel, em seu testamento definitivo, datado de 27 de novembro de 1895.

O Testamento de Alfred Nobel - Do texto integral de sua disposição de última vontade, consta, o excerto abaixo, conforme se vê a pg. 9 do Vol. 60 daquela Coleção, que adquirei na ocasião em que a obra foi lançada: “*Todo o resto da fortuna realizável, por mim deixada ao morrer, será empregado da maneira seguinte: o capital, colocado por meus executores testamentários em valores móveis seguros, constituirá um fundo, cuja renda será distribuída, cada ano, a título de recompensa, às pessoas que, no decorrer do ano precedente, tenham prestado os maiores serviços à humanidade. Essa renda será dividida em cinco partes iguais. A primeira será atribuída ao autor da descoberta ou invenção mais importante no domínio da Física; a segunda ao autor da descoberta ou invenção mais importante em Química; a terceira, ao autor da descoberta mais importante em Fisiologia ou em Medicina; a quarta, ao autor da mais notável obra literária de inspiração idealista; a quinta, à personalidade que mais ou melhor tenha contribuído para aproximação dos povos, para a supressão ou redução dos exércitos permanentes, para a reunião ou propagação dos congressos pacifistas. Os prêmios serão assim conferidos: o de Física e o de Química, pela Academia Sueca de Ciências; o de Fisiologia e Medicina, pelo Instituto Carolino de Estocolmo; o de Literatura pela Academia de Estocolmo, e o da Defesa da Paz, por uma comissão de cinco membros eleitos pelo Storting (Parlamento em norueguês). Desejo expressamente que os prêmios sejam conferidos sem qualquer consideração de nacionalidade, de modo a serem atribuídos aos mais dignos, sejam ou não escandinavos.*

Paris, 27 de novembro de 1895.

“Alfred Bernhard Nobel”

A propósito do conteúdo do testamento, grafamos em negrito para destacar com que palavras Alfred Nobel criou o Prêmio Nobel de Literatura. Seu desejo era premiar o autor (escritor, poeta, historiador, teatrólogo ou filósofo) de *determinada obra (a mais notável) de inspiração idealista*. Isto é, não necessariamente o conjunto da obra escrita durante a vida desse autor. O termo **obra** deixa margem a dúvida: certa obra? Ou o conjunto de sua obra? A Academia Sueca teve de enfrentar e resolver esse problema, antes de iniciar as premiações.

No texto do artigo “O Prêmio Nobel de Literatura”, escrito pelo sueco e *expert* Anders Osterling, da Academia Sueca, esse buscou interpretar com rigor a vontade de Alfred Nobel, - à pg. 128, do Vol. 60, sob o título “*Nobel - O Homem e seus Prêmios*” (Coleção Biblioteca do Prêmios Nobel de Literatura) — quando diz, “*in verbis*”: “*A intenção de Nobel havia sido, evidentemente, que o Prêmio de Literatura servisse de recompensa a determinada obra (de inspiração idealista), e pudesse ser, ao mesmo tempo, um encorajamento a perseverar na mesma trilha. É certo que, desse duplo ponto de vista, era muito difícil conceder o Prêmio. Uma boa obra (digamos até uma excelente obra) de um jovem autor nem sempre é uma garantia de que a produção futura será tão notável. Os anais literários dos últimos sessenta anos demonstram que demasiado amiúde, obras cheias de promessas ficaram sem amanhã, e podem também ser consideradas como efêmeros relâmpagos de gênio em meio a uma carreira no total obscura e esquecida.*”

E, o mesmo Osterling, prossegue: “*A fim de chegar a normas mais justas para a distribuição do Prêmio de Literatura, convém, portanto, poder julgar toda a produção de um autor, com o fito de saber se ela marcou os contemporâneos e se foi reconhecida, sob diversos ângulos, como tendo valor literário incontestável. Uma consequência lamentável desse procedimento é que os autores jovens têm, em geral, de marcar passo antes de serem tomados em consideração, e nunca podem esperar ocupar imediatamente o centro da atenção.*”

Desse modo, como se verá mais adiante, o julgamento do Comitê ora destaca uma obra em particular, ora exalta o conjunto da obra, para premiar o autor (poeta, escritor romancista, historiador, filósofo ou teatrólogo), escolhido vencedor, por eleição, a cada ano.

O Nobel de Ciências Econômicas

É importante acrescentar às informações contidas no testamento de Alfred Nobel que, a partir de 1968, o Banco Central da Suécia tomou a iniciativa de criar, por sua conta, o Prêmio anual de Ciências Econômicas, embora não vinculado à Fundação Nobel. Contudo,

esse prêmio passou a ser considerado como o “Nobel” de Economia, sempre anunciado e entregue nas mesmas datas daqueles criados por Alfred Nobel.

A concessão do Nobel de Literatura – Regras e Cronograma

Este prêmio, em particular, é organizado por um Comitê, criado pela Academia Sueca, eleito entre os dezoito titulares vitalícios desse silogeu, para um mandato de três anos. As indicações para concorrer ao prêmio são feitas durante o ano por aquelas entidades já mencionadas, desde que qualificadas pelo Comitê do Nobel. A forma de atuação prende-se a regras constantes do estatuto da Fundação Nobel, aprovado pelo governo sueco em 1900. Inicialmente, só poderiam apresentar candidaturas as Academias Sueca, Francesa e Espanhola, além de membros de outras associações, instituições ou sociedades culturais de mesmo nível daquelas academias e ainda por professores universitários de literatura, história e estética, como sublinha o jornalista, Lundenbergue Góes, em sua obra sobre Os ganhadores do Nobel de Literatura (até 2010). Nesse importante trabalho também se encontram as regras básicas constantes do estatuto para a concessão do Prêmio Nobel de Literatura. Resumidamente, tais regras dizem: “A Academia Sueca, composta por dezoito membros é responsável pela seleção dos laureados; o Comitê do Nobel, formado por cinco membros, avalia as indicações e faz as recomendações à Academia; os candidatos devem ser indicados por pessoas qualificadas, convidadas pelo Comitê; ninguém pode autoindicar-se; os nomes dos indicados não escolhidos permanecerão em sigilo por cinquenta anos; o prêmio não pode ser atribuído postumamente e só será entregue a um representante se a morte do laureado ocorrer depois do anúncio oficial da escolha; o cronograma para a escolha do premiado desenvolve-se: setembro, abertura das indicações com os convites a 600/700 pessoas responsáveis das entidades qualificadas; fevereiro, encerramento das indicações. O Comitê faz a lista dos candidatos e a submete à Academia Sueca; abril: o Comitê seleciona quinze a vinte nomes para análise da Academia; maio: o Comitê elege os cinco candidatos ao prêmio que serão considerados pela Academia; junho/agosto, os membros da Academia fazem a leitura e avaliação dos trabalhos e o Comitê prepara relatórios individuais; setembro, em conferência, os membros da Academia discutem os méritos de cada candidato; outubro, no início do mês, em votação secreta, é escolhido o ganhador do Nobel de Literatura, que precisa receber mais da metade dos votos da Academia; o ganhador é oficialmente comunicado e a mídia divulga seu nome e nacionalidade ao mundo; dezembro, no dia 10 – data da morte de Alfred Nobel – realiza-se a cerimônia solene de entrega do prêmio”.

Comentários sobre autores preteridos

Frequentemente a escolha acadêmica tem suscitado polêmicas. Entretanto, a decisão da Academia Sueca é sempre soberana e se mantém, ainda mesmo quando o premiado se recuse, ou seja impedido, por quaisquer razões, de aceitar ou receber o prêmio. A verdade é que, na prática, todos os anos há manifestações, favoráveis e contrárias ao nome proclamado vencedor. Mas, a decisão dos votos, anunciada pelo Comitê, tem sido sempre mantida. E, em 114 anos, as decisões da Academia Sueca não sofreram qualquer alteração. Se bem que, em alguns anos, o prêmio não chegou a ser atribuído, conforme esclarecemos mais adiante.

Na verdade críticos abalizados de todo o mundo têm se manifestado considerando que, os responsáveis pela premiação do Nobel de Literatura têm, inexplicavelmente, ignorado grandes autores, reconhecidos mundialmente, tais como o russo, Leon Tolstoi (1828 – 1910), autor do notável romance *Guerra e Paz*, sua obra prima (1865/1869). Também o nome de Vladimir Nabokov, romancista norte-americano, de origem russa e expressão inglesa e russa, nascido em São Petersburgo, Rússia (1898 – 1977) e falecido em Montreux, na Suíça, está entre os esquecidos pela Academia Sueca. Nabokov foi poeta e escritor, tendo publicado seu primeiro romance em 1941, mas ficou conhecido pelo romance *Lolita* (1955), que sofreu restrições e proibições em países da Europa. É que a obra conta a história da paixão de um homem de meia idade por uma adolescente. O romance também deu origem a um filme com o mesmo título, que foi severamente criticado, e sua exibição suspensa por muito tempo, por mostrar uma forte tendência à imoralidade (pedofilia?). Autor de vários romances em língua inglesa, Vladimir Nabokov foi considerado mestre da língua inglesa e dono de estilo elegante e refinado, tendo publicado, além dos romances, também importantes ensaios sobre Gogol e Puchkin.

A propósito, críticos norte-americanos lembram muitos nomes realmente importantes, que entendem injustamente esquecidos pelos julgadores, tais como o escritor francês, Émile Zola, criador do naturalismo literário. Foi autor do *Crime do Padre Mouret*, *Germinal* e outros romances importantes. Sua morte, em 1902, o afastou definitivamente da probabilidade de ser laureado, o que torna a queixa vazia; o judeu tcheco, Franz Kafka, autor de romances sobre a opressão moderna da burocracia (*O Processo*, *O Castelo*, *América*, *A Metamorfose* e outros). Mas, Franz Kafka nada publicou em vida e o Nobel de Literatura não premia autores postumamente. Além disso, as obras de Kafka só foram conhecidas quando publicadas por iniciativa de Max Brod, amigo do escritor, após a morte do autor ocorrida em 1924 e, ainda assim, essa atitude foi contra a vontade do falecido, que queria suas obras destruídas.

Dois nomes de intelectuais argentinos, também são citados como injustamente esquecidos: o escritor e poeta, Jorge Luis Borges (1899 -1986), vanguardista que ressalta aspectos cosmopolitas e suburbanos da capital Argentina, Buenos Aires.

Borges foi também, o mais conhecido e o mais traduzido dos escritores de língua hispano-americana. Tinha predileção pela literatura anglo-saxã, germânica e escandinava. Foi muito perseguido pelo governo populista de Juan Domingo Perón. Entretanto, há quem justifique a atitude da Academia Sueca que, não obstante as muitas indicações do nome desse escritor argentino, pode ter levado em conta a injustificável aceitação dele ao prêmio que lhe conferiu o militar e ditador chileno, Augusto Pinochet, o que configuraria um motivo político. O outro argentino esquecido, seria Júlio Cortázar, (Bruxelas, Bélgica 1914 – Paris 1984), cuja obra contribuiu decisivamente para a renovação da prosa latino-americana. Mesclava sua obra apoiando-se em três pontos: o fantástico, o engajamento político e a busca de uma linguagem que revelasse a “*realidade rio-platense*”.

As queixas lembram ainda outros autores europeus: (Johan) Hendrik Ibsen (1828 – 1906), dramaturgo e poeta norueguês de abundante produção teatral, considerado pai do teatro moderno e do drama realista. Foi o autor de *Casa de Bonecas* que provocou enorme controvérsia literária (1879). Sua morte, em 1906, também afastou dele a possibilidade de receber o Nobel. Os franceses, Paul Valéry (1871 – 1945), poeta simbolista famoso e ensaísta consagrado com a publicação de *A Jovem Parca*. E Marcel Proust (1871 -1922), escritor muito considerado pela autoria de um dos maiores romances de todos os tempos: *À la Recherche du Temps Perdu* (1913) Em busca do tempo perdido; James Joyce (1882 -1941), escritor irlandês que utilizou-se da independência artística moderna, pela qual inovou e revolucionou o formato e a estrutura do romance, com sua obra prima, *Ulisses*.

São esses, entre outros, os literatos que, segundo a crítica literária norte-americana, mereciam maior atenção dos responsáveis pela atribuição do Prêmio Nobel de Literatura. Mas, a Academia Sueca, que se mostra bastante cuidadosa, é soberana em suas decisões e não se deixa influenciar por críticas ou por qualquer tipo de pressão. É óbvio que, a cada ano, alguns autores importantes serão, involuntariamente, sempre preteridos. O prêmio é um só, por ano. Todavia, o prêmio do ano seguinte pode vir a ser concedido a um dos preteridos do ano anterior. Daí os responsáveis seguirem a regra sábia de não revelar nomes de preteridos, seja do grupo maior selecionado, seja dos cinco submetidos à votação do Comitê. Tornam-se segredo a ser respeitado por 50 anos!

De outro lado, é interessante notar que houve anos em que o prêmio foi dividido entre dois agraciados. Pormenores estão mais adiante. Isto significou uma saudável fuga à regra.

Ouso pensar que esta decisão poderia repetir-se mais vezes, já que atualmente, o prêmio alcança mais de 1,5 milhão de dólares, enquanto que grandes autores preteridos poderiam figurar perfeitamente lado a lado, em lugar de um vencedor único. Nenhum demérito.

Obras notáveis que valeram um Nobel de Literatura

Inicialmente, é importante destacar que, não há que se falar nos grandes literatos do passado, já falecidos. O “*Nobelpriset i litteratur*” (em sueco), é prêmio concedido a escritores ou poetas vivos, e a partir de 1901. Trata-se de uma distinção que deve ser atribuída, segundo as próprias palavras de seu criador, Alfred Nobel, “*a um autor de qualquer nacionalidade, que tenha produzido, no ano precedente, o mais magnífico trabalho em uma direção ideal*”. Como já tratamos anteriormente, o termo “*trabalho*”, aqui, pode ter o sentido de uma obra em particular, como foi esclarecido pelo “*expert*”, Anders Osterling, o que vem confirmado pelo número de premiações, quando o julgamento levou justamente em consideração **determinada obra**, para para conferir o prêmio Nobel ao vencedor.

A primeira Nobel de Literatura em 1901, foi conferido ao poeta e filósofo francês, nascido em Paris a 16 de março de 1839, **Sully Prudhomme**, autor do conhecido soneto “**Le vase brisé**” (O vaso partido), que faz parte de sua primeira publicação, **Stances e Poèmes**, de 1865, quando o poeta, então, contava 26 anos. Seu nome verdadeiro era René François Armand Prudhomme, filho do comerciante Sully Prudhomme, de quem, em homenagem, adotou aquele nome artístico.

A epígrafe da Academia Sueca, usada na noite da premiação, dizia: “*Em especial reconhecimento por sua composição poética, que dá mostras de suave idealismo, perfeição artística e rara combinação das qualidades do coração e do intelecto*”. Vale dizer que o primeiro Nobel de Literatura foi concedido pelo **idealismo contido no conjunto da obra**.

Ato contínuo à premiação de Sully Prudhomme, criou-se a primeira polêmica. Um jornal sueco lamentou que a Academia tivesse preterido escritores mais conhecidos, como Leo (Nicolaievitch) Tolstoi, Henrik Ibsen e Émile Zola, alegando que o premiado era praticamente desconhecido fora da França. Neste caso a Academia, através de seu Secretário (C.D.af Wirsén), esclareceu que a escolha (eleição) foi “*feita depois de submeter escrupulosamente a exame numerosas e excelentes indicações, de igual importância literária ao poeta eleito e agraciado com o prêmio*”. É possível que o nome do russo, Tolstoi, já figurasse entre os cinco autores submetidos ao voto.

É certo por último que Sully Prudhomme publicou também obras filosóficas e naturalistas, até 1905, sobre o palpante assunto da origem e evolução da vida terrestre, com

base no darwinismo, e sobre o livre arbítrio, diante da ciência do positivismo. O poeta faleceu em 1907, vítima de paralisia, adquirida enquanto soldado da Primeira Guerra Mundial.

De outro lado, o Nobel concedido ao eminente erudito clássico, **Cristian Mathias Theodore Mommsen** (1817-1903), **Prêmio Nobel de Literatura de 1902**, foi conferido com o seguinte destaque do Secretário Geral da Academia: “*Ao grande mestre vivo da arte da escrita histórica, com especial referência ao seu monumental trabalho, **História de Roma.***”

A bem da verdade, diga-se que, Mommsen foi verdadeiramente um sábio notável: historiador, jurista, jornalista, arqueólogo, político e escritor. Foi professor de Direito Romano e filologia em Berlim e Breslau. Membro e Secretário da Academia de Berlim. Exerceu forte influência sobre as ciências histórica e filológica de seu tempo. Membro político (deputado liberal) na Câmara prussiana e nacional-liberal no Reichstag. Sua extensa obra (mais de 950 títulos!) inclui, além da **História de Roma**, obras gigantescas como a do **Corpus Inscriptionum Latinarum** (1867-1929), uma coleção de inscrições romanas elaborada a pedido da Academia de Berlim, editada em 16 (dezesseis) volumes! E ainda a do **Corpus Iuris Civilis**, a do **Codex Theodosianus**, e a dos **Monumenta Germaniae Historica** e **Limes Romanus**. No caso da premiação de Mommsen, em particular, ao anunciar o prêmio, o representante da Academia houve por bem esclarecer que, o segundo parágrafo dos estatutos do Nobel, estabelece que a literatura inclui, não somente as belas letras, “*mas também outros escritos com forma e conteúdo de valor literário*”, o que permite a concessão do Prêmio Nobel de Literatura a filósofos, teólogos, cientistas e historiadores com trabalhos destacados pela excelência artística da apresentação, bem como pelo alto valor de seu conteúdo. E o mesmo representante deixou bem claro ter sido “*o monumental trabalho*” de Mommsen, História de Roma, que induziu a Academia a lhe conceder o prêmio nesse ano. O agraciado faleceu no ano seguinte (1903), ao da premiação.

Outra informação interessante sobre o Nobel concedido em 1902 é que todas as previsões apontavam, nessa ocasião, o escritor russo, **Lev Tolstói**, autor de **Guerra e Paz**, obra que mereceria o Nobel, assim como era favorito o seu autor, que estava realmente entre os proeminentes candidatos desse ano: provavelmente entre os cinco submetidos ao voto. Assim, constituiu surpresa e até mesmo uma grande frustração a decisão da Academia Sueca, afastando o venerando autor russo da premiação. Finalmente, Tolstói faleceu, oito anos depois, em 1910, sem ter sido distinguido com tal Laurea.

Casos semelhantes, com a premiação destacando determinada obra, repetiram-se depois, ao longo dos anos. Assim ocorreu com o poeta suíço, nascido no Cantão da Basileia, **Karl Spitteler** (1845-1924), **Prêmio Nobel de Literatura de 1919**, para o qual a epígrafe da

Acadêmia Sueca dizia, textualmente: “*Em consideração especial por seu épico, **Primavera Olímpica**.*” Com efeito, trata-se de um extenso poema épico-alegórico, em estilo romântico, ao modo do longo, mas magnífico poema épico do período clássico, **O Paraíso Perdido**, de **John Milton** (1608-1674), poeta inglês que, cego em 1651, ditou esse poema, de fundo bíblico, às quatro filhas, pelo qual narra as vicissitudes de Adão e Eva, e justifica ao homem as ações tomadas pelo Senhor que os afastou do paraíso.

Outrossim, na premiação de 1920, ao escritor norueguês, vanguardista, contestador, romântico, místico, satírico e cômico, **Knut Hamsun** (1859 – 1952), **Prêmio Nobel de Literatura de 1920**, a epígrafe da Academia Sueca dizia: “*Por seu monumental trabalho **Os frutos da terra**. Na verdade, a Academia Sueca sublinha que “o livro premiado conta a história de um vagabundo que perambula pelas ruas de Oslo, a capital da Noruega, e que é a representação de uma vida que forma a base da existência e do desenvolvimento das sociedades, onde quer que os homens vivam e construam”.* A obra premiada é de 1917 e foi a trigésima publicada pelo autor. A obra impressionou muito a Academia Sueca que, em 1920, concedeu-lhe o Nobel de Literatura. Segundo os críticos, Knut Hamsun foi um importante escritor modernista que influenciou Franz Kafka, Thomas Mann, Henri Miller e Ernest Hemingway. Sua vida, errante e inquieta, merece ser conhecida.

Knut Pedersen (esse era seu nome de batismo), nasceu em Lom, na região central da Noruega em 4/08/1859. Era filho de um alfaiate itinerante. Dificuldades levaram os pais de Knut a mudar-se para Hamaroy, próximo ao Círculo Polar Ártico, onde Knut trabalhou no Correio e chegou a cortar lenha para ajudar a pagar as dívidas da família. Nessa época a leitura era seu passatempo. Com 17 anos foi aprendiz de sapateiro, trabalhou numa fábrica de cordas e foi balconista de loja. Aos 18 anos foi para a Capital, Cristiana, hoje Oslo, onde trabalhou na construção de uma rodovia e viveu praticamente na miséria. Por duas vezes conseguiu viajar aos Estados Unidos e, na segunda vez, entre 1886 e 1888, com 28 anos, foi condutor de bondes em Chicago. Depois trabalhou numa fazenda na Dakota do Norte e deu palestras a imigrantes noruegueses em Mineápolis. Ao voltar à sua terra, insistiu na carreira literária. O talento de Knut Hamsun só foi reconhecido depois de publicar o romance, **Fome**, em 1890, sua sexta obra, que marca o início do modernismo literário na Europa.

Casou-se em 1898, aos 40 anos, com Bergljot Gopfertin com quem teve uma filha, Vitória. A vida movimentada e incrível desse escritor levou-o em seguida à Finlândia, em 1900, onde escrevia uma longa peça teatral. Intensa vida social e bebedeiras com artistas finlandeses provocaram seu divórcio em 1906. Em 1909, aos 50 anos, casou-se com uma atriz 23 anos mais jovem, Mary Andersen, que abandonou a carreira teatral para viver com ele

numa Fazenda em Nordland, onde o casal teve quatro filhos, comprou uma casa e onde Knut viveu até sua morte em 19 de fevereiro de 1952.

Durante muitos anos a carreira de Knut Hamsun foi marcada por sua adesão à Alemanha nazista. Depois de um encontro com Hitler, em 1943, quando as tropas alemãs invadiram a Noruega, decidiu doar sua medalha de ouro do Prêmio Nobel ao nazista Josef Goebbels. Depois da guerra, sua esposa foi presa e Knut foi internado numa clínica psiquiátrica.

Consta que recentemente seu nome foi reabilitado, como escritor. A Rainha Sonja da Noruega, abriu um festival em 2009 – em comemoração aos 150 anos do nascimento de Knut Hamsun. Houve então novo interesse por suas obras. Seus livros voltaram a ser editados e muito lidos. Mas a mágoa por sua inclinação ao nazismo, ainda hoje entristece muitos patrícios desse escritor. *(Fim da primeira parte do Ensaio sobre o Prêmio Nobel de Literatura. Continuará na próxima edição da Revista Tamises)*

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 – Patrono Afonso Schmidt

**DR. LUIZ CARLOS PEREIRA DE ALMEIDA
UM CIDADÃO SUL-SÃO-CAETANENSE**

() José Roberto Espíndola Xavier*

Senhoras e senhores,

Acabamos de conhecer o currículo de um vencedor. Vencedor em todos os aspectos da vida que podem enobrecer o caráter de um homem, propiciando-lhe os mais justos motivos para uma elevada autoestima: mente privilegiada, educação esmerada, fortes laços familiares e plena realização profissional.

Para galgar este estágio há que haver disciplina no desenvolvimento das aptidões e discernimento nas condutas a que a vida nos impõe tomar. Há que haver, antes de tudo, um compromisso de fidelidade consigo e com o próximo, estruturado nos melhores valores das inter-relações humanas.

Há que se ter amor no fazer e no sentir.

Este patamar de clarividência, de lucidez comportamental, mental e de civilidade, pavimenta os caminhos mais efetivos na busca pela felicidade, objetivo perene do ser humano.

Ao falar em objetivismo, vem-me à memória a filósofa russo-americana Ayn Rand, falecida no século passado; criadora desta corrente que se baseia na racionalidade, no individualismo, no livre mercado e na liberdade de expressão. O capitalismo representado no que tem de melhor na sua essência.

Diz ela:

"A razão é o dom fundamental do Homem. Seja qual for o seu futuro, no amanhecer de suas existências, os Homens procuram uma visão nobre da sua natureza e do potencial de suas vidas".

Diz também:

"Posso aceitar qualquer coisa, exceto o que parece ser o mais fácil para a maioria das pessoas: o caminho do meio, o quase, o entre, o que está para acontecer..."

"Os Homens têm aprendido que é uma virtude concordar com os outros. Mas o criador é o Homem que discorda".

"Os Homens têm aprendido que é uma virtude nadar a favor da corrente. Mas o criador é o Homem que vai contra a corrente".

Assim falou.

Simplifico estes pensamentos nas palavras: bom senso, visão e autoconfiança; ou ainda, na magnífica síntese das frases:

"Yes, we can" (Barak Obama) e "Non ducor, duco", do brasão da cidade de São Paulo.

Senhoras e senhores,

Os grandes empreendedores, nos momentos cruciais, não se apoiam nas decisões de meio termo quando estas não representam soluções eficazes. Adotam comportamentos maniqueístas, do tudo ou nada; ações muitas vezes interpretadas como egoístas.

Não tergiversam, realizam. Não titubeiam, fazem acontecer.

São os egoístas racionais. O egoísmo na dose certa e necessária

Os que decidem podem errar; os que não o fazem, já erraram.

O Homem que não valoriza a si próprio não pode valorizar nada em ninguém.

Caríssimo novel filho de São Caetano do Sul,

Esta é uma cidade que reconhece talentos, enaltece o trabalho, glorifica a fé em todas suas vertentes, respeita ideologias e, sobretudo, louva seus benfeitores. (Esta cerimônia é mais um testemunho desta realidade).

As correntes migratórias e imigratórias que para aqui convergiram no século passado compuseram nestes 15km² um lugar de elevado índice de desenvolvimento humano, com alta densidade populacional.

Assim, nosso povo, zeloso e consciente da sua cidadania, participa ativamente do processo político, contribuindo para que possamos evoluir paulatinamente para uma verdadeira democracia representativo-participativa.

A notável contribuição de Vossa Senhoria na urbanização recente do município faz agora parte do orgulho e privilégio de habitarmos São Caetano.

O Espaço Cerâmica é uma referência de aproveitamento arquitetônico inteligente, com preservação do meio ambiente e respeito ao patrimônio histórico local e regional.

Seja bem-vindo a São Caetano do Sul, que ora o recebe com a unanimidade do seu Poder Legislativo. É com grande alegria que o fazemos!

Doravante, ao pisar este solo, faça-o com a galhardia de um legítimo merecedor desta homenagem e sinta no coração a sincera acolhida dessa gente de Tijucuçu.

Parabéns, extensivos a toda sua família!

José Roberto Espíndola Xavier
Cadeira 24 – Patrono Alberto de Oliveira

Volume XIII - 2015

TAMISES

POESIAS

13

Academia de Letras da Grande São Paulo

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL

TAMISES 13 - Revista da Academia de Letras da Grande São Paulo - Ano 13

“DE PROFUNDIS”

(*) *Rinaldo Gissoni*

Lembro o romance, o desfilar dos anos,
um tempo que me pareceu escasso;
toda a existência em primoroso laço –
- crisol de meus encantos soberanos...

Jamais esquecerei, sequer, um traço,
do grande amor, razão de meus ufanos;
sonhos gloriosos, e gloriosos planos –
- agora fraguas, neste extremo abraço...

Fomos, os dois, em tudo parecidos,
no mesmo ideal, e nesta mesma estrada,
até o adeus, num célere minuto...

Amargurado, lembro os tempos idos
em que sorria a minha doce amada,
mas eu não mais terei o olhar enxuto! ...

MEU PALCO

Baixo as cortinas, fecho o meu trabalho
onde se projetou o meu cenário...
Glória, alegria... Tudo, belo e vário
nas auras de um amor ilimitado.

Nesse palco, mistérios de um sacrário,
pois tanto amei e tanto fui amado
que me tornei escravo encarcerado
ou um herói, talvez, do imaginário!

Sou outro alguém; um rei! E, como rei,
quisera recobrir o chão de flores
e, pelos ares espargir perfumes!

Pois o painel, decerto reabrirei
para uma nova escala de esplendores
assim, sem lágrimas e sem queixumes! ...

O TEMPO

As horas correm... Como o tempo passa...
Ontem havia sol, o firmamento
estava azul, e o velho cata-vento
girava, embora a aragem fosse escassa

Hoje, porém, a paisagem baça
e fria faz com que cada momento
seja um painel de tédio, e o desalento
de forma estranha a pobre alma enlaça.

O tempo é uma roda que não pára...
Que somos, afinal, senão a peça
a desgastar-se e a reduzir-se a nada?

A nossa sorte é, fatalmente, avara:
se as horas se renovam, somente essa
diabólica invenção não tem parada! ...

VOZES DAS COISAS

(Lembrando Augusto dos Anjos)

Não é, decerto, a estética do Nada
a se esconder nos dínamos profundos,
mas o mistério de milhões de mundos,
eis a verdade pouco revelada...

São os segredos de outra Força oriundos
com a energia dita abandonada;
glória, e calor, camada por camada,
vidas na eternidade dos segundos...

Não há soluço, nem forma imprecisa...
No espaço algum milagre se realiza...
A luz que brilha foi lampeja...

Somente vozes... Coisas formidando,
pois que o nada no Tudo transformando
não haverá, de Deus, outro desejo! ...

Rinaldo Gissoni
Fundador da Academia de Letras da Grande São Paulo

(*) *Gioconda Labecca*

OBLATA Nº 1

À minha Santa Mãe Iria, no seu leito de morte

Vai-se apagando a luz... que triste os olhos teus!
Ó lâmpadas azuis de humilde Santuário,
chama de Amor que ardeu, velando esse Sacrário
onde com tanta fé ias falar com Deus.

Brilharam como Sol guiando os passos meus
e dando-me calor ao meu destino vário...
São eles minha Fé, as contas de um rosário,
e agora já sem luz vão me dizendo adeus.

Bem fraca a tua voz... em todos os momentos
o nome de Jesus apaga os sofrimentos
que trazes na tua alma como redenção...

Numa aura de luz atenuada e bela
vejo tua alma voar, sair pela janela
ganhando o espaço azul, sumindo na amplidão.

OBLATA Nº 2

A morte te rondava! Era tardinha!
Junto ao teu leito, Mãe, eu perguntava:
- O que será, meu Deus, da vida minha,
Já que a luz dos teus olhos se apagava?

O teu silêncio, Mãe, me confortava,
e num segundo à minha mente vinha
a lição de bondade que ensinavas
quando me vias triste e tão sozinha

Olhava em derredor! Nem uma pena
se elevava no ar. A brisa amena
me lembrava de sonhos e castigos...

A Saudade crescia em forma abrupta,
e começava então a minha luta
para enfrentar um mundo sem amigos.

OBLATA N° 3

- “Sua Mãe, está morta! Sentimentos!”
(O médico me disse, constrangido...)
Nesse instante um mundo de lamentos.
desabou-se em meu peito contundido.

Acabaram-se meus constrangimentos:
Minhas horas de anseios e gemidos
que me enchiam de dor e desalentos,
que me avivavam todos os sentidos.

Seu rosto estava lívido! Tão bela!
Nem uma ruga vista à luz da vela!
Nem expressão de dor e de cansaço...

Tinha as feições de Santa Terezinha,
e nas mãos a ternura de quem tinha
guardado sempre Cristo em seu regaço

OBLATA N° 4

O frio estava intenso! Horripilante!
A chuva era terrível! Persistente!
Eu sem forças estava vigilante,
na mais triste vigília consciente.

Não conseguia ver um palmo adiante!
(Tanta dor a ferir a alma da gente...)
Apenas eu fixava o seu semblante,
para ficar comigo eternamente.

Suas córneas por mim foram doadas
para alguém, cujas vistas tão fechadas
jamais se abriram para a luz do sol

E quem as recebeu, seja bendita!
Que hoje possa ver toda infinita
beleza que há na luz de um arrebol!

OBLATA Nº 5

Fecharam teu caixão! Com ele os meus
anseios de lutar, de liberdade,
de poder transmitir fraternidade
e seguir fielmente os passos teus.

Tive raiva do mundo! A Humanidade
pareceu-me mesquinha, só de ateus,
afastada dos bons, longe de Deus,
incentivando o vício e a maldade.

Era o enterro de uma Santa... Era!
que viveu para os filhos, sem espera,
e sem aguardar a retribuição...

Era a luz tão brilhante que extinguiu
para um corpo sutil que renascia
e transcendia à quarta dimensão.

OBLATA Nº 6

Às vezes sem ninguém fico pensando
e faço regressão, volto ao passado...
e me vejo criança e vou brincando
separando brinquedos ao teu lado.

Tuas mãos meus cabelos alisando,
ajeitas meu vestido amarrotado,
e tão meiga tua voz vai me falando
que crescerei num mundo abençoado.

... Surge meu Pai, zangado, de repente:
- “Pega o livro, menina, pega urgente,
vai estudar e esquece a brincadeira...”

- E Tu, Mãe, sempre boa e compreensiva,
interpela meu Pai tão incisiva:
- “Deixa-a brincar que a infância é passageira”.

OBLATA N° 7

Teus alunos te ouviam mui atentos
somente eu, ao lado, te amolava...
Pedias-me silêncio, eu me zangava
e saía da sala em mil lamentos.

Enchia-me de brio e sentimentos
e para que escutasses, eu gritava:
- “Vou me afogar!” (No rio que passava
junto à escola, ficava ali momentos)

... Logo depois, tu ias me buscar
com mil promessas para me agradar,
com doces, balas como incentivo.

- Ah! Mãe, no mundo ninguém é perfeito,
mas eu te amava muito e a meu jeito,
com meu gênio irrequieto e impulsivo.

ABANDONO

O mundo me esqueceu! Estou sozinha
envolta no mais denso nevoeiro...
Procuro em vão achar o meu roteiro
seguindo a estrada pela orla marinha.

Senhor dos Céus! Vós Sois o Grande Obreiro
que condenais o mal nalma mesquinha...
- Por quê fazer, Senhor, da vida minha
a guardiã de mágoas de um celeiro?

Tristezas... Prantos... Dores... vou juntando
no cantinho da alma armazenando...
- Folhas tristes que caem no meu outono...

- Eu sou como a paineira desramada
que ficou solitária numa estrada,
sem dar sombra a ninguém e no Abandono.

*Gioconda Labecca
Cadeira 30 – Patrono Augusto dos Anjos*

TARDE DEMAIS

(*) *José Ramos Vitorino*

Estou me despedindo da carcaça
Por entender que já vivi demais...
Daqui prá frente a vida perde a graça
E os sonhos vão ficando para traz...

Agora eu sei – na vida tudo passa
E se oculta na esquina do jamais...
Persistem os ruídos e a carcaça
Dos sonhos que ficaram para trás.

Na exótica trilogia do destino
Fui induzido a cantar o hino
Sem entender a essência do refrão...

Quando chegar a hora da partida,
Saibam amigos, que os dons da vida
Superam a essência do perdão!

ÚLTIMO PORTAL

É preciso sair, rever o mundo
E reviver memórias e conceitos...
E depois, revisar cada segundo
Rebobinando erros e defeitos.

É preciso entrar em sono profundo
E assimilar a essência do direito...
Pra levitar, no lamaçal imundo,
As nuances letais do preconceito.

Talvez assim, na esquina do jamais
Seja possível encontrar a paz
Longe do foco dessa luz letal...

Se nada estiver mais ao teu alcance
Certeza de que é a última chance:
Pois este aqui é o seu último portal

ENDEREÇO ERRADO

Escrevo-te talvez a última linha
No arrebol da minha mocidade
Convicto, foste a única rainha
A conturbar-me a paz e a verdade!

Tenho certeza, ninguém adivinha
Quando perdi a minha ingenuidade.
Mas foste tu, minha abelha-rainha
Me fizeste crer na felicidade!

Mas vem tempo e a verdade crua
Provar que o amor mudou de rua
E se perdeu na esquina do jamais!

Não adianta sonhar nas madrugadas
Que as pegadas deixados nas calçadas
Comprovam que o amor não volta mais!

FINAL DA ESTRADA

Quando chegar ao fim a sua estrada
E você estiver à beira do abismo
Pelo menos, sorria da piada
Que ameniza a essência do cinismo.

Não se perturbe com a cruz quebrada
Mostrando a morte dos seus ideais...
Porque da Terra ninguém leva nada
Prá solidão finita do jamais.

Cuidado com a cara de marfim
Entre os espinhos que protegem a rosa.
Ocultando as serpentes no jardim...

Se já perdeu o fio da meada
Por que você não muda essa prosa
Que, pelo jeito, não vai dar em nada?!

TUDO SE FOI

Aqui, vivi os sonhos de menino,
Aqui alicercei meus ideais!
Em cada canto ainda ouço o hino
Que relembram antigos madrigais!

Quanta saudade ao ouvir o sino
Que repicava sonhos desiguais...
Hoje está mudo como um assassino
Nos porões escuros do jamais!

Não há mais sustos nas encruzilhadas
E do destino não há mais pegadas
Todos os sonhos acabaram e agora

Tudo se foi! E infelizmente a vida
Insiste que, após a despedida,
Haja um encontro e eu não perca a hora!

ÚLTIMO AVISO

Não é preciso fazer um implante
De sentimento e de compreensão
Pois até mesmo o mais ignorante
Entende a essência do sim e do não.

Se até hoje o amor está distante
E ainda não tocou seu coração...
Não pense que você é arrogante
E condenado à eterna solidão...

E se se julga incapaz de amar
E se já está cansado de esperar...
Saiba, o amor ataca de improviso.

Mas se você se sente um chafariz
E que, até hoje, jamais foi feliz...
Saiba, não foi por falta de aviso!

MAIS UMA VEZ

Mais uma vez, com o coração partido,
Busquei o cais da minha solidão...
Entrei no velho barco apodrecido
Em que o destino me deixou na mão!

Voltei do mar! Antes não tivesse ido!
O vento norte me atirou no chão
E quando recobrei o meu sentido
Senti-me só, na praia da ilusão!

Mais uma vez, jogado na areia,
Contemplo o céu e vejo a Lua Cheia
Testemunhando um falso amor eterno!

Se estão sepultos sonhos ideais,
E até o amor já não existe mais...
Então é o fim... E é aqui o inferno!

A LEI MAIOR

Você pode não crer, mas é verdade:
Já que a vida me fez um homem triste,
Gastei a juventude e a mocidade
Buscando entender minha velhice!

É claro, foi me dada a liberdade
E mesmo assim, a dúvida persiste...
Como é possível a tal felicidade
Se o coração fraqueja e desiste!?

Deve existir, na esquina do futuro,
Uma saída ou brecha nesse muro
E o homem pare de sonhar a esmo...

Embora já tenhamos ido à Lua
A única verdade nua e crua...
É amar ao próximo como a si mesmo.

*José Ramos Vitorino
Cadeira 33 – Patrono Amadeu Amaral*

BRINCANDO COM AS PALAVRAS

() Humberto Domingos Pastore*

Um...

O tempo da distância. Não lamento!
O que lamento é o tempo do distanciamento.

Dois...

Nem toda escuridão é silenciosa.
Nem todo silêncio é escuridão.
Tem escuro que fala e nos anima.
Tem silêncio que joga luz e nos ilumina

Três...

Pode reparar. A joaninha
visita até a erva daninha!

Para a criança Juliana

Quando o sono chega.
A brincadeira acaba.
Sem que a gente perceba.
O sono vem fazer morada.

É só chegar o sono.
Que nosso olho desaba.
O nenê pede colo.
E não quer mais nada.

É como se dissesse:
agora eu nanarei.
Eu nanarei no colo do vovô.
Porque sempre reinarei,
reinarei na casa do vovô.

*Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 – Patrono Dom Aquino Correa*

A MINHA AMADA

() Sebastião Geraldo Ferreira Gomes*

A minha amada
é tudo para mim!
É o meu céu, meu luar,
a minha estrela cadente!
É a minha voz,
os meus anseios,
é tudo enfim!
E eu a quero
com o meu amor ardente.

Ela me leva para as nuvens,
a passear,
mas vai junto comigo
ao reino encantado.
Respira a minha paz,
segura a minha mão,
a sonhar,
e sonhamos
nosso sonho idealizado.
A minha amada está
sempre no meu coração,
na minha cabeça,
no meu pensamento,
na minha realidade!

Ela é parte dos anseios
da minha ilusão,
da vida que tenho,
do meu momento!
E além de tudo,
da minha felicidade!

LEVA-ME

Quando tu fores a algum lugar
leva-me junto a ti!
Pois o meu coração, a sonhar,
sei que não vai ficar aqui.

Ele vai sempre te acompanhar
para aonde teu corpo for.
O meu coração vai te amar,
te amar, te amar com ardor!

Leva-me no teu coração,
na tua bagagem,
em qualquer lugar!

Mas leva-me, minha paixão!
Em tua viagem,
com certeza, vais me encontrar!

BARCO DA ILUSÃO

Verdes mares, gaivotas,
céu azul, quanta emoção!
Pelas ondas flutuando,
ao sabor de uma canção,
vai meu barco navegando!
Não sei onde irá parar,
mas eu sei que em cada porto
há alguém a esperar!

Marinheiro, mensageiro,
guia o barco da ilusão!
Traga mais felicidade
para o meu coração.
Assim canta quem me espera
lá por onde irei passar!
E eu levo no meu barco
muita estória para contar.

Verdes mares, onde eu vivo,
paraíso do amor!
Vou sonhando em voz alta,
pois eu sou um sonhador!
Mas quem é que não reserva
um momento para amar?
Só quem for um pesadelo

FELICIDADE É SER CORAÇÃO

Felicidade
é ser coração!
É ter na boca um sorriso de verdade
e aberta a mão.

Nada é melhor do que fiz
e maior é quem faz,
pois será sempre feliz
aquele que promove a paz.

Quem faz da vida
a teia alegre do viver,
tem a fonte em profusão!

Tem a mente abastecida
de amor e amizade do querer.
E muita paz no coração!

NÃO DESTRUAM AS FLORES

Não destruam as flores,
as coisas belas
da natureza.
Não ergam seus braços
para danificar
a beleza.

Não deixe ninguém lhe dizer
que a vida é perversa
e o mundo é ruim.
Não deixe ninguém perceber
que eu quero fazer
do deserto um jardim.

Não mate a vida,
nem plante maldade,
para não colher tristezas.
Imite o que é belo,
do verde e amarelo,
das nossas riquezas.

Sebastião G. Ferreira Gomes
Cadeira 01 - Patrono Gustavo Teixeira

TROVAS

(*) *Cláudio Rogério Braco*

Em uma praia escondida,
O mar roça suavemente
Na areia, que umedecida,
Deleita-se impunemente.

Entre uma noite e outra, a Lua
Vagou pelo céu, e então
Disse ao Sol: “eu não sou sua,
Mas estou nas suas mãos”.

A música... Um quadro... Um verso...
Na arte pode ser lida
A beleza do universo...
É algo maior do que a vida.

Para nutrirmos os laços
E desdenhamos do adeus,
Eu devolvo os seus abraços
E você, os beijos meus.

“Quanta alegria, violeta!”
“Foi a roseira que enfim
Desabrochou, borboleta,
E enfeitou o jardim.”

No céu, duas pipas dançam
Ao vento e a pique... Se atraem,
Ziguezagueiam, se alcançam...
E então se enroscam e, caem.

Por três mulheres me empenho:
Uma que me fez assim,
Outra é o tesouro que eu tenho
E a outra reza por mim.

Algumas musas eu tenho,
São belas de enfeitiçar,
Se são pintura ou desenho,
Vou até averiguar.

Desabrocha o jasmineiro...
Sem estarmos em setembro,
Me lembra a chuva esse cheiro...
Se é primavera, não lembro!

O singelo, honesto e pobre,
Pensa sempre em ser alguém;
O rico há de ser nobre,
Ou nunca será ninguém.

Se encontrares um espinho
Desses que provocam dor,
Sigas no mesmo caminho
E encontrarás uma flor.

Um momento encantador,
É a paixão no adolecer,
Nem se imagina que o amor
É a razão do viver.

Para haver felicidade,
É necessário esperança...
Para doer a saudade,
Tem que ser boa a lembrança.

Eu quis ler teus pensamentos
Nos momentos de Morfeu,
Porém, naqueles momentos,
Sonhavas um sonho meu.

Quem se ocupa em denegrir,
a reputação de alguém,
sempre mente, e ao mentir,
denigre a sua, também.

AIKAI

VAIDADE

Ó flor, feia flor,
da orquídea a beleza agride-a:
capricho de flor.

ORGULHO

Um eu e um não eu:
“quem é o espelho de quem!”
O mar disse ao céu.

PREGUIÇA

Repila o ócio, pois,
o agora pode ir embora,
tolhendo o depois.

GULA

O empacho. O flato.
Na mesa, os restos da presa
e um frígido prato.

IRA

Um olhar ferido,
opõe-se ao que se vê e põe-se
encrudelecido.

AVAREZA

Ganha, esconde, poupa
e aplica. E enfim o que fica
no esquite? A roupa.

INFÂNCIA

Sobre a pitangueira,
oculto, do mundo adulto
o guri se esgueira.

ADOLESCÊNCIA

Por uma paixão,
a mente presente é mente:
esvai-se a razão.

VELHICE

Os olhos parecem
divagar, mas devagar
desentenebrecem.

BODAS ESPIRITUAIS

Quando tudo se mostra transparente,
Mesmo o que pareceu obscuro, um dia,
Aos recônditos páramos da mente...
Exaltamos a estreia que nos guia.

Quando tudo reluz divinamente,
Mesmo aquilo que apenas reluzia
Estimulado e não constantemente...
Exaltamos a sã sabedoria.

Mas a ascendência dessa transparência,
Em tudo o que nos guia e em nossa essência,
É incorpórea... espiritual...

E a evolução, em síntese, que cremos,
A que abranda os revérberos extremos,
Resume nossas bodas de cristal.

PRECE À NOSSA SENHORA DO FACEBOOK E DO INSTAGRAM

Ó! Senhora do Face e do Instagram,
Fazei com que a maquiagem e o adstrigente,
Deixem o meu semblante convincente,
Diante dos freeze-frames da webcan...
Fazei com que eu conquiste cada fã
Com uma selfie inédita e atraente,
E que eu supere, em likes, essa gente
Que não reflete sobre o amanhã...
Fazei-me ver somente as aparências,
E que as postagens de maledicências,
Permitam-me sentir Vossa presença...
Livrai-me da calúnia, essa maldade,
Que incondicionalmente o Face invade
E que reforça em Vós a minha crença...

*Cláudio Rogério Braco
Cadeira 32 – Patrono Manuel Bandeira*

Volume XIII - 2015

TAMISES

POSSES

13

Academia de Letras da Grande São Paulo

DISCURSO DE POSSE DA PRESIDENTE — MARIA ZULEMA CEBRIAN

Ilustríssima Acadêmica Sra. Gioconda Labecca, digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo
Digníssimas autoridades presentes
Distintos escritores e Acadêmicos presentes

Senhoras e senhores,

A trajetória humana faz parte de um enredo eminentemente secreto. Uma viagem que temos coragem para iniciar sem imaginar-lhe o destino.

O pitoresco desta viagem encontra-se nos caminhos que se bifurcam. O inesperado apresenta-se colocando-nos diante do inusitado, e transportando-nos de forma inopinada para atender, neste caso, aos desígnios da Presidência desta ilustre Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP. Uma distinção que seus ilustres membros me concedem e que tanto me honra.

Uma nova perspectiva direcionada para um enfrentamento que se difere do esperado. Um desafio que precisa manter-se diante do ideal dos Presidentes que me antecederam, Rinaldo Gissoni e Gioconda Labecca, levando a cultura e a nossa Casa – ALGRASP, uma instituição sobre a qual paira o inabalável comprometimento com o desenvolvimento, aprimoramento e preservação do enriquecimento da língua portuguesa. E assim, por meio dela, conceder à literatura a proteção do saber, fazendo com que seu uso jamais se esgarce nem se perca dos sentimentos e das profundas razões do nosso nacionalismo.

Um bastião despertando o interesse pela literatura em todos os rincões.

Com a palavra costuramos os atos humanos, criados da vida ou pelo imaginário e o poder do mito que habita em nós. Acreditamos na força restauradora do espírito reabilitada no cotidiano individual e desta Casa.

A minha sorte e a dos que aqui nos encontramos, repousa essencialmente na eloquência com que sonhamos, dando abrigo às nossas aventuras literárias onde nos entregamos à vertigem da arte narrativa.

Resguardamos os mistérios da arte e preservamos o engenho da língua que inventamos, refazendo-a e obediente à nossa vontade espelhando no texto a perfeição do idioma.

Acredito na aventura humana e no direito de exaltar a travessia da narrativa nesta enigmática viagem que encetamos em direção ao centro de nós mesmos.

Agradecendo aos companheiros desta jornada que confiaram na minha condição, assumo emocionada, a Presidência: *PRO BONO ET BELLO*

Maria Zulema Cebrian
Cadeira 3 – Patrono Guilherme de Almeida

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO — CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

Ilustríssima Acadêmica Senhora Gioconda Labecca, digníssima Presidente da Academia de letras da Grande São Paulo

Dignas Autoridades presentes

Distintos Acadêmicos presente

Senhoras e Senhores

Das sessões de ginásticas matinais no Primeiro de Maio Futebol Clube, iniciadas ali pela metade dos anos 70, e mais tarde, nas caminhadas no então Parque Duque de Caxias, já a partir dos anos 80, e até hoje, assim travei a amizade com o Professor Clóvis Roberto dos Santos.

Essa convivência diária, em todas as manhãs, foi muito mais do que uma simples companhia. Foram, isso sim, verdadeiras aulas de companheirismo e de aprendizado. Ao lado da presença prazerosa, vertia, naturalmente, a face do mestre como uma fonte de sabedoria, a nos ensinar as mais belas lições de vida.

O Professor Clóvis, como o chamamos, o Doutor em Pedagogia, é um exemplo daqueles que escolheram certo a profissão adotada. Nascido em Guará, região de Franca do Imperador, em nosso Estado, em 19 de novembro de 1931, onde, nesta cidade, concluiu o seu curso de magistério. De início, como todo formado na área, andou perambulando pelo interior paulista, até que, para nossa felicidade, veio aportar em Santo André. Galgou os mais variados cargos dentro da carreira, como professor, diretor de escola, supervisor e delegado de ensino. Participou, também, de equipe da Secretaria da Educação do Estado, em determinada ocasião. Lecionou em diversas escolas, em todos os níveis, sendo muito admirado por seus alunos e ex-alunos, aspecto comprovado pelas reações de alegria que testemunhamos, quando os encontrava.

Autor, de pelo menos, quinze livros ligados à sua nobre profissão, eis que nos brinda com o *Lembranças e Lambanças...crônicas de um Professor*, uma série de crônicas narrando fatos que vivenciou ou tomou conhecimento, a grande maioria deles passados lá na região onde se encontra a querida Guará.

Parcela muito grande dos textos atesta o lado do mestre, do doutor em Pedagogia, do brilhante educador, sempre muito lembrado por seus antigos e atuais alunos, de modo positivo, é bom que se diga.

O primeiro aspecto que me impressionou ao ler *Lembranças*...foi o fato de estar extremamente visível em todo o trabalho, a alma do autor! Ele a colocou de modo tão claro, como a luz meridiana do dia. Eu que já o conheço há perto de 40 anos, num convívio diário, posso isto afirmar com toda certeza. Em todos os seus atos, sei onde sua alma se encontra! Ela está ali! É a marca de alguém que teve um berço, que foi criado num ambiente familiar, com os pais, irmãos, avós e que teve continuidade com o casamento com sua amada Dona Tida e a vinda dos três maravilhosos filhos, Clovinho, Liliana e Márcia.

Outra característica inerente ao do Professor Clóvis, percebida em *Lembranças*... trata-se de seu lado do pedagogo! Em quase toda sua obra há a marca do professor, como se estivesse no alto da cátedra, mas que, de forma alguma, consegue tirar a beleza dos textos por ele escritos, demonstrando todo o seu talento literário.

Eis, em rápidas palavras, um resumo de quem é o Prof. Clóvis Roberto dos Santos. Deixo para todos os confrades e demais convidados, a oportunidade para melhor conhecê-lo, através de seu convívio em nossa Academia, quando demonstrará todo o seu cabedal de cultura, e quando cada pronunciamento seu, como o que logo fará, será uma magistral aula de literatura.

O novel Confrade ocupará a Cadeira 16, cujo patrono é Euclides da Cunha, o notável escritor brasileiro. Sem dúvida, uma feliz coincidência dada a imensa bagagem cultural do Professor Clóvis. O patrono da cadeira sentir-se-á extremamente bem representado!

Por fim, nosso Sodalício contará com mais um excelente membro em suas fileiras, o que, certamente, elevará o seu conceito perante as demais congêneres do País.

Por tudo isso, sinto-me muito feliz em apresentá-lo à Academia de Letras da Grande São Paulo.

Bem-vindo Acadêmico Clóvis Roberto dos Santos!

José Bueno Lima
Cadeira 14 – Patrono Álvares de Azevedo

DISCURSO DE POSSE — CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

Ilustríssima Acadêmica Senhora Gioconda Labecca, digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo

Digníssimas autoridades e meus colegas acadêmicos presentes

Prezados amigos

Minha família

Meu apresentador e, portanto, meu padrinho nesta importante Academia de Letras, caríssimo Dr. José Bueno Lima

Minhas primeiras palavras são de agradecimento aos que aqui hoje compareceram e de cumprimentos à Diretoria desta Casa, na pessoa da Presidente Gioconda Labecca e demais colegas de Academia.

Faço uma saudação especial a José Carlos Donação, que nesta noite toma posse, Patrono José de Alencar, e a meu caro amigo de mais de 40 anos Dr. José Bueno de Lima, ilustre advogado, cidadão honrado e andreense de corpo, alma e coração, além de exemplar chefe de família.

A todos, muito obrigado por me proporcionarem este momento tão significativo e importante.

A vida e a obra que vocês hoje homenageiam aqui, ao me emprestarem uma cadeira na Academia de Letras, poderiam muito bem ser explicadas por meio de uma única palavra: magistério.

Por décadas o exerci, em todos os níveis, graus, ramos, tipos e modalidades da educação escolar, desde as primeiras séries do ensino fundamental até os de pós-graduação em especialização, mestrado e doutorado. Só deixei o agradável trabalho de ministrar aulas em 2010.

Alguns poderiam perguntar se é por modéstia que me apresento nesta Casa de literatos como professor, e não como escritor. Não há modéstia, eu responderia se indagado fosse; há orgulho.

Hoje assumo a cadeira 16, cujo patrono é Euclides da Cunha. Notável jornalista, engenheiro e escritor, autor de *Os Sertões*, a obra referência da Campanha dos Canudos, tanto do ponto de vista literário como histórico.

Revisitando a biografia oficial de Euclides da Cunha, disponível no site da Academia Brasileira de Letras, deparei-me com um trecho, ao qual faço questão de dar destaque neste

breve discurso: “*A publicação de Os Sertões é um marco na vida mental do Brasil. Livro único, sem igual em outras literaturas, misturando o ensaio, a história, as ciências naturais, a epopeia, o lirismo e o drama.*”

Na mesma biografia, segue-se a conclusão: “*O livro mostra a definitiva conquista da consciência de brasilidade pela vida intelectual do país.*”

Meus amigos e amigas aqui presentes, escrever é um ofício, antes de ser uma arte. Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nascido em 1866, em Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, e falecido em 1909 na cidade do Rio de Janeiro, escreveu primeiro por dever, como colaborador do jornal A Província de São Paulo, que mais tarde passou a se chamar O Estado de São Paulo. Até então, era um jornalista.

A arte e a imortalidade se impuseram depois, quando Euclides da Cunha usou suas anotações sobre Canudos em uma obra que alterou profundamente a mentalidade e a autoimagem dos brasileiros.

Nisso, de transformar a consciência nacional, Euclides da Cunha foi também um pouco professor, além de jornalista, engenheiro, analista social influente e escritor reconhecido. Daí vem meu especial apreço pelo patrono da cadeira que passarei a ocupar: de Euclides da Cunha, eu, titulado mestre e doutor nos meus 60 anos de magistério, sempre fui apenas um aprendiz.

Para finalizar, gostaria de citar outro grande escritor, João Guimarães Rosa, que no livro Grande Sertão Veredas fala também do aprendizado:

“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas”.

Penso que isto foi o que Euclides da Cunha fez e eu, modestamente, estou fazendo: as “outras maiores perguntas” diante da vida.

Minha posse hoje é uma parte importante da história que ainda estou construindo, com as dúvidas de sempre, mesmo aos 83 anos de idade.

Obrigado a todos.

Clóvis Roberto dos Santos

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO — JOSÉ CARLOS DONADÃO

Acadêmica Gioconda Labecca, mui digna Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo

Prezados Confrades

Senhoras e Senhores Convidados

Cogito, ergo sun!

Esta frase, pronunciada por René Descartes e replicada em seu livro *O Discurso Sobre o Método* (1637), no qual apresenta o seu método de raciocínio, *Penso, logo existo*, base de toda a sua filosofia e do futuro racionalismo científico, serve-me como mote para essa peroração. Na obra, Descartes expõe as quatro regras para se chegar ao conhecimento:

- 1 — nada é verdadeiro até ser reconhecido como tal;
- 2 — os problemas precisam ser analisados e resolvidos sistematicamente;
- 3 — as considerações devem partir do mais simples para o mais complexo; e
- 4 — o processo deve ser revisto do começo ao fim para que nada importante seja omitido. Retornaremos ao assunto logo mais adiante.

Permitam-me, entretanto, preliminarmente, os que se encontram — neste sodalício — tecer breves considerações sobre comunicação, já que comungo a ideia de que *Comunico, logo existo*, parafraseando o notável filósofo francês. O conceito de “comunicação” está evidente em diversas disciplinas, tais como Sociologia, Linguística, Psicologia, Economia; na fisiologia do sistema nervoso, na teoria dos signos, na engenharia de comunicações, e a consciência da natureza universal da comunicação existe desde há muito tempo.

Mas o que é comunicação? É uma questão essencialmente social. Aprendemos com Colin Cherry que “*o homem desenvolveu uma porção de diferentes sistemas de comunicação que lhe tornam possível a vida social*”. A própria palavra “comunicar” significa “partilhar” e na medida em que estamos nos comunicando, tornamo-nos um só, uma unidade. Um grupo de pessoas, uma sociedade, uma cultura, podem ser definidas como “pessoas em comunicação”. A comunicação torna a verdadeira vida social praticável. É comum referir-se ao homem como “animal comunicativo” e sabe-se que de todas as suas funções, a de construir sistemas de comunicação de infinita variedade e finalidade é uma das mais características, lembra-nos Colin Cherry, ex-professor do *Imperial College*, da Universidade de Londres.

Norbert Wiener, professor e cientista norte-americano, considerado o criador da Cibernética, observa que os padrões de comunicação nas sociedades humanas variam

amplamente e que é preferível “*viver numa comunidade social moderadamente frouxa, na qual os obstáculos para a comunicação entre indivíduos e classes não sejam por demais grandes*”.

Alberto Dines, notável jornalista brasileiro afirmou, com propriedade, que a comunicação é o arcabouço da sociedade coletiva e que ela, igualmente, é o produto de maior consumo da sociedade de consumo. Para Dines, o homem sobrevive dentro do grupo na medida em que mais ele se comunica ou recebe comunicação. E mais: a escalada social de um indivíduo dentro do grupo é uma decorrência direta do seu grau de informação. E este grau de informação é fruto do seu entrosamento com o sistema do qual faz parte. Citando Wilbur Schramm, professor e pesquisador norte-americano, diz que os governos deveriam preocupar-se em criar condições para o livre trânsito de informação, alcançando todo o país e assim permitindo que cheguem à comunidade todas as informações que deverão despertar nela a vontade de progredir.

Citado por Gabriel Cohn, da Universidade de São Paulo, Harold D. Lasswell, pesquisador pioneiro do estudo da comunicação, faz-nos entender que o processo de comunicação na sociedade desempenha três funções:

- a – *vigilância* sobre o meio ambiente, revelando ameaças e oportunidades que afetam a posição da comunidade e de suas partes componentes ao nível dos valores;
- b – *correlação* dos componentes da sociedade, na sua resposta ao meio ambiente;
- c – *transmissão* da herança social.

E porque faço todas essas citações na parte introdutória desta minha peroração? Pelo simples fato de que a pessoa de quem estou prestes a enunciar o nominativo e que, ato contínuo, deverá tomar posse em uma das cadeiras deste sodalício, é essencialmente, um homem de comunicação.

Conheci-o no início da década de 1970, quando ingressamos na Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior, atual Universidade Metodista de São Paulo, de São Bernardo do Campo. Quis o destino que percorrêssemos caminhos diversos. Quis o destino, igualmente, que depois de décadas de distanciamento nos reencontrássemos e, só então, pudéssemos constatar que buscamos — e encontramos — o caminho que nos conduziu ao vértice da pirâmide que hierarquiza as necessidades humanas, conforme teorizou Abraham Maslow, no início da década de 1960, qual seja o das realizações pessoais; no caso em voga, o de amante e cultor das letras.

Em verdade, meus amigos, refiro-me a José Carlos Donadão, aqui presente, 62 anos de idade, nascido em 23 de julho de 1952, paulistano do bairro do Ipiranga, em São Paulo.

Casado, pai de quatro filhos e avô de três netos, é um humanista por excelência, pois, como empresário, sempre incentivou seus colaboradores a progredir na carreira profissional e na vida pessoal oferecendo-lhes os meios para tal, como cursos motivacionais e participando de atividades em grupo, principalmente esportivas.

“Ajudei anonimamente muita gente e me decepcionei com algumas, mas hoje preciso de muito esforço para lembrar-me das decepções. Em contrapartida, as boas ações afloram nas minhas orações diárias. Sou católico e costumo ir à missa todos os domingos. Sou um rezador nato e dedico minhas orações aos amigos e também aos descrentes que já se foram e com os quais costumo brincar dizendo — preciso rezar por eles porque senão ninguém vai lembrar-se deles!”, observa José Carlos Donadão.

Como afirmei há pouco, embora egressos da mesma faculdade, do mesmo curso, seguimos trajetórias distintas: enquanto eu enveredava pelos caminhos da Publicidade e da Propaganda, José Carlos Donadão trilhava o caminho do Jornalismo. Tornou-se jornalista profissional. João Ribeiro, em “Fabordão”, assim se refere a esse tipo de profissional:

“O jornalista é o que governa sem ser governo; é o juiz sem lugar entre os magistrados; é o tribuno sem assento nos parlamentos; é, enfim, um suplemento que a civilização deu às suas mesmas fórmulas imperfeitas de escolha e de organização social”.

E, como jornalista profissional atuou em diversos periódicos, incluindo-se entre eles o Diário do Grande ABC, jornal sobejamente conhecido de todos nós. Ao referir-me, no início deste texto, a René Descartes, minha intenção era inferir que o humanista e escritor José Carlos Donadão, que ora toma assento na Cadeira 17 deste sodalício, prima por pautar sua conduta pelas regras cartesianas. Do mesmo modo, compartilha o pensamento dos teóricos da Comunicação retrocitados. E isso se torna evidente quando lemos os seus textos, compilados na sua produção literária.

O Escritor.

Georges Weill, citado por José Nabantino Ramos, em seu “*Jornalismo – Dicionário “Enciclopédico”*” afirma que “*para ser jornalista não é preciso saber escrever*”. Não obstante, essa afirmação não encontra respaldo quando nos referimos a José Carlos Donadão. Tanto é verdade que a sua desenvoltura no trato com as palavras levou-o a se tornar um escritor.

“Sempre gostei de ler e escrever, tinha habilidades e quando lia algum texto que mexia comigo pensava ‘eu seria capaz de escrever isso’. Cedo, ainda, comecei a rascunhar e a jogar fora meus escritos. Escrevia-os e mais tarde relia-os e jogava fora. Fiz isso até o advento do computador quando aprendi a mexer com os arquivos do word.

É desse modo que José Carlos Donadão descreve sua paixão pela arte da escrita. E para dar vazão a todo o seu cabedal de inspiração, publicou, em 2006, o romance *De Encontro ao Sol*, em cuja narrativa observa-se uma mistura de fatos verídicos da juventude com uma boa dose de ficção. Dele, extraímos o seguinte excerto:

“O tempo me ensinou a repensar atitudes. A longevidade me tornou mais exigente. A experiência me deixou mais perspicaz e contundente. Todas estas qualidades, eu vivi em plenitude, como meras virtudes. A vicissitude delas me deu sabedoria”.

Horizontes, trabalhado na terceira pessoa trata de um assunto corriqueiro (um filho que não conhece o pai e a mãe numa busca incessante por eles, já que os perdeu ainda criança...) é uma história romanceada com boa dose de espiritualidade.

Meu Filho é Maconheiro... é um livro de autoajuda que conta a história — bem sucedida — de um rapaz que entra e consegue sair da droga e apresenta um manual para pais, professores e escolas de como proceder com esses elementos que devem ser tratados como doentes e não viciados segundo o ponto de vista do autor.

José Carlos Donadão publicou, também, livros infantis, cujas narrativas são inspiradas nos seu netos. Além disso, o escritor transita, com desenvoltura, pelo gênero biográfico. Prova disso é o livro *Padre Chico de Todos Nós* no qual retrata, com fidelidade, a trajetória existencial do clérigo Francisco das Dores Leite.

Senhoras e senhores!

Caríssimos confrades!

Como visto, o escritor José Carlos Donadão é um apaixonado cultor das Letras. Para mim, é motivo de regozijo apresentá-lo a esta Casa. Tenho a mais absoluta convicção de que ao fazê-lo, a nossa Academia de Letras da Grande São Paulo sentir-se-á em júbilo ao acolhê-lo de portas abertas.

Por ocasião da posse, neste sodalício, do Acadêmico Hildebrando Pafundi, fiz a citação de uma expressão pronunciada pelo poeta francês Nicolas Boileau, (*L'art poétique*, chant I, v.131-162), ao recepcionar François de Malherbe, considerado o pai da poesia francesa na Academia: “*Enfin Malherbe vint...*” Peço vênias a todos para repetir e dizer, em tradução livre, *Finalmente, chegou Donadão*

Seja, pois, bem-vindo, Acadêmico José Carlos Donadão!

João Bosco dos Santos
Cadeira 28 – Patrono Catulo da Paixão Cearense

DISCURSO DE POSSE — JOSÉ CARLOS DONADÃO

Ilustríssima Acadêmica Sra. Gioconda Labacca, digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo

Digníssimas autoridades presentes

Distintos escritores e Acadêmicos presentes

Senhoras e senhores

Costumo dizer que um livro nos remete a outro e ao ser indicado pelo acadêmico João Bosco dos Santos a esta digníssima Academia fui remetido a um filme de muitas realizações e boas lembranças. Algumas interrogações também! Como meus pais conseguiram me influenciar a ponto de hoje ter o privilégio de conviver com pessoas tão ilustres como os membros da Academia de Letras da Grande São Paulo? A conclusão favorece minha lembrança para algo simples: começou com aquela caneta Parker 51 com tampa folhada a ouro que ganhei, num distante Natal, quando ainda cursava o ginásio no Bonifácio de Carvalho. Confesso que naquele ano queria ganhar uma bola de “capotão”, mas para minha decepção minha mãe apareceu com aquele pacotinho embrulhado num papel verde. A pedido dela meu pai fizera um carnê de várias prestações para custear o mimo.

A biblioteca Paul Harris também contribuiu nestas lembranças. Era lá o nosso ponto de encontro para as pesquisas encomendadas pelos nossos exigentes professores e ali adquirimos o gosto pela leitura. Lembro-me de cada um dos mestres e peço a Deus que ilumine o caminho dos que já se foram e abençoe os que ainda estão entre nós.

Aqui, no teatro ao lado, encenamos *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Minha geração foi a da criatividade e da escola exigente e rígida. Era lá que buscávamos informação e ficávamos atualizados. Participávamos de eventos os mais diversos possíveis: feiras de ciência, concursos interescolares de matemática, português e aulas de inglês, francês e até noções de latim. Educação física tinha presença obrigatória e reprovava por faltas, o aluno preguiçoso. As aulas de desenho tinham uma correlação com história e geografia: desenhávamos mapas e identificávamos estados, capitais, principais cidades e a demarcação das históricas colônias hereditárias.

Informática era algo longínquo! Apenas fomos apresentados a alguns computadores e a nossa familiaridade não passou do teclado “quase” igual ao da máquina de escrever, mas tínhamos domínio dele, autoridade esta adquirida no curso de datilografia.

A escolha pela faculdade de comunicação deu-se devido à facilidade que tinha na interpretação e preparação de textos e o gosto pela leitura, porém a opção para a área de jornalismo somente se daria no início do terceiro ano e minha ansiedade era tanta que logo no segundo ano de faculdade fazendo um paralelo ao meu emprego principal que era na General Motors fui trabalhar como repórter esportivo no Diário do Grande ABC. No primeiro dia de trabalho, ao sair para a primeira reportagem o editor disse-me: – Faça apenas uma lauda da matéria. Meio tímido perguntei a um colega de trabalho – o que é lauda? Em voz baixa ele me respondeu: – É essa folha que você está levando para fazer anotações. Bendito Divanei.

De lá para cá nunca parei de escrever, mas não tinha o hábito de arquivar tudo o que produzia até o advento do computador. Com ele comecei a criar arquivos e guardar anotações, até que em 2002, comecei a gerenciar melhor o meu tempo e passei a dedicar parte dele à terapia que mais prazer me deu até hoje: escrever livros.

Sinto-me honrado pela indicação a esta Academia, e ela só terá brilho e significado com o registro dos meus sinceros agradecimentos:

Agradeço a Deus acima de tudo pelas oportunidades que me proporcionou até aqui;

Aos meus pais, *in memoriam*, pelo exemplo e dedicação;

À minha esposa pela tolerância, compreensão e apoio;

Aos meus filhos e netos pelo incentivo e respeito ao meu trabalho;

Ao acadêmico João Bosco dos Santos, pela lembrança e indicação;

Aos amigos que dividem comigo o orgulho de partilhar a alegria que estou sentindo.

Muito obrigado.

Agora gostaria de falar algo sobre José de Alencar

"É um teimoso esse filho de padre"

Teria dito aos seus pares o imperador D. Pedro de Alcântara, o II, num acesso de raiva, ao então ministro da Justiça José Martiniano de Alencar. Quem o conhecia sabia que ele deveria estar muito furioso para pronunciar tal frase.

O fato marcaria José de Alencar para sempre e apesar de sentir-se injustiçado, os amigos também foram se afastando dele e sua vida política foi desmoronando. Alencar nunca se curvou para os casos de política e evitava sistematicamente comparecer às festas e solenidades oficiais. Isso irritava o imperador.

Herdou do pai apenas o gosto pela política, mas não tinha a mesma astúcia e flexibilidade do velho José Martiniano d'Alencar, vigário por dois anos de Messejana, interior do Ceará, onde celebrou aproximadamente 50 batizados. D'Alencar foi deputado pelo Ceará, senador pelo Rio de Janeiro e finalmente governador do Ceará. José de Alencar foi fruto de uma união ilícita do padre com a prima Ana Josefina de Alencar e nasceu em primeiro de maio de 1829. Existem controvérsias sobre a data verdadeira do seu nascimento uma vez que no registro de batismo consta “nascido em primeiro de março” e a data do batismo no dia nove do mesmo mês, porém a família comemorava seu aniversário em primeiro de maio. Antes de tornar-se nacionalmente conhecido por José de Alencar era chamado de Cazuzá pelos familiares e amigos.

Aos 15 anos de idade acompanhou um primo que o visitou na casa dos pais no Rio de Janeiro e veio para São Paulo dividir uma república com ele na Rua São Bento para estudar Direito. No curso preparatório foi companheiro de Álvares de Azevedo. Com o pai doente transferiu-se para a faculdade de Olinda e com a recuperação do pai voltou a São Paulo onde concluiu o curso. Aos 18 anos de idade já havia esboçado o primeiro romance, *Os Contrabandistas*.

Aos 25 anos novamente no Rio, foi trabalhar num escritório de advocacia. Começava o exercício da profissão que jamais abandonaria e que garantiria o seu sustento. Afinal, como ele próprio assinalou, *não consta que alguém já vivesse, nesta abençoada terra, do produto de obras literárias*.

Arriscou-se como colaborador no jornal Correio Mercantil, do Rio, mas depois de um artigo censurado desligou-se da função.

Foi no Diário do Rio de Janeiro que estreou como romancista: em 1856 publicou em folhetins o romance *Cinco Minutos*. Ao final de alguns meses, completada a publicação, juntaram-se os capítulos em um único volume que foi oferecido como brinde aos assinantes do jornal. No entanto, muitas pessoas que não eram assinantes procuraram comprar a brochura. Alencar comentaria: *"foi a única muda, mas real animação que recebeu essa primeira prova*. Tinha leitores espontâneos, não iludidos por falsos anúncios. Em miúdos ilustrava a queixa que se tornaria obsessiva ao longo dos anos: a de que a crítica atribuía pouca importância a sua obra.

Como redator-chefe José de Alencar usava o Diário do Rio de Janeiro como um veículo de comunicação que lhe permitisse expressar livremente seu pensamento. Polêmico e politicamente correto o escritor confrontava-se indiretamente com ninguém menos que o imperador D. Pedro II.

Domingos Gonçalves de Magalhães (que seria posteriormente considerado como o iniciador do Romantismo brasileiro e favorito do imperador) escreveu um longo poema intitulado *A Confederação dos Tamoios*, onde fazia um exaltado elogio à raça indígena. D. Pedro II, homem voltado às letras e artes, viu no poema de Magalhães o verdadeiro caminho para uma genuína literatura brasileira. Imediatamente, o imperador ordenou que se custeasse a edição oficial do poema. Alencar, sob o pseudônimo "Ig", utilizando o jornal como veículo, escreveu cartas a um suposto amigo, questionando a qualidade da obra de Magalhães e o patrocínio da publicação por parte do imperador: "*As virgens índias do seu livro podem sair dele e figurar em um romance árabe, chinês ou europeu (...) o senhor Magalhães não só não conseguiu pintar a nossa terra, como não soube aproveitar todas as belezas que lhe ofereciam os costumes e tradições indígenas...*".

Ninguém sabia quem era o tal Ig, e mais cartas foram publicadas sem merecer réplica. Após a quarta delas alguns escritores e o próprio imperador, sob pseudônimo, vieram a público na defesa de Magalhães. Ig não deixou de treplicar. Considerava-se injustiçado e perseguido e até passou para trás, pois já escrevia sob o tema e a cultura indígena.

Alencar considerava a cultura indígena como um assunto privilegiado, que, na mão de um escritor hábil, poderia tornar-se a marca distintiva da autêntica literatura nacional. Mas veja bem: na mão de um escritor hábil.

Aos 35 anos casou-se com Georgiana Cochrane e muitos historiadores vêm no romance *Sonhos d'Ouro* algumas passagens que retratam a sua felicidade conjugal.

Na mesma época enveredou para a política e foi eleito deputado. Em seguida foi nomeado Ministro da Justiça. Candidatou-se ao senado, contrariando a opinião de D. Pedro II e foi o mais votado dos candidatos de uma lista tríplice. Ocorre que, de acordo com a constituição da época, a indicação definitiva estava nas mãos do imperador. E o seu nome foi vetado.

Refugiou-se no seu sítio da Tijuca, onde voltou a escrever. Desse período resultam *O Gaúcho* e *A Pata da Gazela* (1870). Tinha 40 anos, sentia-se abatido e guardava um imenso rancor de D. Pedro II. Eleito novamente deputado, voltou à Câmara, onde ficaria até 1875. Nunca mais, como político, jornalista ou romancista, iria poupar o imperador.

Em 1865 e 1866 foram publicadas as *Cartas Políticas de Erasmo*. Partindo da suposta condição de que D. Pedro ignorava a corrupção e a decadência em que se achava o governo, Alencar dirige-se ao imperador tentando mostrar a situação em que se encontrava o País, com

seus inúmeros problemas, entre eles o da libertação dos escravos e o da Guerra do Paraguai (1865-1870), onde o Brasil perdeu quase 100 mil homens.

Em 1876, Alencar leiloou tudo o que tinha e foi com Georgiana e os seis filhos para a Europa, em busca de tratamento para sua saúde precária. Tinha programado uma estada de dois anos. Durante oito meses visitou a Inglaterra, a França e Portugal. Seu estado de saúde se agravou e, muito mais cedo do que esperava, voltou ao Brasil.

Apesar de tudo, ainda havia tempo para atacar D. Pedro II. Alencar editou alguns números do semanário *O Protesto* durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 1877. Nesse jornal, o escritor deixou vaziar todo o seu antigo ressentimento pelo imperador, que não o havia indicado para o Senado em 1869.

Com a glória de escritor já um tanto abalada, morreu no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877. Ao saber de sua morte, o imperador D. Pedro II teria se manifestado assim: "*Era um homenzinho teimoso*". Mais sábias seriam as palavras de Machado de Assis, ao escrever seis anos depois: "*José de Alencar escreveu as páginas que todos lemos, e que há de ler a geração futura. O futuro não se engana*".

É o patrono da Cadeira 23, da Academia Brasileira de Letras por escolha de Machado de Assis.

José Carlos Donadão

VOLUME XIII - 2015

TAMISES

CONCURSO

CONTOS & CRÔNICAS

RINALDO GISSONI

13

Academia de Letras da Grande São Paulo

Premiação do Concurso Contos & Crônicas Rinaldo Gissoni

Boa noite a todos os presentes, confrades, congreiras, autoridades, senhoras e senhores,

PRO BONO ET BELLO

Quero parabenizar a todos os participantes deste concurso pela ousadia e pela coragem. Escrever é um ato de fé, solitário, que necessita de concentração e, sobretudo de conhecimento. Razão pela qual não dividimos os participantes em classificados e desclassificados, pois todos são vencedores. Razão esta que nos leva a incentivá-los a escutarem com atenção as palavras que nos deixou o saudoso Fundador e Presidente, desta Casa por 27 anos, Rinaldo Gissoni que dá nome ao concurso: *“Inspiração é o influxo que estimula o pensamento, qual energia divina que arrebatava o escritor entrando-lhe na alma fazendo com que suas ideias se movimentem, tornem-se claras, interessantes”*.

Para tanto é necessário o domínio das técnicas operatrizes e habilidade a serviço da criatividade. Uma obra literária exige o emprego de instrumentos apropriados, o conhecimento preciso da língua mãe. Sem estas ferramentas não existe literatura e passa a ser simplesmente uma escrita sem valor.

Literatura é a arte de escrever bem, dominando a língua e suas regras gramaticais, uma boa escrita se faz com muita leitura e prática, como o faz o artífice. Sem ofício, diz Jovilet, *“a obra de arte nada mais seria do que “balbucio informe.”*

Para se escrever corretamente uma língua, um dos meios mais adequados e mais simples é a leitura dos clássicos. Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e a necessidade dos usos e costumes. Mas não parecem aceitáveis as alterações da linguagem, que destroem a sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr.

A gramática é para aquele que escreve, o mesmo que o código de Hammurabi, escrito por volta de 1700 a.C. representa para a sociedade.

O plano real de uma obra caracteriza-se pelo estilo.

Que todo brasileiro culto, consciente, medite no drama da indigência cultural que prospera e avança rápida, sombria.

Seja-nos possível ensinar o certo para que o homem certo não opere errado, segundo a sentença da sabedoria.”

Agradeço a presença de todos e espero encontrá-los na próxima edição do concurso

Obrigada,

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo

PRONUNCIAMENTO DO ACADÊMICO E SECRETÁRIO CELSO DE ALMEIDA CINI

Concluída a solenidade de posse de nossa nova Presidente, Maria Zulema Cebrián, passamos a cuidar do evento relacionado ao Concurso de Contos e Crônicas de nossa Academia, de 2014. Vamos divulgar e premiar os vencedores, respeitando nosso Regulamento.

Antes, duas palavras sobre normas, tradições e justificativas sobre atraso na divulgação de resultados e premiação do Concurso de 2014.

O concurso constitui uma tradição no calendário de atividades literárias da ALGRASP. É nossa importante contribuição como incentivo aos jovens estudantes e novos escritores amadores, e prestigiar seu talento literário criativo;

Nosso objetivo é revelar novos valores literários, mas principalmente incentivar nossos jovens estudantes, com idade entre 15 e 18 anos a escrever mais, buscando melhorar seus textos, pois isso os incentiva a dedicar-se à leitura contínua de bons escritores, o que os ajuda, com certeza, a enriquecer seu vocabulário e dar asas à imaginação para criar estórias ou contar, de modo interessante numa crônica, o cotidiano de nossa gente, sejam ou não, os textos, ficção ou realidade. Todos os grandes escritores e ganhadores do Premio Nobel de Literatura foram leitores inveterados quando jovens. Está mais do que provado!

Entretanto, como limitamos o concurso 2014 apenas as concorrentes da Grande São Paulo, recebemos poucos interessados, até 30 de Setembro de 2014, que seria — inicialmente, a data final para o encerramento. Decidimos, por isso, prorrogar o concurso até o final de Novembro, o obrigando-nos, também, a transferir julgamento e premiação para o início deste ano de 2015. A grande São Paulo tem perto de quarenta municípios! E isso inclui todo o ABCDMR. Ora, resulta em muita gente! Se houvesse mais interesse, seria lícito esperar perto de 500 concorrentes, como acontecera em concursos anteriores da nossa Academia. Entretanto, nesse ano, infelizmente, não foi assim. Embora tenhamos divulgado por todos os meios e mídias.

Mas, enfim, ainda recebemos bem mais de uma centena de textos concorrentes, com interessantes resultados, como se verá logo mais, no rol dos vencedores. Era quanto tínhamos a comentar sobre a administração do Concurso. Ainda teremos novos comentários mercê da palavra do nosso Acadêmico e Julgador, João Bosco dos Santos.

*Celso de Almeida Cini
Acadêmico e Coordenador*

PRONUNCIAMENTO DA ACADÊMICA EVA BUENO MARQUES

Um escritor é alguém capaz de se deslumbrar, capaz de conseguir encontrar um fio condutor e daí compor um significado.

Para o escritor, os dias da sua vida são sempre páginas de um livro ainda por escrever.

Seu grande objetivo é desenvolver a habilidade de fazer o leitor sentir os dramas dos seus personagens e, ao mesmo tempo, fazê-los pensar sobre seus próprios dramas. Palavras são aliadas incansáveis no esforço de dar sentido ao mundo e às suas experiências.

"A maior parte do tempo de um escritor é passado na leitura, para depois escrever; uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro." (Samuel Johnson)

"Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena - e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo." (Monteiro Lobato)

"Somos todos escritores, só que alguns escrevem e outros não." (José Saramago)

Não há satisfação maior do que proporcionar a pessoas desconhecidas e muitas vezes distantes emoções diversas. Imagine fazer uma pessoa rir, chorar ou mesmo ficar pensativa com a simples combinação de letrinhas em um fundo branco.

A escrita é algo quase que mágico e é isso que a torna fascinante e especial.

***Eva Bueno Marques
Acadêmica***

PRONUNCIAMENTO DO ACADÊMICO JOÃO BOSCO DOS SANTOS

Meus Amigos.

Incontáveis vezes, indagaram-me sobre o que deve ser levado em consideração para que uma pessoa se torne escritor. Incontáveis vezes, respondi: escrever! Mas a arte de escrever pode ser ensinada? Sim, mas dentro de certos limites, pois, que como em todas as artes, há algo que não se pode ensinar: o talento natural, — o qual se manifesta por uma vocação, mais ou menos imperiosa, força misteriosa contra a qual nada podem a pobreza ou o fracasso e que transforma em fácil o que por natureza não o é.

Carmelo M. Bonet nos ensina: *“Entretanto, não basta, naturalmente, a vocação, a sensibilidade literária, a aptidão congênita para dominar a arte de escrever. É necessário acrescentar o estudo, o conhecimento da técnica e dos segredos do ofício, e tudo isso pode ser ensinado”*. Buffon, o grande naturalista do século XVIII, sentenciou: *“As obras bem escritas são as únicas que passarão à posteridade”*. De certo modo, achamos controversa essa sentença já que não é tão fácil decretar quando uma obra está bem ou mal escrita. A correção gramatical não é critério suficiente para tal julgamento.

Todas as obras apresentadas nesse Concurso Literário de Contos & Crônicas Rinaldo Gissoni – 2014, da Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP das quais algumas hoje são premiadas, mereceram toda a consideração dos seus julgadores e todas as posições foram consideradas legítimas. Assim, nunca é demais repetir: é o talento, e não a orientação estética, o que mais importa. Aqueles que, porventura, não tiveram seus trabalhos premiados, não desanimem: perseverem, escrevendo sempre. E os que foram contemplados, que lhes sirva de estímulo para continuarem aprimorando o seu talento na arte de escrever. A arte de escrever revela-se fácil ou difícil segundo nossas ambições.

Horácio, sabiamente, afirmou há dois mil anos: *“A maioria dos poetas nos enganamos com a aparência do acerto; procuramos ser concisos e caímos na obscuridade; quem burila demasiado perde o nervo e o vigor; o que aspira ao sublime torna-se empolado; o que pretende, temeroso da borrasca, pisar caminho seguro, arrasta-se pelo chão; e quem se esforça em dar prodigiosa variedade a um assunto singelo, acaba pintando o golfinho nas selvas e o javali nos mares”*.

Lembrem-se, pois: se aprende a escrever escrevendo. Parabéns a todos!
Muito obrigado!

*João Bosco dos Santos
Acadêmico*

O ÔNIBUS DA MINHA INFÂNCIA

1º lugar

Na minha infância e até quase a adolescência já, o horário de verão era um forte aliado para as nossas brincadeiras, criações e nosso faz-de-conta porque ele esticava o dia e encurtava a noite.

Éramos dez filhos, sete meninas e três meninos. É claro que os meninos, o Zé, o Jairson e o João, não participavam desses delírios, pois já eram moços e precisavam ajudar no orçamento da casa. Os dois mais velhos, o Zé e o Jairson eram barbeiros e trabalhavam na barbearia que o papai comprou na Avenida Brasil. As duas, a Tata e a Liza, já eram mocinhas e não brincavam mais. Na época da “panha” de algodão, elas iam para o sítio dos meus tios e lá ficavam “catando algodão” até o fim da colheita. Fora desse período, trabalhavam prestando serviços domésticos às conhecidas da mamãe, para poderem comprar suas coisinhas.

Restávamos nós, as cinco, Sônia Maria e eu, Cida Maria, que somos gêmeas, Alice Maria e Carmem Maria, outra dupla de gêmeas e a Sandrinha que era a caçulinha e ainda bem pequena, para juntas criarmos as mais deliciosas brincadeiras e aventuras por este mundo afora. Digo “por este mundo afora” porque nós tínhamos um ônibus. Ele era azul claro. Velho. Sem rodas e sem os vidros das janelas, alguns assentos quebrados, outros quase inteiros, só rasgados e com os enchimentos saltando pelos buracos dos estofamentos. As ferragens eram cheias de ferrugem. O bagageiro era em cima da capota e os passageiros subiam por uma escada na traseira para ali colocarem suas bagagens. Ele era muito antigo, com um focinho comprido. Um ônibus de verdade. O ônibus que transportava nossa alegria. O assento do motorista estava lá, no lugar dele, imponente e, à sua frente, a direção. Essa sucata ficava no quintal do vizinho, proprietário de uma empresa de transportes de pessoas em Pereira Barreto, o Sr. João Galhardo. Morriamos de vontade de entrar num daqueles outros, de verdade, que ainda funcionavam e neles viajar com toda a família.

O ônibus era “nosso” porque nos sentíamos proprietárias dele enquanto o seu dono não estava por lá. Com ele nós “viajávamos” muito. Atravessávamos o horizonte e o arco íris. Ora ele se transformava em navio e cruzávamos mares e oceanos, ora em avião e nos levava a voar pelos céus, livres pela imensidão azul, cortando nuvens e chegávamos perto do Sol de dia e da lua à noite. Viagens imaginárias, ricas, lindas e inesquecíveis.

Como era bom! Saíamos em viagem muito cedo, na nossa imaginação, porque na realidade, elas aconteciam no período da tarde, depois de ajudarmos nos afazeres da casa com mamãe... Imaginem minha mãe com doze pessoas na casa para lavar as roupas, passar, cuidar de tudo e ainda lavar roupas para duas casas de família! Sim, ela era lavadeira. Éramos solidárias a ela, mesmo a contragosto e com muita pressa.

Eu gostava mesmo era de dirigir ou de ser a cobradora. A viagem sempre era muito longa, mesmo porque não conhecíamos nenhum lugar, a não ser a nossa linda Pereira Barreto, a Palestina e o Guarda-Mor, no interior de São Paulo. Esta última onde moramos até meus seis anos de idade, antes de irmos para Pereira. À Palestina fomos uma vez, na boleia do caminhão, quando às compras uma vez por mês. Uma viagem incrível!

Com nosso ônibus, passávamos sobre lindas matas verdes, pontes e rios caudalosos, um deles, o Tietê, onde as águas eram límpidas e abasteciam a cidade naquele tempo. Sentíamos o vento bater na nossa cara e desmanchar os nossos cabelos encaracolados e bem cuidados por mamãe, às vezes em duas tranças. Mas eu tinha muito medo de cair quando “sobrevooávamos” pelo rio (sim, porque, às vezes, o ônibus transformava-se em avião!).

Nunca chovia nesses dias de encantamentos e aventuras. Esses dias eram sempre lindos e ensolarados. Não tínhamos sequer o dever de abastecer o tanque de combustível. O que tinha era suficiente para sonharmos. E íamos e vínhamos com muita frequência a muitos lugares dos quais só ouvíamos falar no rádio, porque lá não havia televisão naquele tempo. Mas todos esses lugares eram lindos e nos faziam felizes. Éramos felizes!

Só retornávamos de nossas fantasias quando o Sol estava se pondo e ouvíamos o chamado de mamãe para tomarmos banho, jantar e lavar a louça. Éramos incansáveis. Ainda nesse restinho de dia, já embocando na noite, inventávamos outras brincadeiras, como lenço atrás, passar anel, esconde-esconde... Só não podia sujar as roupas e os pés. Tínhamos de estar limpos na hora de dormir para não sujar os lençóis branquinhos que eram quarados ao sol e fervidos até brilharem. À noite, já deitadas, planejávamos a viagem do dia seguinte, sonhávamos acordadas e de cansaço dormíamos. Não tinha malas. Nenhum preparativo. Mas certamente iríamos desbravar, na tarde seguinte, estradas jamais trilhadas por nós, caminhos jamais percorridos. Ora de ônibus, ora de navio, ora de avião, porque o nosso ônibus era mutante e sempre voltávamos felizes com o seu desempenho e com a sensação de termos ido longe, muito longe. E a gente não se cansava de sonhar... sonhar... A gente acreditava ter conhecido o mundo inteiro.

Um dia, meu pai construiu uma casa meio longe dali e nos mudamos para ela, perdendo então o privilégio de ter acesso ao quintal do seu João Galhardo. Mas ele ficou lá à espera dos novos vizinhos para fazer-lhe companhia nas horas de solidão. Que saudade de você, “nosso” ônibus companheiro das tardes quentes e alegres de Pereira Barreto.

Maria Aparecida dos Santos Vecchi

SAUDADE É FLOR DE PEDRA

2º lugar

Rosa tinha 17 anos quando a última estrela caiu e apagou a noite de vez. Poucos dias antes, em noite enevoada, a lua cheia de luz forçava espaço no silêncio do céu que ela queria.

Quis o destino que Rosa não tivesse raízes profundas na terra do chão nem em nada onde deitasse a mão. Se fiava, olhava os céus pela janela e misturava o fio do pensamento com a matéria etérea de todas as nuvens que os homens jamais teriam a chance de tocar. Se cozia, era o fogo da madeira vermelha que a distraía a crepitar segredos que lhe chegavam esfumaçados: saudade é flor de pedra. Desentendia. E se chovia, também dela caíam lágrimas de felicidade tonta, só de ver os pingos de chuva a brilhar apenas porque o sol ainda não tinha consentido licença às nuvens escuras.

Sentia que era mais do céu do que da terra. Olhar o céu era das poucas alegrias de Rosa. Ralhavam com ela, qualquer hora caía no barranco do mundo. E se caísse? Pra onde ia? — punha-se a imaginar.

Um dia, Rosa, a décima sétima filha de seus pais e da terra que não queria sua, a décima a vingar, espreguiçou-se na noite de verão e pôs-se cá embaixo a olhar lá para o alto, onde o chão devia ser o teto.

Nuvens movediças rolavam sem pressa seus novelos suspensos no ar. O vento descia e mexia com o mato alto e com seus cabelos no topo da frente, como num carinho. Quem soprou o primeiro vento? — perguntava de si para si.

Pois nesse dia, nessa noite, algo assustador aconteceu. Enquanto a lua aguava todas as coisas de quando em quando, a fugir das nuvens, e no céu reinava sozinha a esconder estrelas com seu clarão, Rosa percebeu com espanto e tristeza que eram as estrelas que davam para cair no buraco do mundo e desfazerem-se no escuro. Um após o outro, o brilho das poucas estrelas riscava o céu num fulgor que fazia seus olhos piscarem e, já ao abrir, não encontravam mais rasto algum a cintilar no céu. De medo, de dor e desatino, Rosa correu para casa e enfiou-se na cama a pedir que a visão de ainda agora fosse sonho. Não era.

Curioso por saber do que se tratava o choro da filha, ouviu dela que as estrelas morreriam todas àquela noite, a julgar pela quantidade das que estavam a riscar o céu e desaparecer. Perguntou a ele algo sobre Deus, ao que o pai apenas respondeu que não bulisse com Deus, pois Ele estava no silêncio dos céus.

Para ela Deus estava era em silêncio, talvez até a divertir-se com o fim das estrelas, a mudar o mundo conforme seu gosto.

Desesperada com aquele destino obscuro, correu para fora à espera de que ainda houvesse muitas estrelas por trás das nuvens, e deitada novamente no mato, a chorar adormeceu.

Na manhã seguinte recolheram-na a casa a tremer de febre. Colocaram-na em sua cama e os dias seguintes trouxeram sonos intranquilos entrecortados por delírios.

Sua mãe falava-lhe ao ouvido que ainda havia muitas estrelas no céu. Ficasse boa e logo veria. Era verdade. Apesar de continuarem caindo como ela mesma jamais tinha visto, havia muitas estrelas no céu.

O médico veio da distância uma vez e outra mais, quando finalmente disse aos pais de Rosa que eles não haviam criado a menina para eles e sim para Deus.

O padre rezou sua litania e disse que parecia que até mesmo São Lourenço se compadecia deles a enviar suas lágrimas através das constelações na noite daquele dia que havia sido em sua homenagem.

Seu irmão Joaquim a tudo assistia agarrado à porta do quarto onde os irmãos já não dormiam para não ficarem doentes também. Só muitos anos mais tarde entenderia o que eram as Lágrimas de São Lourenço.

Por fim, em uma certa noite minguante, apenas uma estrela cadente desceu até a Terra. São Lourenço certamente secara as lágrimas. Tinha já uma nova companhia nos céus.

Danilo da Silva Gonçalves

DE BARATAS E HOMENS

3º lugar

O velho policial sempre contava esta história. Andava por aí acompanhado da porca Sofia. Uma porca preta e gorda que, como ele, tinha os olhos claros puxados em um rasgo na pele escura. Herdara Sofia da benzedeira do bairro. Uma mulher poderosa que era conhecida por fechar o corpo dos meninos que jogavam bola no campinho de terra batida. Ela plantava ervas no quintal e as distribuía a quem precisasse. Também cuidava dos gatos da rua que se refugiavam embaixo do pessegueiro plantado nos fundos do terreno de sua casa. Pela vila, contavam que a velha chegou a cuidar de um sapo apedrejado pelos meninos descalços que corriam por aquela zona de brejo. O sapo viveu e, bonito, voltou para o córrego. Já os meninos, pegaram caxumba.

Mas a história que o velho policial contava não falava de gatos, sapos ou porcas. Era uma história sobre baratas. Sobre baratas e tiros.

O policial e as vozes miúdas das ruas daqui de casa contavam que a mandingueira era mãe de outro moço poderoso, um bandido respeitável. Menino, protetor da molecada, ficava triste quando via pai bater em criança e marmanjo mexer com as meninas. Saía cedo de casa, ia arrastando os chinelos até o centro da cidade onde batia carteira. Chegava em casa junto à alvorada, no final de expediente, com o saco de pão quente na mão para o lanche. Já homem, virou bicheiro. Vendia e forjava o jogo. Passou a matar pelo certo e a carregar o pescoço com corrente de ouro.

Foi por ele que, conta a lenda, uma viatura recheada de encapuzados subiu a favela num dia quente de novembro. Naquele dia, os policiais cercaram o barraco da mãe benzedeira onde só havia o filho dentro. Toda a madeira foi alvejada. Dizem que eles esperaram um pouco para entrar no barraco na expectativa de tirarem, de lá, apenas o corpo do filho morto. Mas ao entrarem, nada encontraram. Estavam certos que o moço estaria lá, mas só o que acharam, foram baratas.

O velho policial jura que a mandingueira era tão poderosa que, de longe do barraco, transformou seu filho em uma das baratas que correram para fora da casinha por cima das botas pretas. Na companhia da porca Sofia, o policial fala por aí que depois daquele dia nunca mais pisou em uma barata. Elas, por sua vez, sumiram todas do bairro logo após a morte da velha benzedeira que viveu até mais de cem anos. Seu corpo foi encontrado no barraco. Ao lado estava só a porca Sofia que, achada pelo preto velho policial, passou a acompanhar seus passos arrastados nos chinelos a caminho de trazer pão quente para casa junto da alvorada.

É o que contam as lendas da rua. É o que fala o velho policial da vila. E quem é que vai dizer que não?

Natália Corazza Padovani

CARTA ABERTA A UM VIZINHO CONDÔMINO

4º lugar

"Digníssimo vizinho:

Tenho notado que seu cão anda por demais se adoentando, numa incidência que pode-se dizer, crônica. É possível que tenha relação com o de que vem se alimentando, devido à coloração esquisitíssima das bolotas que não cessa de distribuir por nosso passeio público. Sim, é possível mesmo que seja a alimentação. Muito me apiedo do pobre pois que não passa um dia sem que ele se veja na incumbência dessas liberações dolorosas.

Também diviso que seu pequeno júnior anda acometido de algum mal nas pernas, sendo o coitado irremediavelmente impossibilitado de estacionar sua bicicleta na, como não poderia deixar de ser identificada, vaga para bicicletas. É esse um mal imenso, posso bem calcular. Vislumbro claramente o menino ordenando, depois pedindo, e por fim, suplicando às pernas para que não parem de funcionar no momento exato em que ultrapassa o portão garagem adentro. Muito me apiedo pois que, reparei, não passa uma tarde sem que não lhe suceda essa horrível moléstia nas pernas.

Percebi que seu molecote mais velho é assaltado por sérias dificuldades disléxicas, sendo descabidamente inábil para identificar e apontar na direção de números de 1 a 15, e assim, não podendo nunca, sob qualquer hipótese, acertar o botão de seu andar antes de ao menos dez tentativas frustradas. É preciso que eu diga que isso muito me apieda. Prevejo o tamanho desgaste que terá nas pontas dos dedos. Feito um cálculo por cima, daqui a dez meses seus dedos estarão todos impiedosamente carcomidos tal qual se tivesse oitenta anos de idade.

É possível que seja, sua também digníssima esposa, igualmente disléxica, pois tendo morado sempre em prédios com elevadores, e padecido, então, da mesma erosão nos dedos, o que explica sua total e irrefutável incapacidade para reter tocos de cigarro. Imagino que ela os deixe cair um atrás do outro na tentativa de reter algum, o que elucida o mistério das dezenas encontradas pelo playground. Muito me apieda pois que, se a quantidade diária de tocos estiver certa, calculo que deva despender um salário mínimo ao mês por conta dessa calamidade em seus dedos.

Também me apercebi de que seu gato branco é outro desgraçado que tem se alimentado de porcaria. Alguma porcaria que desconheço e que provoca calvície. Não tenho visto pessoalmente o pobre bichano mas, a contar da neve que precipitou no hall de seu andar, o gato está careca. Isso me apieda pois que aproxima-se a estação invernal e nem sempre alguém se lembra de colocar-lhe um casaco roliço de lã.

É também verdade que seu cunhado conserva um intratável trauma de morrer afogado, pois que mija-se completamente em todas as vezes que está dentro da nossa piscina, o que não acontece todos os dias, mas tão somente de segunda à sexta, mijando-se completamente aos sábados e domingos no mar. Dele muito me apiedo pois que nunca será um herói para seus filhos.

Da mesma forma constatei que sua pequena recém-nascida, cuti-cuti, nasceu portadora de uma destemidíssima coceira nas partes baixas. Creio muito que quando finalmente deixam-na a sós em seu berço, ela se levanta e vai até a janela onde joga fora toda aquela armadura alergogênica e cheia de detritos. Apieda-me saber que quando estiver mais grandinha e precisar usar o papel higiênico, não suportará fazê-lo.

Notei, por fim, que o senhor próprio está tomado de um incômodo laríngeo por conta de um gigantesco besouro cascudo que concluo, engoliu. Esse apocalíptico inseto, que vem vivendo em ambiente inadequado à sua espécie há incríveis cinco anos, recorde mundial de todos os tempos da categoria, lhe ferroa a garganta sem piedade em todas as reuniões de condomínio. Muito me apiedo do senhor, pois seus gritos durante as assembleias, quando sua intenção era (ponho minhas mãos no fogo), expressar-se com calma, educação e decibéis dentro da normalidade, têm feito de si presença tão injustamente odiosa nas ditas reuniões.

Até segunda-feira, deixe o senhor, na portaria deste condomínio, toda a coletânea de atestados médicos dos males aqui descritos, de seus familiares e animais, certificados pelos devidos especialistas médicos e veterinários, não me importando que tipo de profissional tratou quem, e na improvável hipótese de não portar tais documentos, deixe o recibo da multa no valor de R\$ 175.000,00.

Obrigado".

Andréia Palmeira

RECICLAGEM

5º lugar

Como poderia ter esquecido de regar as primulas no jardim! Murcharam todas. Mas me parece, faz tempo que não vejo seus botões abrirem e . .

Derrubo a maçã que há pouco me deliciava, com seu sabor ilícito, harmonizando acidez e doçura. Ela quica uma, duas vezes e é amortecida pela grama de meu quintal que há muito não é aparada. Os pedaços da fruta em minha boca parecem aumentar em quantidade e seu gosto tornou-se amargo. Perco o fôlego e faço um sacrifício para conseguir engoli-los. Mera ilusão. Quando penso haver me distraído, meus pensamentos lançam-me contra mim.

Mas sejam eles felizes ou tristes, estes meus devaneios de memória, que escoam dentro de mim, só me afogam, trazendo-me a nostálgica sensação de um tempo que já não é mais meu.

Respiro fundo e sinto o ar preencher com dificuldade meus pulmões já enferrujados de suspiros e de sonhos para um futuro, que na juventude, desejava que um dia houvesse de chegar. E chegou. Só temo que agora ele não venha mais a me encontrar. Uma água revoltosa move meus pensamentos e que de tanto, vaza no olhar, umedecendo minha pele já árida e escassa, fazendo florescer o pouco de vida que ainda me resta. Abro meus olhos para o momento mais difícil da vida.

Encaro-me.

Sinto como se meu rosto não pudesse demonstrar qualquer emoção. A flácida pele que o marca pelas linhas da idade, paralisou-o. Seriedade é o que se expressa. Os cabelos brancos e cristalinos provocam a transparência, como se a idade nem privacidade me houvesse garantido. Minhas ilusões e angústias são espiadas a céu aberto.

Ultimamente tem sido assim: visitas ao hospital tornaram-se rotina. Não por mim, felizmente. Mas por amigas que pertencem ao meu tempo, ou se talvez já possa dizer, que a quase nenhum tempo mais pertençam. Nos corredores, em uma dessas passagens, vi uma enfermeira carregar uma criança que acabara de nascer. Menina, de pele avermelhada e inchada, como se a vida a houvesse preenchido demais. E na inconsciência, pego-me na curiosidade de saber seu nome. — Eva. — responde-me a enfermeira.

Talvez o equilíbrio seja esse. Da morte que tanto temo, se dê espaço à vida para aqueles que um dia morrerão também para dar lugar a outros. Já meu egoísmo, penso que não é mais legítimo.

Deito-me finalmente em minha cama. Então evidencio um espetáculo tão majestoso e puro e íntegro e, aparentemente, simples que nunca imaginaria apreciar: com os olhos já fechados, pela primeira vez, reconheço meu tempo.

A casa era escura, feita inteirinha de madeira negra e polida e de cor terrosa. Aos poucos, senti suas paredes, teto e chão se encolherem, aproximarem, diminuindo em direção a

mim. E meu corpo esvaindo-se, resumiu-se em essência. Ouvi um barulho e me direcionei à sua origem. Algo colidira como uma porta — que eu nem havia visto antes —, também de madeira, porém pintada de branco, como se quem a houvesse decorado, o houvesse feito às pressas, já que a humanidade inteira haveria de passar por ali. Abro-a. Deparo-me com um pombo branco, só não tão branco quanto a porta em que batera. E à minha frente, três figuras sentadas. O menino, ela e Ele.

E agora eu: Eva.

Natália Pilati Matta

ESCARLATE

6º lugar

Lembro-me como se fosse ontem.

Barcelona.

Era julho, o auge do calor europeu. Era como se estivesse no lugar errado, na hora errada. Detesto calor, a bebida era ruim e odiava a companhia.

Mas não havia nada a ser feito: eu estava presa àquela situação. Já tinha rabiscado guardanapos, checado minhas mensagens, olhado em volta. Eu era o tédio personificado, em carne e osso.

As dançarinas de flamenco rodopiavam; decidi observar mais de perto. O vermelho dos vestidos e do meu batom se atraíam. Parecia ser a única coisa que fazia sentido. De resto, era tudo um preto-e-branco infinito.

Por mim, jogaria vermelho em tudo; nas camisas de grife dos ricos da mesa ao lado. Na garçonete cabisbaixa, que não se esforçava nem pelas gorjetas. E, principalmente, na minha vida.

De repente, me vi rodopiando tal qual uma dançarina de flamenco.

Como foi que cheguei aqui? Se eu refizesse toda uma sequência de acontecimentos, o que mudaria? Faz alguma diferença? Faz toda a diferença?

Sentia-me refém das minhas próprias escolhas; sim, porque ninguém decidiu por mim. Só não tive coragem suficiente para mudar, quando tive chance. Olhava à volta e não via nada que me animasse; estava tudo destinado ao fracasso. Era um labirinto sem saída. E a música tocava mais alto, e mais alto; e os giros eram mais rápidos, ou era a minha cabeça que rodopiava?

Já não havia mais vinho no meu copo; deve ter evaporado com o calor. Não me lembro de ter bebido, mas paro o *muchacho* e faço sinal para que traga mais. Ele diz algo em espanhol, que ignoro, e permaneço vidrada no show.

No final, somos todos dançarinos. Estamos ali para vermos e sermos vistos no grande palco da vida. Exibindo nossas maiores qualidades para quem julgarmos ser nossa audiência; mas se alguém se levanta e sai, como se não gostasse do que viu, abala nossas estruturas.

O segredo é continuar sorrindo, e dançando; porque nunca se sabe, se ele só foi fumar, ou foi ao banheiro. Ele voltará em questão de segundos. Bem... — talvez não volte.

E ainda tem mais gente no grande salão a nos observar, não tem? Que o show continue.

Hoje coloquei-me do lado oposto, tamanho o tédio; de início fui dançarina, agora sou a plateia que observa.

Há muitos dançarinos aqui hoje. Alguns exibem seu dinheiro, a mulher que tem ao lado, a beleza da juventude, o poder sobre a vida de alguém... na esperança de que seja notado e aplaudido no final.

Pois eu os acho grandes idiotas, e poderia quebrar-lhes as pernas agora mesmo, para que nunca mais dancem. Poderia dizer que seus cofres foram roubados, que suas mulheres os traem, que a velhice vai chegar, e que a vida já não tem mais valor; porém isso não me faria mais feliz.

Eu ficaria feliz se pegasse o primeiro voo para qualquer lugar, para fugir daquela cena. Para escapar desse cheiro impregnante de paella e hipocrisia.

Mas por alguma razão, não consigo. Porque meu ponto fraco está sentado na mesa trinta e três, e ao olhá-lo, pego-me dançarina novamente. Aquela que tenta agradar, que treina todos os dias para ter aprovação que, por vezes, não vem. Mas não desiste.

Ele sabe que gosto de vestidos pretos e restaurantes caros; que o vinho me deixa mais falante e que eu adoro o balançar do flamenco; que amo viajar, e me rendo às suas palavras ao pé do ouvido. Juntos, somos intocáveis. Mas não sou feliz.

Ele sabe que, não importa o quanto eu observe a dança e procure pelas portas de saída, tudo o que vou fazer é voltar para a mesa e aguardar o jantar. Estou vulnerável.

A situação fugiu do meu controle. E sem controle, eu não respiro. Sou um pássaro dentro da gaiola. Sou um condenado à morte implorando por clemência. Como é que saio desta?

Perdi completamente a fome. A comida não tem cheiro, não tem cor, não tem sabor. Estou saturada de vinho, ele está falando algo, mas eu não estou prestando atenção.

Um motivo. É disso que eu preciso. Deus, está muito calor agora! Parece que as paredes vão derreter. As minhas mãos estão suando. Não pode ser o vinho, eu não bebi quase nada.

Pego o maço de cigarros da mesa, enfio o celular na bolsa e faço o gesto de que vou sair para fumar. É a deixa. Sinto uma das mãos tentando me impedir, sem sucesso. Lanço um olhar de despedida, que certamente não foi percebido.

Dou uma última olhada nas dançarinas de flamenco, que encerram mais um número, enquanto me dirijo à saída. Desta vez, vejo tudo em câmera lenta. Meus aplausos se perdem no meio dos outros, nem eu mesma sou capaz de ouvi-los.

Mas escuto os passos vindo rápido atrás de mim; minha deixa não foi suficiente.

Ando o mais rápido que posso, alcanço a saída e paro um táxi. As mãos me alcançam, me sacodem e sua voz me pergunta — aonde é que você pensa que vai?

Minha voz está falha, não sinto sangue nas veias. Vejo-me sussurrar — Não quero mais dançar com você.

Meus olhos se perdem nos dele em uma fração de segundos, sinto meu coração pulsar. Não posso voltar atrás.

Entro no táxi, — *aeropuerto* — afundo-me no banco velho. Não ousou olhar pelo vidro.

Descalço os sapatos e respiro fundo.

Posso ouvir a mim mesma me aplaudir. Pela primeira vez, sou a protagonista do meu próprio número.

Meus olhos, tal qual cortinas, se fecham.

Fim do Último Ato.

Hora de dançar em outro lugar.

Camila de Almeida Costa

A HERANÇA

7º lugar

Naquela manhã de inverno, ao dirigir-se à Editora, Sofia jamais poderia imaginar que em poucos dias a rotina de sua vida seria abalada por um acontecimento tão surpreendente. Ia pensativa, contabilizando o prazo que ainda lhe restava para a entrega da tradução na qual vinha trabalhando. Estava atrasada novamente, e a culpa era do trânsito da capital paulista, o mesmo de todo dia: lento, barulhento, irritante!

Enquanto isso, a centenas de quilômetros dali, em algum lugar do interior de Goiás, Getúlio Albertini encarregava seu advogado e particular amigo de uma tarefa fundamental e urgente. Próximo de completar oitenta anos e com a saúde fragilizada, receava pelo futuro da Ouro Verde, uma das maiores fazendas de soja da região, onde fincou raízes desde muito jovem. Solteiro, não possuía herdeiros diretos e da família não tinha o paradeiro. A missão do Dr. Murilo, portanto, era a de localizar algum parente seu antes que fosse tarde demais. A intenção de reaproximar-se da família, no entanto, não se cumpriu, Getúlio veio a falecer pouco tempo depois. Coube então ao advogado, na qualidade de procurador do amigo, administrar os negócios da fazenda como podia. Contava para isso com a ajuda dos mais leais empregados, mas a responsabilidade era pesada demais para os seus ombros, razão pela qual sentiu-se aliviado ao encontrar um descendente do fazendeiro.

Sofia, tão logo entrou no apartamento, tirou os sapatos para aliviar a tensão dos pés e deixou-se cair no sofá, aparentemente mais carente do que exausta: não havia ninguém para conversar sobre o seu dia ou compartilhar sua vida. As luzes já se derramavam por toda a cidade, e uma chuva fina anunciava que a noite seria gelada. Seu olhar se deteve nos retratos sobre o *rack*, despertando-lhe, instantaneamente, muitas lembranças. Todos que lhe foram mais caros haviam deixado esta vida, incluindo os pais, depois de um acidente de carro; Mariana, sua única irmã, residia com o marido na Inglaterra e raramente encontravam-se, motivo pelo qual sentia-se tão só. Antes que as lágrimas lhe escapassem, levantou-se e serviu-se de uma taça de vinho, pensando o que faria para o jantar. Na verdade, não tinha vontade de fazer nada, um sanduíche seria suficiente. — Se ao menos tivesse alguém, prepararia algo mais sofisticado. — pensou. Mas não tinha! Os relacionamentos foram poucos: uns com a duração de uma decepção, outros nem isso. Aos trinta anos de idade sonhava ainda encontrar um grande amor.

Pensava sobre isso enquanto olhava a correspondência, até que um telegrama chamou sua atenção. Franziu a testa, intrigada; ligou para a pessoa que assinava a mensagem e, imaginando tratar-se de um grande equívoco, daria por encerrado aquele assunto, não fosse pela insistência do Dr. Murilo que, pacientemente, expôs-lhe todo o acontecido.

Alguns dias depois, um carro percorria as estradas do imenso tapete verde estendido sobre o planalto central, até onde a vista alcançasse. Distraída com a paisagem, Sofia não percebeu quando o veículo atravessou o portal de acesso à sua nova propriedade. Vinha para cumprir as formalidades necessárias e providenciar um administrador que comandasse os negócios, até expirar o prazo de dois anos, estipulados em cláusula testamental pelo tio, para que a fazenda ficasse na posse da família. Absolutamente sem interesse no negócio, Sofia e a irmã já haviam concordado, entretanto, em vendê-la posteriormente.

Assim que colocou os pés na sala da imponente casa colonial, Sofia foi tomada por uma forte sensação de *déjà vu*. Tudo lhe pareceu familiar e foi impossível conter o arrepio que percorreu seu corpo. Caminhou lentamente pelo aposento observando tudo em detalhes, até que avistou uma mesa de canto com fotos de sua família, inclusive as do tio que procurava conhecer. Emocionou-se ao entender que ali se encontravam registros de seus antepassados e, conseqüentemente, de sua própria história.

Nos dias que se seguiram, mais acostumada às novidades, procurou adaptar-se da melhor forma à situação, porém, estava aflita para retomar suas atividades e seus costumes urbanos. Por isso, nem tentou disfarçar a satisfação pela chegada do administrador.

A pele morena impregnada de sol, os olhos negros e os cabelos em constante desalinho faziam de Fernando um homem surpreendentemente atraente. Quando apertaram as mãos, Sofia sentiu as faces ruborizadas e meio sem jeito, disfarçou a surpresa daquele momento. Seu coração bateu mais forte e suas pernas fraquejaram, forçando-a a sentar-se rapidamente. Em apenas alguns minutos, aquela beleza rústica tinha abalado profundamente a alma da moça. Forçada pelas circunstâncias a permanecer na fazenda além do tempo previsto, essas sensações só fizeram aumentar no decorrer dos dias; e por mais que a razão lhe pedisse para ficar indiferente, ela fazia exatamente o contrário, sem forças para resistir a ele. Envolvera-se mais do que devia e lutava contra isso, inconformada com o destino que lhe pregava tal peça. Afinal, eram de mundos diferentes e direções completamente opostas. Tinha de esquecê-lo a qualquer custo!

De volta à realidade, um amontoado de livros espalhava-se à sua frente chamando-a ao trabalho, mas Sofia não conseguia concentrar-se como antigamente. Estava mudada e essa mudança atendia pelo nome de Fernando. Na tela do computador, uma foto da Ouro Verde transportava-a para aqueles dias maravilhosos na companhia de um homem apaixonado pela terra, que tanto aprendera a admirar. Sentia saudades do seu jeito simples, do seu riso espontâneo e da sua relação de amor com a fazenda; igualmente sentia falta do seu cheiro agreste, da sua voz marcante e de suas mãos firmes que encilhavam o cavalo para a lide de todo dia. Tudo nele a encantava, apesar da timidez e da distância com a qual ele a tratava, deixando-a confusa e sem coragem para demonstrar os sentimentos. Então amava em silêncio.

Os dois anos chegaram a termo, sem que desse conta, seria preciso decidir o que fazer com a fazenda. Afeiçoada às pessoas e aos costumes do lugar, a herdeira já não tinha certeza se queria desfazer-se dela. Tinha voltado para isso, mas vivia um impasse.

Era madrugada e pensamentos inquietos roubavam-lhe o sono, pela possibilidade de estar vivendo seus últimos dias na Ouro Verde. De repente ouviu vozes agitadas vindas do lado de fora. Assustada, foi averiguar e encontrou Fernando às voltas com o parto da égua Estrela que, depois de muito esforço, trouxe ao mundo o encantador Valente. Instintivamente, sem se importar com as demais pessoas e com o sangue em suas roupas, Sofia o abraçou emocionada. Permaneceram algum tempo entregues àquele abraço que revelava, finalmente, haver entre eles mais do que tentavam disfarçar. Entraram em casa em silêncio e quando suas mãos se tocaram novamente, seus olhos declararam todo o desejo que sentiam. Sem dizer nada, beijaram-se apaixonadamente, e o amor se fez. Era um caminho sem volta. Não importavam as diferenças, mas apenas esse amor que os unia para sempre.

O tempo escreveu suas páginas. Na varanda, sentada com o pequeno Enzo em seus braços, Sofia sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo, como da primeira vez. Apesar de não haver a menor brisa, os verdes campos de soja balançaram por alguns instantes. Ela sorriu, pressentindo que o espírito do tio corria por ali, feliz com os novos rumos de sua Ouro Verde.

Silvana Peca Tomazeli

RETRATOS

8º lugar

Uma exposição, duas mulheres. Uma de setenta anos, clássica, aristocrática, dona de um olhar altivo de olhos verdes fascinantes, e tez branca, a outra, vinte anos, uma jovem encantadora de sedosos cabelos castanhos, olhos amendoados e tez negra.

Lá estavam elas em uma sala ampla, revestida de madeira, marcada pelo tempo, e por gerações que ali viveram. O assoalho rangia sob os seus sapatos. Aquela havia sido uma casa colonial. Habitada por ricos senhores de escravos que ali viveram. E também por sua avó. Percorrer suas amplas e iluminadas salas equivalia a uma viagem ao passado.

Mas aquelas duas mulheres não estavam ali sozinhas. Podia-se observar cerca de cinquenta pessoas igualmente bem trajadas, protegidas contra o frio do inverno. Todas percorrendo os ricos corredores repletos de pinturas, em sua maioria retratos.

A casa agora transformara-se em um Museu Municipal. A noite era especial, a inauguração da exposição — Retratos do Passado —.

Anita, esse era o nome da nobre senhora, era uma das benfeitoras do evento. Sua neta, a jovem de vinte anos, seguira de perto os passos da avó, também uma artista. Existia entre elas diferenças significativas, tal como é comum entre gerações. Mas o que as unia era mais forte — o amor pela arte. Mônica lembrava-se com carinho das tardes em companhia da avó, do cheiro do óleo, das telas descobertas, as longas horas a seu lado, desfrutando o dia do nascente ao poente, impressionada pelas vigorosas pinceladas da avó e alarmada pelo distanciamento que a tomava quando envolta em tal atividade.

— Minha neta, que bom tê-la aqui hoje.

— Vovó, a senhora sabe que não perderia por nada. O Vovô também pintava como a senhora?

— Sim. Mas diferentemente de mim, ele não teve educação formal. Tudo que sabia e fazia era fruto de intensa experimentação. O homem mais inteligente que já conheci.

— Sinto tanto por não tê-lo conhecido.

— Ah, querida. Eu o amava muito. Nós nos casamos em segredo. Minha família nunca concordou em um relacionamento entre uma mulher como eu e um rapaz como ele.

— Eles não os entendiam, vovó.

— Poucos entenderam querida. Mas veja você. Consegui criar vocês mesmo sem a ajuda dele.

— Vovó, por que a senhora não entra mais em seu ateliê?

— Não há mais nada que eu queira realizar nesta vida. Meus dias de glória e felicidade já passaram. Agora é a sua vez.

— Vovó. . .

— Circule querida e depois diga-me o que lhe agrada. Estarei por aí.

Mônica seguiu o conselho. E sinceramente aquele tipo de arte a incomodava. Os retratados eram meras estátuas sem sentimento. Havia exceções; Rubens, Velazques, Rembrandt, Goya, Leonardo, Caravaggio. Esses sim sabiam dar vida aos retratos. E sua avó. Mas esses não estavam ali.

Estava prestes a sair quando alguém ao longe disse:

— Você parece com ela! A do retrato a sua frente.

De fato era um obra belíssima. Já a havia visto antes, algo lhe ativava a lembrança, não sabia o quê. A pincelada era única. Transmitindo sensibilidade, cuidado, e força. O rosto iluminado por uma luz desconhecida, o fundo sombrio como se nada mais existisse além daquela mulher imperiosa. Estranho, porque seus olhos tão tranquilizantes, plácidos eram de um verde oliva. A boca, provocante. A pele? Muito mais do que só o amarelo carne e terra de siena natural. Talvez um pouco de branco de chumbo, e um leve toque de sépia. Entretanto nada daquilo explicava a sensação de proximidade que tinha, algo a atraía.

O estranho continuou:

— Gostou? Foi eu quem a pintou. Era um dia lindo, estávamos chegando ao final do inverno. Não demorei mais do que três dias para concluí-lo. Os olhos foram particularmente difíceis de retratar. Tal como seriam os seus, imagino.

— O senhor a conhece?

— Claro. Tanto como se pode conhecer alguém a ponto de retratar sua verdadeira natureza, sentindo o amor pulsando em suas veias.

Olhando bem para aquele homem, não podia cogitar de onde eles poderiam se conhecer. Como em todos aqueles anos, a avó nunca mencionara um artista tão talentoso? A avó não parecia uma artista, mas muito menos aquele homem de voz grave e cabelos tão brancos como a neve. Deveriam ter a mesma idade.

Neste instante sua avó apareceu. Como se o chão se abrisse e a luz que entrava pelas janelas a sufocasse, ela o viu. A claridade da lua refletindo nos olhos verdes oliva da velha senhora. Seus olhos se voltaram para os da tela, ao encontrá-los ela viu que o colar no retrato era o mesmo que faiscava em seu colo. Despertou com um baque ao seu lado, era sua avó que desmaiara.

Helena Maria de O. Marçal

VALOR INESTIMÁVEL

9º lugar

Emílio sorveu um gole de café requentado. Olhou mais uma vez a tela sem moldura, ainda no cavalete, o cheiro da tinta fresca enchia o galpão cujo chão estava parcialmente coberto por jornais que pouco serviam ao pretexto de protegê-lo, já muito manchado de nódoas às vezes azuis, às vezes vermelhas, outras amarelas, mas sobretudo de cores impossíveis de se identificar, um tom sobrepondo a outro e outro. O chão contava muitas histórias. Histórias de amor, histórias de guerra. Flertes com o cubismo, piscadelas a Picasso. Até o retorno humilde ao impressionismo. O chão era um corpo trespassado de cicatrizes por onde passaram experiências disformes já embotadas pelo tempo. O chão guardava memórias do percurso de Enrico, pintor desde quase impúbere, discípulo de Matheu. Quanto tempo!

O ponto de fuga era um homenzinho à espreita numa moita, quase imperceptível, de fato imperceptível a olhos destreinados. Estava de tocaia a alguém que o campo de visão oferecido pela tela não mostrava. Segurava algo na mão, mas isso era dedução. O ponto de fuga acabava sendo, então, a moita, para olhos destreinados. Mas um olhar detido podia quase adivinhar, apenas adivinhar, o rosto meio de perfil de um homem de traços fortes, um nariz aquilino, olhos marrons também aquilinos. Guardavam a sombra de uma má intenção para com uma amada infiel, quem sabe um imbatível adversário nas cartas, um ladrão de ovelhas ou o dono da venda que afanava na conta do vinho. Talvez mesmo um irmão herdeiro sem o qual toda uma riqueza, acumulada por gerações de homens arrojados, seria agora totalmente sua. Mas tudo isso era dedução. Talvez nem mesmo segurasse algo nas mãos, embora fosse de certa maneira tão claro. Algo entre as mãos, mas por que uma faca ou uma arma pequena para mãos pequenas? Poderia até mesmo ser uma mulher. O que era claro eram os olhos aquilinos, mas nem isso. Tudo era dedução.

Sobre a moita, que decerto estava à beira de alguma estrada por onde passavam cavaleiros e carroças, uma luz convicta trazida pelo Sol ou algo mais, dava ao verde empoeirado da folhagem um matiz cansado, fazia dela uma moita entediada de ver no mundo sempre as mesmas coisas. De repente, a moita passava de paisagem a espectadora. Essa mesma moita acobertara outras vezes outros homens de tocaia, mas também amantes proibidos, bichos acuados ou serpentes sornateiras.

O seu verde senil um pouco sábio um pouco obsoleto se opunha ao verde virgem da grama que preenchia o restante da tela, não fosse apenas uma nesga de céu azul bem ao longe. Era um enorme descampado. Nada mais. Era isso a tela. Uma moita de pequeno porte posta na parte inferior direita da tela, rodeada por uma grama tenra por todos os lados. O verde dominante causava um pouco de náusea. Ou talvez a sensação viesse da ameaça que aquele momento paralisado trazia em germe.

O café esfriou. Emílio colocou a xícara sobre um caixote de feira.

Enrico olhava-o meio de soslaio, ressabiado pelo sim pelo não do outro, que permanecia calado, puxando o canto dos lábios num cacoete que não sabia dizer o que significava. Emílio olhou em torno como que em busca de algo que não a tela à sua frente: um alívio, um refúgio. Só havia cavaletes vazios, paredes brancas, uma janela sem cortina. Os seus lábios de súbito se distenderam e os de Enrico se intumesceram.

— Que belo quadro! Insinua, é provocante. Tem alguma coisa de mistério. É uma bela obra.

Enrico olhou-o interrogativamente e Emílio continuou:

— Em alguma galeria deverá valer muito. Muito.

A ênfase em *muito* encheu Enrico com um misto de alegria e de pavor. Muito. . . Poderia pagar o aluguel do galpão, três meses atrasado, poderia almoçar comida pela primeira vez em algumas semanas, poderia ir visitar os pais, poderia comprar sapatos novos, pagar entradas para o espetáculo que estreava . . .

— Podemos negociar?

Enrico titubeou, mas:

— Claro. Vale muito?

— Uma obra-prima.

— Em dinheiro?

— Muito. Amanhã mando alguém pegar o quadro. Vou encomendar uma bela moldura.

Que belo quadro! — repetiu.

Emílio partiu ao cair da tarde e Enrico viu-se só com a tela. Numa pincelada ligeira grafou o próprio nome, um pouco abaixo da moita. Afastou-se dois passos e olhou a tela em sua inteireza. Será que Emílio teria surpreendido o perfil brando do homem à espreita? Que impressões teriam nele erguido a disposição dos elementos, o conflito de tons?

Afastou-se, repetindo as palavras de Emílio:

— Que belo quadro!

Devia ter papel pardo naquela caixa sob a cama: jornais velhos, um pequeno machado, cliques, potes vazios de tinta, papel pardo amarrotado. Algo o incomodava sem saber ao certo.

Alisou o quanto pode o papel amarrotado. Voltou à tela.

— Que belo quadro!

Enternecido, sentou-se num caixote de feira. Como fizera Emílio, olhou em redor, paredes brancas. Sufocava. Sapatos de couro novos e entradas para a ópera, uma viagem de trem e um prato de massa ao sugo. Era uma troca ingrata, pensou subitamente. Era pouco.

O descampado oferecia-se imenso, sob a moita repousava o infinito porque desconhecido. Para além daquela paisagem evocada em tons frios pairava o não enumerável, o inclassificável, o intangível. — Isto não tem preço —. Sacudiu a cabeça, pensativo. Tirou o quadro do cavalete e colocou sobre o papel pardo estendido no chão. Foi dobrando metodicamente o papel pelos cantos. Barbante, lembrou-se. Voltou à caixa debaixo da cama. Fita isolante, pregos enferrujados, traças e tatzinhos-bola, barbante, um pequeno machado para lenha, uma tesoura. Seus olhos refulgiram.

Tornou à tela, libertou-a do papel pardo, devolveu-a ao cavalete. Afastou-se dois passos. Seus olhos admiraram-na pela última vez, e sentiu-se aliviado mas desamparado, olhando a moita ciosa de seu segredo, ciosa de um porvir insondável.

Aproximou-se. Sacou a tesoura e golpeou suavemente o tecido frágil, rasgando-o de alto a baixo. Em segundos, toda a paisagem estava desfigurada, os traços irreconhecíveis, fiapos da tela destruída suspensos do suporte. Comovido e libertado, uma lágrima vacilou nas bordas do olho direito.

Edivania Tavares da Silva

CRÔNICA DE UMA MULTÍPARA 10º lugar

Há momentos na vida da gente que são realmente inéditos.

Não me canso de assistir à primeira apresentação de Susan Boyle no Show de Talentos que a consagrou na Inglaterra e no Mundo! O momento único em que ela começa a cantar e o público – antes descrente de algum talento naquela “caipirona” – rende-se ao poder mágico daquela voz. . . É mesmo de arrepiar.

Momentos mágicos, que mudam nossa história, que fazem nossos corações baterem em um ritmo diferente, de êxtase. . . Você sabe do que estou falando.

Meus momentos mágicos não foram diante de uma grande plateia, nem de arrebatamentos coletivos. Meus momentos mágicos mais marcantes remetem ao nascimento de meus filhos. E olha que foram quatro! Aliás, *Multípara* é a designação que se dá à mulher que já teve mais de um filho, ou que pode parir mais de um bebê por vez.

Já ouvimos vários comentários a respeito de nossa numerosa família, e o repertório de piadas continua aumentando:

– Vocês não tem TV em casa?

– Deus disse: “Crescei e multiplicai-vos”, mas isso foi dito à toda Humanidade, não só para vocês!

– São quatro filhos? E todos do mesmo marido?

– Em uma visita, se vai apenas o casal é visita mesmo, mas quando vai a família toda. . . Aí já é invasão!

E toda esta história teve início em 1996, no Japão.

Depois de meio ano estudando para uma pós-graduação no País do Sol Nascente, descobrimos que nossa primeira filha estava a caminho. E em Março, em plena Primavera japonesa, começou nossa aventura como pais.

De volta ao Brasil, trazendo uma linda garotinha nos braços, fomos morar no Rio de Janeiro, e lá a família se completou: 1998, 2001 e 2003 trouxeram mais três cariocas ao mundo!

Não sou a “melhor mãe do mundo”, mas sei o que é “padecer no Paraíso”. . .

Sei também o que é padecer em outras estações: Liberdade, São Caetano, Santo André... Ou o que é “pedir para descer” do papel de mãe ou educadora em casa.

Diante de tantos desafios, de tantos problemas do Mundo pós-moderno, descrença, desesperança e desespero podem se alojar nos corações de muitos de nós. Mas ao ver crianças

e jovens interessados em se relacionarem melhor com as pessoas, usando de boa educação no trato com os mais velhos, importando-se com os outros, informando-se sobre o meio ambiente, até interessando-se por perfis de candidatos para cargos públicos. . . (Bendita Internet, com seu acesso fácil a tantas informações e tão rapidamente!). Meu coração continua a se encher de esperanças!

Meu talento não se equipara ao de Susan Boyle, não tenho o mesmo poder mágico daquela potente voz. Mas saber que ainda tenho voz ativa e que meus filhos a escutam, me enche de satisfação. Ao mesmo tempo traz junto a grande responsabilidade de calibrá-la, de fazê-la afinada e em sintonia com a formação do caráter de cada um deles!

Sim, porque a Informação pode estar a um *click* no mundo afora, mas a Formação. . . Essa ainda requer muito trabalho, ao longo da vida!

Katia Fumie Hayashi M. Suzuki

